

**CASA DE OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PRESERVAÇÃO E GESTÃO DO
PATRIMÔNIO CULTURAL DAS CIÊNCIAS E DA SAÚDE – PPGPAT**

ELIANE BATISTA PONTES

VIDEOSAÚDE DISTRIBUIDORA DA FIOCRUZ: UMA ANÁLISE DIAGNÓSTICA DO ACERVO

Rio de Janeiro

2021

ELIANE BATISTA PONTES

**VIDEOSAÚDE DISTRIBUIDORA DA FIOCRUZ: UMA ANÁLISE DIAGNÓSTICA DO
ACERVO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a ALINE LOPES DE LACERDA

Rio de Janeiro

2021

ELIANE BATISTA PONTES

VIDEOSAÚDE DISTRIBUIDORA DA FIOCRUZ: UMA ANÁLISE DIAGNÓSTICA DO ACERVO

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Aline Lopes de Lacerda (Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz) – Orientadora

Prof. Dr. Marcos José de Araújo Pinheiro (Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz) – Avaliador

Prof. Dr. João Marcus Assis (Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos-UNIRIO) – Avaliador externo

Suplentes:

Prof.^a Dr.^a Ana Luce Girão Soares de Lima (Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Prof. Dr. Vanderlei Batista dos Santos (Arquivo histórico da Câmara dos Deputados)

Rio de Janeiro
2021

Ficha Catalográfica

P814v Pontes, Eliane Batista.

Videosaúde distribuidora da Fiocruz : uma análise diagnóstica do acervo / Eliane Batista Pontes ; orientada por Aline Lopes de Lacerda. – Rio de Janeiro : s.n., 2021. 129 f.

Dissertação (Mestrado em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde). – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2021. Bibliografia: 112-116f.

1. Recursos Audiovisuais. 2. Patrimônio Cultural. 3. Arquivos. 4. Comunicação em Saúde. 5. Brasil.

CDD 025.1

Catálogo na fonte - Marise Terra Lachini – CRB6-351

A todos que fizeram a história da VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz.

AGRADECIMENTOS

Agradeço toda a paciência, generosidade e dedicação que recebi da minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Aline Lopes de Lacerda, que muito contribuiu para a evolução deste trabalho.

Às professoras Ana Luce Girão Soares de Lima e Luciana Heymann, membras da banca de qualificação, por terem lido, analisado, comentado e me ajudado a desenvolver estes estudos.

Agradeço aos professores da banca de defesa da dissertação, Marcos José de Araújo Pinheiro, João Marcus Assis, Ana Luce Girão Soares de Lima e Vanderlei Batista dos Santos por aceitarem o convite e por todos os ensinamentos que a ocasião proporciona.

Aos professores do curso e aos coordenadores deste Programa de Mestrado, Renato Gama-Rosa e Ana Luce Girão pela aposta que fizeram em mim e, especialmente, na entrega desta dissertação. Agradeço toda a presteza da Valéria Souza, sempre muito carinhosa no trato com as nossas questões burocráticas.

Agradeço aos meus colegas de jornada, pela cumplicidade tão necessária, pelas trocas encorajadoras. Foi um prazer! Nicole, Suzana, Cíntia, Vivian e Thales.

Aos colegas do grupo Dríade Audiovisuais, na pessoa do Prof. Miguel Arellano pela oportunidade e estímulo aos estudos da preservação do audiovisual.

Agradeço ao João Guilherme Nogueira Machado, pela amizade, confiança e ensinamentos sobre a arquivística audiovisual, mas, especialmente agradeço à enorme contribuição que ofereceu à esta dissertação, sem a qual o resultado não seria o mesmo.

Aos colegas e amigos da VideoSaúde, particularmente, Rosemary, Claudia Vieira, Cleomar, Leonardo, Eneo, por tantas valiosas contribuições para a realização do diagnóstico do acervo; e à chefia – Paulo Lara e Claudia Lima – pelo apoio institucional.

Agradeço à Karina, Marco Dreer, Laurinda, Magda, Talita, Liseane, Nathacha, Juçara, Marise, Paulo Abílio, por todas as vezes que me ajudaram nesta trajetória de diversos modos.

À minha família, especialmente minha irmã Elzira e minha mãe Ana Rosa, para as quais sempre dedico minhas conquistas.

E, finalmente, agradeço ao amor da minha vida, Alfredo Jabôr, por me estimular e acreditar em mim todos os dias.

*A vida é assim:
esquenta e esfria,
aperta daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem.*

João Guimarães Rosa
(Grande Sertão Veredas)

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise situacional do acervo audiovisual da VideoSaúde Distribuidora, serviço do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT) da Fiocruz. Esta análise parte de um diagnóstico arquivístico com a finalidade de planejar sua preservação digital e subsidiar a *Política de Preservação dos Acervos Científicos e Culturais da Fiocruz*. O instrumento para coleta das informações foi elaborado, principalmente, tendo por modelo um manual do Arquivo Nacional. Para a composição desse levantamento realizou-se uma narrativa do produtor desse acervo, assim como sua caracterização quanto aos formatos, suportes, volume e gêneros discursivos audiovisuais. Apresenta-se, ainda, um histórico das formas de organização, processamento técnico e medidas de preservação as quais o acervo foi submetido ao longo do tempo. Em sua base de dados, o Banco de Recursos Audiovisuais em Saúde, estão registrados 9.203 itens, divididos entre dois conjuntos documentais – uma coleção reunida pela temática da saúde pública e o conjunto arquivístico –; os de acesso restrito à administração (são na sua maioria material não editado) e os de acesso aberto aos usuários. Este acervo começou a ser organizado há 34 anos e é composto de vídeos de diversos suportes e formatos, tanto analógico quanto digital. Entre os principais gêneros discursivos audiovisuais estão os documentários, cujo conteúdo representa um patrimônio cultural da saúde pública brasileira.

Palavras-chave: Acervo audiovisual. Patrimônio cultural. Diagnóstico. VideoSaúde Distribuidora. ICICT.

ABSTRACT

This work presents a situational analysis of the audiovisual collection of VideoSaúde Distribuidora, a service of the Institute of scientific and technological information and communication in health (ICICT) at Fiocruz. This analysis is based on an archival appraisal with the purpose of planning its digital preservation in order to subsidize Fiocruz's Policy for the preservation of scientific and cultural collections. The instrument for collecting the information was elaborated having as a model mainly a manual of the National Archives of Brazil. For the composition of this survey, a brief narrative of the producer of this collection was made, as well as: its characterization regarding formats, carriers, volume and audiovisual discursive genres; and a history of the forms of organization, technical processing and measures for collection preservation. In its database, the Audiovisual Resources in Health Database (BRAVS), there are 9,203 items registered, divided between two sets of documents - a collection brought together by the theme of public health and the archive -; those with restricted access to the administration (mainly unedited materials) and those with open access to users. This collection started to be organized 34 years ago and consists of videos of different carriers and formats, both analogue and digital; among the main audiovisual discourse genres are documentaries, whose content represents a cultural heritage of Brazilian public health.

Keywords: Audiovisual collection. Cultural heritage. Appraisal. VideoSaúde Distribuidora. ICICT.

RESUMEN

Este trabajo presenta un análisis situacional de la colección audiovisual de VideoSaúde Distribuidora, un servicio del Instituto de Comunicación e Información Científica y Tecnológica en Salud (ICICT) de la Fiocruz. Este análisis parte de un diagnóstico archivístico con el propósito de planificar su preservación digital y subsidiar la Política de Conservación de las Colecciones Científicas y Culturales de la Fiocruz. El instrumento de recolección de la información se elaboró, principalmente, teniendo como modelo un manual del Archivo Nacional. Para la composición de esta encuesta se realizó una narrativa del productor de esta colección, así como su caracterización en cuanto a formatos, soportes, volumen y géneros discursivos audiovisuales; También se presenta una historia de las formas de organización, procesamiento técnico y medidas para la preservación de la colección. En su base de datos, el Banco de Recursos Audiovisuales en Salud, se registran 9.203 artículos, divididos en dos conjuntos documentales -una colección que agrupa la temática de la salud pública y el archivo-; aquellos con acceso restringido a la administración (la mayoría de ellos son materiales sin editar) y aquellos con acceso abierto a los usuarios. Esta colección comenzó a organizarse hace 34 años y está compuesta por videos de diferentes soportes y formatos, tanto analógicos como digitales; Entre los principales géneros discursivos audiovisuales se encuentran los documentales, cuyo contenido representa un patrimonio cultural de la salud pública brasileña.

Palabras clave: Colección audiovisual. Patrimonio cultural. Diagnóstico. VideoSaúde Distribuidora. ICICT.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Recorte da tela do BRAVS (usuário interno/administrador).....	pág. 72
Figura 2 – Quadro de arranjo da VideoSaúde.....	pág. 77
Figura 3 – Catálogos do acervo – edições 1994, 1996 e 2008.....	pág. 84
Figura 4 – Depósito.....	pág 87

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Designação dos setores do ICICT, a partir de 1992.....	pág. 20
Quadro 2 – Nova denominação dos setores do ICICT, a partir de 2006.....	pág. 25
Quadro 3 – Transformação da nomenclatura do ICICT ao longo do tempo.....	pág. 26
Quadro 4 – Áreas e atribuições do Núcleo de Vídeo (1987-1988).....	pág. 45
Quadro 5 – Linha do tempo ICICT e VideoSaúde.....	pág. 48
Quadro 6 – Volume dos conjuntos documentais.....	pág. 75
Quadro 7 – Primeira lista do acervo - 1986.....	pág. 80
Quadro 8 – Composto dos conjuntos documentais do acervo da VideoSaúde.....	pág. 97
Quadro 9 – Conjunto documental arquivístico.....	pág. 102
Quadro 10 – Conjunto documental coleção.....	pág. 104

LISTA DE SIGLAS

AAB	- ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS
AN	- ARQUIVO NACIONAL
BRAVS	- BANCO DE RECURSOS AUDIOVISUAIS EM SAÚDE
CCAA	- CÓDIGO DE CATALOGAÇÃO ANGLO AMERICANO
CCS	- COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CCSDS	- <i>CONSULTATIVE COMITTEE FOR SPACE DATA SYSTEMS</i>
C&T	- CIÊNCIA E TECNOLOGIA
CICT	- CENTRO DE INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA
CIS	- CENTRO DE INFORMAÇÃO EM SAÚDE
CNPq	- CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
CNS	- CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE
COC	- CASA DE OSWALDO CRUZ
CODEARQ	- CÓDIGO DE ENTIDADE CUSTODIADORA DE ACERVOS ARQUIVÍSTICOS
CONARQ	- CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS
CPCH/CFCH	- COORDENAÇÃO DE PROGRAMAS E PROJETOS EM CIÊNCIAS HUMANAS / CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS / UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CRIDI/ICI	- CULTURA REPRESENTAÇÃO E INFORMAÇÃO DIGITAIS/INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CTIC	- CENTRO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM SAÚDE
DAD/COC	- DEPARTAMENTO DE ARQUIVO E DOCUMENTAÇÃO/CASA DE OSWALDO CRUZ
DCC	- DEPARTAMENTO DE COMPUTAÇÃO CIENTÍFICA
DCS	- DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E SAÚDE
DECT	- DEPARTAMENTO ESTUDOS EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DIS	- DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO EM SAÚDE
ENSP	- ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA SERGIO AROUCA
FAPERJ	- FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FINEP	- FINANCIADORA DE ESTUDOS E PROJETOS
GT	- GRUPO DE TRABALHO

HD	- <i>HARD DISC</i>
IASA	- <i>INTERNATIONAL ASSOCIATION OF SOUND AND AUDIOVISUAL ARCHIVES</i>
IBICT	- INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA
ICICT	- INSTITUTO DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA
IFAP	- <i>INFORMATION FOR ALL PROGRAMME</i>
IFLA	- <i>INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS</i>
INCQS	- INSTITUTO NACIONAL DE CONTROLE DA QUALIDADE EM SAÚDE
INPI	- INSTITUTO NACIONAL DE PROPRIEDADE INTELECTUAL
IOC	- INSTITUTO OSWALDO CRUZ
ISAD(G)	- <i>GENERAL INTERNATIONAL STANDARD ARCHIVAL DESCRIPTION</i>
ISO	- <i>INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION</i>
LACES	- LABORATÓRIO DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO
LAI	- LEI DE ACESSO À INFORMAÇÃO
LIS	- LABORATÓRIO DE INFORMAÇÃO EM SAÚDE
LTO	- <i>LINEAR TAPE-OPEN</i>
NECT	- NÚCLEO DE ESTUDOS EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA
NEP	- NÚCLEO DE ESTUDOS ESPECIAIS DA PRESIDÊNCIA
NEPCOM	- NÚCLEO DE ESTUDOS E PROJETOS EM COMUNICAÇÃO
NVT	- NÚCLEO DE VÍDEO
OAIS	- <i>OPEN ARCHIVAL INFORMATION SYSTEM</i>
ONG	- ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL
PPD	- PROGRAMA DE PRESERVAÇÃO DIGITAL
PPGICS	- PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM SAÚDE
PRONITOX	- PROGRAMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES TÓXICO-FARMACOLÓGICAS
RADIS	- REUNIÃO, ANÁLISE E DIFUSÃO DE INFORMAÇÃO SOBRE SAÚDE
RDC-Arq	- REPOSITÓRIO ARQUIVÍSTICO DIGITAL CONFIÁVEL
RSB	- REFORMA SANITÁRIA BRASILEIRA
SIBI	- SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS
SIC	- SUPERINTENDÊNCIA DE INFORMAÇÃO CIENTÍFICA

SICT	- SUPERINTENDÊNCIA DE INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA
SIGDA	- SISTEMA DE GESTÃO DE DOCUMENTOS E ARQUIVOS
SINITOX	- SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES TÓXICO-FARMACOLÓGICAS
SUS	- SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE
TB	<i>TERABYTE</i>
TIC	- TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
UNESCO	- <i>UNITED NATIONS EDUCATIONAL SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION</i>
UTV	- CANAL UNIVERSITÁRIO DO RIO DE JANEIRO
VSD	- VIDEOSAÚDE DISTRIBUIDORA DA FIOCRUZ

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
PARTE I	10
1. DE SUPERINTENDÊNCIA DE INFORMAÇÃO CIENTÍFICA (SIC) A INSTITUTO DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA EM SAÚDE (ICICT) – ORIGENS E DESENVOLVIMENTO	10
1.1 O ICICT antes do ICICT: antecedentes.....	11
1.2 Os primeiros passos: aglutinação (1986-1992).....	15
1.3 Os anos de consolidação (1992-2006).....	20
1.4 “Concepção moderna de Comunicação”: o ICICT e a consolidação de um campo do conhecimento.....	26
2. PATRIMÔNIO, PRESERVAÇÃO E ICICT	28
2.1 Os acervos do ICICT.....	28
2.2 O Preservo e a Política de Preservação dos Acervos Científicos e Culturais da Fiocruz.....	32
PARTE II	39
1. DIAGNÓSTICO: NOTAS SOBRE FORMATOS E FUNÇÕES DO INSTRUMENTO	40
2. HISTÓRIA DE CRIAÇÃO DO ACERVO DA VIDEOSAUDE DISTRIBUIDORA	44
2.1 De Núcleo de Vídeo a Departamento de Comunicação e Saúde (1987-1995).....	47
2.2 Histórico de formação do acervo audiovisual.....	56
3. CARACTERÍSTICAS DO ACERVO	63
3.1 A formação da coleção.....	65
3.2 O conjunto arquivístico.....	66
3.2.1 As séries documentais arquivísticas.....	67
3.3 Processamento técnico e catalogação no sistema.....	71
3.3.1 Documentos arquivísticos digitais.....	75
4. HISTÓRICO DE TRATAMENTO TÉCNICO	78
4.1 As primeiras listas de títulos de vídeos e filmes.....	78
4.2 Acesso e difusão: usuários e catálogos.....	82
5. AÇÕES DE PRESERVAÇÃO DO ACERVO	86
5.1 O desafio digital.....	89
6. FORMULÁRIOS DE LEVANTAMENTO DE DADOS DO ACERVO	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS	106

REFERÊNCIAS	112
ANEXOS	117
Anexo 1 – Portaria de criação do SIC (ICICT).....	117
Anexo 2 – Portaria de criação do Núcleo de Vídeo.....	118
Anexo 3 – Cartaz de divulgação 1ª Mostra de vídeo da Fiocruz.....	119
Anexo 4 – Prospectos de divulgação Curso de Aperfeiçoamento.....	120
Anexo 5 – Documento de Cessão de Direitos.....	121
Anexo 6 – <i>Template</i> do BRAVS.....	122
Anexo 7 – Organograma Fiocruz.....	123
Anexo 8 – Organograma ICICT.....	124
APÊNDICE	125
Transcrição Vídeo VIDEOSAÚDE 21 ANOS.....	125

INTRODUÇÃO

“A experiência humana, em sua imensa diversidade, tem produzido e acumulado um grande número de registros que a testemunham e indicam os caminhos trilhados, possibilitando o seu conhecimento e reavaliação” (TESSITORE, 2003, p.11)

O desafio da preservação de acervos de vídeos se impõe nas mais diversas frentes. Formular projetos e pensar em instrumentos que possibilitem a conservação, a manutenção da identidade e a integridade de documentos para a posteridade não é uma atividade simples, especialmente quando lidamos com um presente onde os recursos tecnológicos modificam-se velozmente, transformando, em um curto prazo de tempo, uma tecnologia de ponta em algo totalmente ultrapassado.

Os acervos audiovisuais, inseridos nessas discussões, são documentos de arquivo relativamente recentes em nossa história com características específicas e variedade de formatos, que enfrentam obstáculos quanto à obsolescência tecnológica. Logo, o que se apresentam são dilemas dos mais variados que giram em torno das transformações exigidas pelo avanço das tecnologias digitais.

Este trabalho tem por objetivo elaborar um diagnóstico do acervo audiovisual da VideoSaúde Distribuidora, um serviço do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT) da Fiocruz. Em linhas gerais, partindo do diagnóstico arquivístico, pretende-se reunir as informações sobre o acervo como um todo de forma a facilitar sua gestão, além de servir para planejar a sua preservação digital, seguindo parâmetros de boas práticas. Este objetivo é ancorado nas diretrizes gerais da *Política de Preservação dos Acervos Científicos e Culturais da Fiocruz*¹.

¹ FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Política de Preservação dos Acervos Científicos e Culturais da Fiocruz. 2. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2020. 72 p. Link de acesso: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/44749> Acesso em 03/03/2021

Por meio desse instrumento, apresentaremos o processo histórico de formação do acervo; caracterizando-o no que diz respeito aos formatos, suportes e gêneros discursivos audiovisuais presentes e buscando produzir um histórico sobre as formas de sua organização, seu processamento técnico e as medidas de conservação tomadas ao longo do tempo relacionadas ao acesso e à distribuição de seu conteúdo.

A opção pela VideoSaúde Distribuidora como objeto de interesse para essa dissertação partiu de minha própria experiência junto a este acervo. Graduada em Comunicação e com especialização em Comunicação e Saúde, a partir do ano 2000 trabalhei como produtora de vídeos do então Departamento de Comunicação e Saúde (DCS), atual VideoSaúde Distribuidora (VSD).

Entre as atividades desenvolvidas por esta subunidade, tive a oportunidade de colaborar com gravações do *Programa VideoSaúde*, contendo entrevistas com pesquisadores, cientistas e profissionais das mais variadas áreas, especialmente ligadas ao escopo de atuação da Fiocruz. Também atuei nos processos de registros e gravações de eventos técnico-científicos da instituição, além de estar envolvida na produção de diversos documentários sobre os mais variados temas da saúde pública.

Em 2013 assumi o posto de coordenadora da VideoSaúde Distribuidora. A posição de gestora me permitiu lançar novos olhares sobre esse organismo, principalmente para o acervo e a necessidade de preservá-lo para manter o acesso aos seus documentos. No caso específico da VideoSaúde, cuja missão se fundamenta na premissa de que a comunicação é um bem público, existe também uma grande preocupação com a durabilidade desses documentos. O avanço da tecnologia nos impulsiona a repensar as estruturas tradicionais de acervo, em uma nova cultura onde processos precisam ser estudados e incorporados no dia a dia da equipe em favor da preservação e do contínuo acesso aos seus conteúdos. A preservação digital, com isso, é percebida como o caminho que possibilita o acesso para públicos cada vez mais amplos e por longo prazo.

A experiência como gestora, que durou quatro anos, foi determinante para compreender a importância de se preservar o ativo contido no acervo da

Distribuidora, assim como fez crescer o interesse em contribuir para a discussão do campo da preservação dos arquivos audiovisuais sobre saúde. Essa visão foi reforçada em 2018 graças ao convite do professor Rubens Ribeiro Gonçalves da Silva, coordenador do Grupo de Estudos sobre Cultura, Representação e Informações Digitais do Instituto de Ciência da Informação (CRIDI/ICI) da Universidade Federal da Bahia, para que a VideoSaúde viesse a integrar a Iniciativa *Legatum*. A Iniciativa *Legatum* é um projeto de experimentação científica e tecnológica que, por meio de uma plataforma digital, atua no desenvolvimento e aprendizagem do uso de ferramentas para representação, preservação e acesso de informação em plataformas digitais (SILVA, 2019). A VideoSaúde ampliou seu interesse em desenvolver soluções para a preservação e o acesso digital ao seu acervo a partir de então.

Com isso, a principal motivação para ingressar no Mestrado Profissional em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde foi justamente a ideia de discutir a preservação digital do acervo da VideoSaúde, colocando a história desse setor em evidência. De certo modo, conhecer por dentro as estruturas desse serviço oferece vantagens e desvantagens. A proximidade por vezes se transformou em entraves, sendo o principal deles a dificuldade em me afastar do objeto para analisá-lo de forma mais ampla e imparcial.

Ao ingressar no programa de Mestrado, a proposta inicial de pesquisa se referia basicamente em olhar para o acervo e estruturar um projeto para a sua preservação digital. Porém, as discussões durante as aulas de Metodologia apontaram para a necessidade de se fazer uma análise desse acervo, partindo de um levantamento histórico e situacional da constituição e dos processos de conservação no qual foi submetido. A justificativa para tal estudo se dá, inclusive, por não haver um documento que concentre a sistematização desse setor.

Assim, em trabalho conjunto com minha orientadora professora Aline Lopes de Lacerda, chegamos à proposta de elaboração do diagnóstico do acervo, com vistas a planejar a sua preservação digital. Para tanto essa investigação se debruçou sobre as dimensões de formação, crescimento e consolidação deste acervo. Ao empreender esse levantamento e sistematização

das informações sobre ele, temos como propósito fundamental conhecer para melhor planejar ações de preservação digital.

Ao tratarmos do desenvolvimento desse trabalho, não podemos deixar de registrar o contexto excepcional de pandemia da Covid-19 em que estamos imersos, desde março de 2020. A pandemia dificultou a continuação da pesquisa por não ser possível ir até certas localidades (como o acervo de vídeos) para coletar dados. Além disso, equilibrar a vida a partir de uma nova rotina, tem sido um enorme desafio em meio a tantas incertezas e o isolamento social. Em razão disso, parte das informações componentes do diagnóstico, que será apresentado nas próximas páginas, foram captadas a partir do Banco de Recursos Audiovisuais em Saúde (BRAVS)².

Após essas primeiras considerações sobre os objetivos desse trabalho e os caminhos que levaram à escolha desse objeto, acreditamos ser importante contextualizar historicamente o espaço onde a VideoSaúde está localizada e em que bases este campo de ação se estruturou.

Como já foi apontado, a VideoSaúde Distribuidora é uma subunidade do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fiocruz. O ICICT tem suas origens nos anos 1980, e tornou-se um dos pilares para a assistência das variadas demandas em informação e comunicação da Fundação Oswaldo Cruz. De modo geral, os debates estabelecidos neste organismo foram responsáveis pela criação do campo da Comunicação e Saúde.

O hoje denominado ICICT é uma unidade técnico-científica da Fiocruz que foi criada como Superintendência de Informação Científica (SIC), com atribuições de “implantar e gerenciar as necessidades de infraestrutura, particularmente da informática, e de imprimir uma nova racionalidade organizativa em relação ao acervo e disseminação bibliográfica” (CARDOSO, 1994, p. 30).

Junto às suas transformações, foi incorporado e ampliado o acervo audiovisual, sob a responsabilidade da VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz, um setor do instituto, cuja formalidade se deu em 1988 como Núcleo de Vídeo. Ao

² O BRAVS é o sistema de informação do acervo da VideoSaúde, desenvolvido pela área de informática do ICICT no início dos anos 1990.

longo de mais de três décadas, a VideoSaúde se desenvolveu em estrutura e manteve seu propósito inicial de mapear, reunir, catalogar, divulgar, preservar, além de oferecer acesso aos documentos audiovisuais existentes no acervo.

Atualmente este acervo é composto de material analógico e digital. Por isso, as análises que nos propomos a realizar incluem elementos trazidos por ambas as referências, visando auxiliar no planejamento das atividades para sua preservação digital. A metodologia sugerida pelo manual do Arquivo Nacional, que tomamos por referência, nos indica a importância de ter presente os objetivos a serem alcançados e, para isso, a necessidade de se elaborar questões específicas que se aplicam ao acervo que se quer investigar (Arquivo Nacional, 1985, p.13).

Logo, o acervo da VideoSaúde enfrenta questões importantes no que se refere às transformações que as tecnologias digitais impõem, especialmente para a gestão da informação. Algumas questões norteiam nosso caminho, visam apresentar que acervo é esse e como manter este acervo preservado e acessível em longo prazo para seus usuários. Deste modo, buscamos identificar a história arquivística desse acervo, além de apontar para necessidades de documentar os processos, como medida fundamental das ações de preservação, entre outras.

Podemos depreender, entre muitas outras, que este setor vem adotando medidas para adequar o tratamento arquivístico em consonância com as questões hoje em pauta sobre gestão de documentos digitais. A partir do momento em que obtive o registro CODEARQ³, do Conselho Nacional de Arquivos, obtive o reconhecimento de instituição custodiadora de acervo arquivístico, ampliou suas ações em favor de reconfigurar fluxos de trabalho para absorver mudanças, a começar pela estruturação de um novo quadro de arranjo do acervo, que se apresenta em estrutura hierárquica de seção, série, subsérie e um gerenciamento da informação através de metadados.

³ CODEARQ é Código de Entidade Custodiadora de Acervos Arquivísticos do Cadastro Nacional de Entidades Custodiadoras de Acervos Arquivísticos, cujo objetivo é fornecer o código previsto na Norma Brasileira de Descrição Arquivística (NOBRADE) instituído pela Resolução nº28 do Conselho Nacional de Arquivos. Mais informações, vide: <<https://www.gov.br/conarq/pt-br>> Acesso em 05/01/2021.

Por meio de um trabalho conjunto entre a VideoSaúde e o Sistema de Gestão de Documentos e Arquivos da Fiocruz (SIGDA) sobre a classificação dos documentos arquivísticos audiovisuais, orientados pelos instrumentos de gestão de documentos arquivísticos, confirma-se o caráter permanente dos vídeos que integram o conjunto arquivístico da VideoSaúde. Tanto o *Código de Classificação* quanto a *Tabela de Temporalidade e Destinação de Documentos*⁴, informam que o documento audiovisual já nasce permanente e desse modo ele é tratado no acervo, sendo registrado em um banco de dados próprio. O que quer dizer que não serão objeto de avaliação e seleção, visando a uma possível eliminação nas fases de gestão de documentos de arquivo. Assim considerado, o audiovisual é tratado no acervo da VideoSaúde como item a ser incorporado ao arranjo estabelecido para os documentos permanentes e descrito de acordo com os padrões estabelecidos no banco de dados, que possibilitará seu acesso *online*.

Assim, tendo como base o documento digital, foi elaborado o *Plano de Preservação Digital da VideoSaúde*⁵. Este plano integra um processo institucional que parte da *Política de Preservação dos Acervos Científicos e Culturais da Fiocruz* e do *Programa de Preservação Digital de Acervos da Fiocruz*⁶. O *Plano de Preservação Digital da VideoSaúde* apresenta em detalhes ações entendidas como necessárias para a implementação do tratamento adequado e específico para os documentos arquivísticos nato digitais ou digitalizados em consonância com o modelo de referência *Open Archival*

⁴ *Código de Classificação e Tabela de Temporalidade e Destinação* são dois instrumentos de gestão de documentos de arquivo do Sistema de Gestão de Documentos e Arquivos da Fiocruz (SIGDA), visam classificar, avaliar e definir a destinação final dos documentos produzidos ou recebidos pela instituição. Estes instrumentos foram aprovados pelo Arquivo Nacional através da Portaria nº 328, de 08/11/2018 e publicada no Diário Oficial da União em 12/11/2018.

Disponíveis em:

http://www.sigda.fiocruz.br/images/pdf/Codigo_de_classificacao_de_documentos_de_arquivo_da_Fiocruz_MEIO_FIM_dez2018.pdf

http://www.sigda.fiocruz.br/images/pdf/TTD_PARA_ATIVIDADES_FIM_DA_FUNDACAO_OSWALDO_CRUZ.pdf

Acesso em 05/01/2021.

⁵ O Plano de Preservação Digital da VideoSaúde foi lançado em 2020 e está disponível no Repositório Institucional Arca: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/44220> Acesso em 03/02/2021.

⁶ O *Programa de Preservação Digital de Acervos da Fiocruz*, lançado em 2020, está disponível no Repositório Institucional Arca: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/44220> Acesso em 21/04/2021. FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Programa de Preservação Digital de Acervos da Fiocruz. Rio de Janeiro, 2020. 37 p.

Information System (OAIS). Este modelo de referência – que se destina a especificar critérios para a preservação digital e é regulada pela norma internacional ISO 14.721/2012 – assegura que esse tratamento se dê com as melhores práticas em preservação digital, inclusive com a utilização de um repositório de preservação em conformidade com a Resolução nº 43 do Conselho Nacional de Arquivos.

A VideoSaúde é um departamento que se constituiu em semelhança a um centro de documentação por sua lógica de custodiar vídeos sobre saúde e de dar acesso aos seus conteúdos, além de se colocar como consultor na sua área de atuação e oferecer cursos e oficinas. Embora não tenha sido registrado com esse nome – centro de documentação – houve um movimento para a criação da estrutura de um centro de referência, cuja sistemática de trabalho incorporava o intercâmbio, divulgação e integração de experiências relacionadas ao audiovisual. Esse movimento ficou circunscrito apenas em minutas de projetos, preparadas por seus responsáveis. Para estas finalidades, seus organizadores estabeleceram a missão de concentrar no acervo não só vídeos de sua própria produção, mas também produções de terceiros.

Essa lógica, de reunir vídeos temáticos e independentemente da proveniência, visava a criação de uma rede de produtores de conteúdo audiovisual em conexão com diversos públicos interessados nos temas da saúde pública. Sendo assim, trata-se de acervo que integra dois conjuntos documentais de naturezas distintas, configurando um hibridismo entre arquivo e biblioteca. Um deles, o arquivo das produções audiovisuais da própria VideoSaúde; o outro, um conjunto colecionado pela instituição tendo como objetivo servir de referência para a difusão de produções audiovisuais na área e na temática de expertise da distribuidora.

Em suma, cabe apontarmos brevemente alguns aspectos metodológicos desta dissertação, assim como as etapas que a compõem. *A priori*, este trabalho foi realizado partindo do levantamento de informações buscadas nos arquivos documentais da instituição. Estes arquivos foram os mais diversos, começando pelos arquivos documentais do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz (DAD/COC). Neste local, encontramos no acervo arquivístico documentos fundamentais como a *História Administrativa*, que são

os documentos administrativos emitidos pela presidência da Fiocruz – portarias que dão conta das ações formais de composição oficial das unidades e subunidades da instituição, por exemplo, que se encontram digitalizadas.

As informações importantes para a reconstituição da história da VideoSaúde – a exemplo de dados sobre o Núcleo de Vídeo quando ainda integrava a Coordenadoria de Comunicação Social da presidência da Fiocruz, na década de 1980 – foram encontradas no Fundo Presidência, no DAD. Do mesmo modo foi necessário buscar informações nos arquivos documentais intermediários do ICICT. Lá encontramos relatórios técnicos e relatórios de atividades importantes para estruturar a sequência dos acontecimentos relativos ao desenvolvimento da história da unidade e sua estrutura organizacional.

Para os aspectos relacionados à constituição do acervo foi preciso buscar informações nos documentos que estão armazenados no arquivo da própria VideoSaúde. Outra fonte importante para a elaboração deste trabalho foram as entrevistas⁷ realizadas em 2009 para compor um documentário de celebração do 21º ano da VideoSaúde. Nestas gravações – especificamente no material não editado, conhecido também como material bruto – as entrevistas com os profissionais que estiveram na primeira formação do Núcleo de Vídeo (Áurea Pitta, Janine Cardoso, Homero Carvalho e Sérgio Brito) apresentam aspectos da formação desse setor.

Este trabalho se constitui de duas partes. Na Parte I nos detemos a apresentar o ICICT, o produtor do acervo, nos guiando a partir de sua trajetória de formação e processo de consolidação institucional, através de suas atividades ao longo dos anos 1990 e 2000. Abordaremos os acervos que compõem esse órgão e discutiremos algumas políticas que foram formuladas e adotadas, dedicando atenção ao *Preservo – Complexo de Acervos*⁸ e a *Política*

⁷ As entrevistas, que serviram de referência, podem ser vistas no documentário “VideoSaúde 21 anos”. Há uma transcrição deste documentário no Apêndice deste trabalho (p.125). O vídeo está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JkW23eGq2Ic&t=269s> Acesso 03/03/2021.

⁸ *Preservo-Complexo de Acervos da Fiocruz* é uma instância orientadora de ações e processos integradores relacionados aos acervos científicos e culturais da instituição. É formada por representantes de várias unidades da Fiocruz que custodiam acervos, como a COC, o ICICT e o IOC. Surge efetivamente como projeto selecionado por edital do Programa de Preservação de Acervos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), em 2010 (PINHEIRO; COELHO, 2019, p.1741). Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11997/16423> Acesso: 03/04/2021.

de Preservação dos Acervos Científicos e Culturais da Fiocruz. Conhecer a trajetória do produtor dos documentos é essencial para o entendimento não só dos fatores que concorreram para o processo de formação do acervo como também para dotar os documentos individualmente de um contexto de informações sobre a sua produção que, de um modo geral, não estão presentes em cada documento *per se*.

Em seguida, na Parte II, nos dedicamos à elaboração do diagnóstico do acervo, realizando uma breve discussão sobre a pertinência desse instrumento e dessa iniciativa para uma gestão de um serviço de arquivo e, em subsequência, apresentaremos um histórico da trajetória institucional da VideoSaúde Distribuidora. Em destaque os seus conjuntos documentais, incluindo fichas com indicações de volume e gênero discursivo audiovisual; histórico de tratamento técnico, compreendendo a forma de sua organização e descrição, além de seus instrumentos de acesso e controle; história das ações de preservação, incluindo a digitalização. Descreveremos, ainda, a forma de acesso ao acervo por seus usuários, além das ações de difusão de seus conteúdos.

Em continuidade, elaboramos uma descrição do acervo apontando suas principais características, além de sistematizar ações de tratamento técnico dos seus conteúdos, bem como de preservação de seus suportes. Por fim, apresentaremos as fichas e os resultados obtidos por meio do levantamento dos itens que compõem o acervo dessa unidade. Embora as informações partam do registro no Banco de Recursos Audiovisuais em Saúde (BRAVS), oferecendo uma visão “de baixo”, esse diagnóstico segue o movimento inverso, oferecendo uma visão mais geral do acervo.

PARTE I

1. DE SUPERINTENDÊNCIA DE INFORMAÇÃO CIENTÍFICA (SIC) A INSTITUTO DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA EM SAÚDE (ICICT) – ORIGENS E DESENVOLVIMENTO

O objeto deste trabalho é o acervo audiovisual do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (ICICT/Fiocruz). Para apresentarmos os aspectos relacionados à formação, crescimento e consolidação deste acervo é importante contextualizar historicamente o espaço onde está localizado, em que bases este campo de ação se estruturou, seus principais atores e a formação de um patrimônio audiovisual na área da saúde pública.

Assim, neste primeiro momento, apresentaremos um breve histórico da formação do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT): como esta unidade foi formada, tendo em vista o fortalecimento do campo da Informação e da Comunicação em saúde e a sua relevância no processo de estabelecimento do Sistema Único de Saúde (SUS).

Abordaremos também a trajetória de desenvolvimento e consolidação do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica, seus aspectos gerais de pesquisa, desenvolvimento tecnológico e ensino em sua área de atuação. Considerando seus primeiros objetivos, voltados à assistência de múltiplas demandas em informação e comunicação da Fiocruz, destacaremos os aspectos relacionados aos seus acervos Bibliográfico e Audiovisual.

Partimos do entendimento de que o patrimônio cultural, gerado e acumulado pelo ICICT, guarda aspectos da atuação da Fiocruz na área da informação e da comunicação e, por conseguinte, tornou-se, ao longo do tempo, fonte para estudos e pesquisas da história institucional. Estamos tomando a acepção de patrimônio cultural a partir da perspectiva da *Política de Preservação dos Acervos Científicos e Culturais da Fiocruz* que identifica as “criações

científicas, artísticas e tecnológicas” bem como “obras, objetos, documentos”, entre outros (FIOCRUZ, 2020, p.8).

A partir desta análise, serão apresentadas questões relativas à consciência institucional quanto ao seu patrimônio científico e cultural e o modo como o acervo audiovisual tem sido considerado. Neste sentido, será discutida a proposição da preservação digital partindo da instauração do *Preservo: Complexo de Acervos da Fiocruz* e suas consequências, como a *Política de Preservação dos Acervos Científicos e Culturais da Fiocruz* e o arcabouço teórico-metodológico que advém destas dimensões.

Em um segundo momento, apresentaremos a VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz. Esta subunidade é responsável pela gestão, preservação e acesso ao acervo audiovisual do ICICT. Ela foi constituída para ser uma proposta de trabalho em comunicação pública e se tornou um polo de referência para a reunião e circulação de vídeos sobre saúde, além de ter contribuído para o legado da comunicação e saúde. Esta comunicação pública acontece no “espaço formado pelos fluxos de informação e de interação entre agentes públicos e atores sociais” em temas movidos pelo interesse público, conforme a definição de “comunicação pública” na Política de Comunicação da Fiocruz (FIOCRUZ, 2016, p. 31).

1.1 O ICICT antes do ICICT: antecedentes

O desenvolvimento do ICICT é paulatino e atravessado por diferentes processos de modificações, incluindo sua nomenclatura e finalidade. Além de trocar de nome, passou de unidade de apoio administrativo à apoio técnico e finalmente à unidade técnico científica. O que hoje conhecemos como Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, da Fundação Oswaldo Cruz é, em grande medida, produto de mais de três décadas de

demandas, discussões e transformações que resultou na criação de um campo⁹ científico, o campo da “Comunicação e Saúde”.

Em linhas gerais “Comunicação e Saúde” é resultado da associação de dois campos, que têm um percurso de aproximação desde os anos 1920, no Brasil. Porém, como campo científico, de desenvolvimento de estudos e pesquisas, desde os anos 1990, com a consolidação do Sistema Único de Saúde. Para Araújo e Cardoso (2007), comunicação e saúde se relaciona com a noção de direitos civis. Este campo se dirige aos cidadãos e objetiva lhes garantir informação suficiente de modo a ampliar a participação social nas políticas de saúde. Desse modo, o cerne dessa prática comunicativa são os princípios do SUS (ARAÚJO; CARDOSO, 2007; FIOCRUZ, 2016).

A idealização do Instituto nos moldes que o criaram na segunda metade dos anos 1980, tem como fator fundamental os debates do movimento da Reforma Sanitária Brasileira (RSB), realizados nos anos 1970 e 1980. Fomentada junto à sociedade civil, este movimento tornou-se importante ao unir, em pleno Regime Militar (1964-1985), as bandeiras de reestruturação do sistema de saúde no país e da democracia, apresentando como palavras de ordem: “saúde é democracia, democracia é saúde”.

Não sendo nosso objetivo aprofundarmos nos resultados efetivos da RSB, o que nos interessa são suas influências na ampliação da noção de saúde. Para tanto, os debates que se sucederam a partir desta iniciativa, passaram a conceber a saúde como um direito de cidadania, ou seja, um dever do Estado, que precisa estar garantido na Constituição. Por consequência, os campos da informação, comunicação e educação passaram a ser defendidos como inerentes ao direito à saúde (ARAÚJO; CARDOSO, 2007).

Nesse sentido, a VIII Conferência Nacional de Saúde¹⁰ (CNS), realizada em 1986, é apontada como um momento fundamental para a sintetização destas

⁹ Campo, palavra comum no mundo acadêmico, segundo Araújo e Cardoso (2007), a abordagem mais amplamente disseminada pertence a Pierre Bourdieu, que a menciona como *espaço multidimensional, objetivo e estruturado de posições, que define condições de produção de sentidos sociais*.

¹⁰ As conferências de saúde foram instituídas pela Lei nº 378, de 1937, e reguladas como instância colegiada do SUS pela Lei nº 8.142, de 1990. As Conferências Nacionais de Saúde são destinadas à formulação das diretrizes políticas da saúde através da representação de segmentos sociais nas três esferas de governo. A 8ª é um marco pois forneceu bases para a

ideias, ampliando o conceito de saúde¹¹. Em defesa de uma reforma total, não restrita apenas aos polos administrativo e financeiro, foi nesse espaço de debates que a noção de sistema de saúde foi remodelada, agregando não só atividades ligadas diretamente à saúde, mas à assimilação de áreas que auxiliem no funcionamento pleno e democrático desse organismo.

O que esteve em jogo nesse momento não seria apenas o direito à informação, mas a construção de um sistema de saúde que disponibilizasse meios pelos quais a sociedade civil obtivesse instrumentos para se expressar, ser ouvida e ser levada em consideração – como salientam Inesita Araújo e Janine Cardoso (2007). A partir destas iniciativas, diversos movimentos passaram a contribuir para que o campo da comunicação viesse a ser reconhecido como fundamental para a participação e para o controle social.

Nesse quadro, a Fundação Oswaldo Cruz teve papel ativo tanto nas ações ligadas à RSB, como na introdução da comunicação no âmbito da saúde. Para tanto, ainda em 1982, foi criado o Programa RADIS¹², sendo um dos seus principais idealizadores o professor Sérgio Goes de Paula, do Departamento de Ciências Sociais da Escola Nacional de Saúde Pública¹³ (AZEVEDO, 2016, p.18)¹⁴. A proposta inicial do Radis era a construção de um espaço de divulgação de discussões sobre temas do campo da saúde, voltados para alunos e profissionais da área. Tornou-se uma revista de cunho jornalístico, especializada em informação e comunicação dedicada à saúde pública.

elaboração do capítulo sobre a saúde na Constituição Federal de 1988 e também para a criação do SUS. A mais recente foi a 16ª em 2019. Mais sobre CNS: <http://www.ccs.saude.gov.br/cns/s>

¹¹ O conceito de saúde como *estado de completo bem estar físico, mental e social, e não simplesmente ausência de doença* foi expresso na Declaração de Alma-Ata, documento síntese da Conferência Mundial sobre Cuidados Primários, organizado pela Organização Mundial de Saúde na República do Cazaquistão, em 1978. Esse conceito ampliado é posteriormente reforçado em diversos outros eventos e exerce influência sobre a relevância que a informação e a comunicação têm sobre a saúde.

¹² RADIS, Reunião, Análise e Difusão de Informação sobre Saúde - Programa instituído em 1982, na Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP/Fiocruz), destinado a publicações jornalísticas.

¹³ O Departamento de Ciências Sociais é o mesmo que algum tempo mais tarde estaria envolvido com o Núcleo de Vídeo da Fiocruz na tarefa de apoiar a realização do Curso de Atualização em Comunicação e Saúde.

¹⁴ AZEVEDO, Otto Santos de. A reforma sanitária no Brasil: um estudo do Proposta – Jornal da Reforma Sanitária/RADIS/Fiocruz (1987-1994). 2016. 128 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, 2016.

Acompanhando a extensão cada vez maior que as TICs – Tecnologias de Informação e Comunicação – começavam a ocupar junto à sociedade, a Fiocruz passou a intensificar as suas ações nessa área. Como afirma Umberto Trigueiros (2016)¹⁵, com a iminência dos anos 1980, que trouxe à tona a expansão dos meios de comunicação e da “era do conhecimento e da informação em larga escala”, a administração da Fundação passou a direcionar a este campo cada vez mais investimentos.

Logo, em 1985 a Fiocruz instituiu o *Centro de Informações para a Saúde*¹⁶, por meio do Ato nº 129/85-PR. O objetivo deste centro girava em torno da análise das necessidades institucionais para a organização de um sistema de informações para a saúde ligado à presidência da Fiocruz. Na ocasião, à frente desse Centro estava o epidemiologista e pesquisador da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Euclides Ayres de Castilho que fora convidado pelo então presidente da Fiocruz, Sergio Arouca, para desenvolver a área de informação em saúde na instituição.

Em seguimento a uma reforma administrativa pela qual passava a Fiocruz, são criadas unidades que diversificam e ampliam suas atividades no campo da informação, da divulgação científica, mas também da preservação do seu patrimônio. Nos referimos aqui à criação do ICICT e da Casa de Oswaldo Cruz (COC)¹⁷.

Ao longo de suas trajetórias, estas unidades se uniram em diversos momentos, compartilhando objetivos e no auxílio à construção de projetos de produção e de proteção de seus acervos, visto que o ICICT abrigava o acervo de obras raras e parte do acervo bibliográfico da Fiocruz e na COC havia acervos

¹⁵ TRIGUEIROS, U. Icict 30 anos: um novo olhar para comunicação e a informação. Revista Inova - Especial 30 anos. 2016. Disponível em: icict.fiocruz.br/inovaicict/30anos. Acesso: 22/02/2020.

¹⁶ Este Centro é marco inicial do desenvolvimento da área de informação na Fiocruz, visto que antecede a criação da unidade dedicada ao campo, ICICT, e se integra a ela no momento de sua criação.

¹⁷ A COC foi instituída pelo ATO Nº 221/85-PR, em 19/11/1985, com os seguintes objetivos: “1) Coordenar e desenvolver atividades de recuperação da memória e da pesquisa histórica referente à Fiocruz e à saúde em nosso país; 2) Estabelecer uma política de preservação documental no âmbito da Fiocruz; 3) Estabelecer Plano Diretor para o melhor aproveitamento do complexo arquitetônico e do Campus de Manguinhos para fins de valorização do patrimônio histórico e artístico e de animação cultural; 4) Coordenar e desenvolver atividades de animação cultural no âmbito da Fiocruz”.

institucionais permanentes que, da mesma forma, necessitavam ser preservados. Dessa forma, podemos observar a união do ICICT e da COC – de acordo com suas atribuições – na produção de documentários e na elaboração de projetos e políticas de preservação.

A pesquisa de Juçara Palmeira Fernandes (2019)¹⁸ atesta que 18 das 20 produções realizadas pelo Departamento de Arquivo e Documentação da COC, foram realizadas graças a algum nível de parceria com o setor de vídeos do ICICT, do qual trataremos mais adiante¹⁹.

1.2 Os primeiros passos: aglutinação (1986-1992)

O ICICT²⁰ foi criado como unidade técnico-administrativa por meio do Ato Nº 047-PR, de 07 de abril de 1986, sob a denominação de *Superintendência de Informação Científica*. Definido neste Ato como seus objetivos os de “dirigir, coordenar e supervisionar as atividades relacionadas com a preservação, processamento e divulgação de informação científica necessárias ao desenvolvimento das ações da Fundação Oswaldo Cruz”. Nesse primeiro

¹⁸ FERNANDES, Juçara Palmeira. Patrimônio audiovisual em saúde no Brasil: Manual de tratamento do acervo da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural da Ciências e as Saúde. Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2019, 149 f.

¹⁹ Para mais detalhes, na obra de Fernandes encontramos, no Apêndice E (p. 98) uma listagem de produções do DAD/COC/Fiocruz. Mais à frente, no Apêndice J (pp. 122-137), a autora apresenta as fichas técnicas contendo os créditos das obras.

²⁰ Esta unidade é criada como *Superintendência de Informação Científica* (SIC), em 1989 passa a ser denominada *Superintendência de Informação Científica e Tecnológica*, (SICT), em 1992, *Centro de Informação Científica e Tecnológica* (CICT), e em 2006, recebe a nomenclatura atual, ICICT. E assim será referida neste trabalho.

momento, aglutinava o Centro de Informações para Saúde²¹, as Bibliotecas²² e o setor de Multimeios²³.

Em sua estrutura inicial, foram direcionados ao ICICT setores já existentes²⁴ na Fiocruz, à exceção da criação do Centro de Computação Científica, em 1987. Este Centro teve por objetivo treinar em informática a comunidade científica, além de criar e manter bancos de dados científicos e tecnológicos, divulgar e disseminar informações contidas em bases de dados. Por meio de um projeto de apoio de financiamento da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) foi possível estruturar um Centro de Processamento de Dados em Informação Científica, sendo este, parte estruturante deste setor.

Outras ações relevantes desenvolvidas no Centro de Computação Científica foram a inserção da rede internacional de telecomunicação BITNET na Fiocruz, assim como o lançamento do embrião da Rede de Comunicação de Dados da Fiocruz (Rede Fiocruz), que tinha por objetivo ligar todas as unidades do campo da Fiocruz em Manguinhos, por meio de cabos de fibra ótica. Este empreendimento tornou possível o acesso aos serviços de comunicação oferecidos pelas redes acadêmicas nacionais e internacionais, importante para o campo da Tecnologia, em que o ICICT esteve presente (D'ÁVILA; TRIGUEIROS, 2017. p. 36)²⁵.

²¹ O mesmo Centro de Informações para Saúde criado em 1985, dirigido por Euclides Ayres de Castilho.

²² Compõem-se um Sistema de Bibliotecas: A Biblioteca de Manguinhos, a Biblioteca de Saúde Pública (localizada na ENSP), a Biblioteca de Saúde da Mulher e da Criança (no IFF) e as Bibliotecas dos Centros Regionais (CPqGM, CPqAM).

²³ Por Multimeios, compreendem-se os setores de produção gráfica e de programação visual.

²⁴ Antes da criação do ICICT, as Bibliotecas e o Multimeios integravam o Centro de Apoio Técnico-biológico de Manguinhos - CATE. Criado em 1976, integrava o sistema central de apoio técnico às atividades-fim da Fiocruz, condensando os serviços de natureza técnica e cultural, prestados aos demais órgãos e unidades, de forma a permitir ou facilitar a execução de suas tarefas de pesquisa, ensino e produção. O conjunto de responsabilidades deste órgão era tão amplo quanto diverso. Ao CATE competia coordenar e realizar as atividades de documentação técnico-científica, de criação e manutenção de animais de experimentação, de multimeios e as relativas aos museus da Fundação. Este órgão precedeu diversos outros que vieram a ser criados, como a Casa de Oswaldo Cruz, o Centro de Criação de Animais de Laboratório (atual ICTB) e o ICICT, sendo extinto em 1986.

²⁵ D'AVILA, Cristiane; TRIGUEIROS, Umberto (Org.). Comunicação, mídia e saúde: novos agentes, novas agendas. Rio de Janeiro: Luminatti Editora, 2017. 250 p.

O Programa Nacional Integrado de Informações Fármaco-Toxicológicas²⁶, o Núcleo de Estudos Especiais da Presidência (NEP)²⁷ e o Núcleo de Vídeo que, até então, operava junto à Coordenadoria de Comunicação Social da Presidência da Fiocruz, são alguns exemplos do processo de incorporação ao ICICT de setores já existentes e ativos na instituição. Estes setores atuavam em atividades de produção, tratamento, análise, divulgação e disseminação de informações. Como veremos na sequência deste trabalho, esse Núcleo de Vídeo, que impulsionou a produção audiovisual nacional no campo da saúde (D'AVILA; TRIGUEIROS, 2017, p.31), será nosso objeto de análise: a *VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz*.

O Núcleo de Estudos Especiais da Presidência (NEP) foi criado por pesquisadores oriundos da ENSP com propósitos abrangentes, destinado a orientar estudos relacionados aos desdobramentos da Reforma Sanitária e a gestão tecnológica em saúde. Entre os objetivos registrados em seu documento de criação podem ser destacados:

[...] elaborar estudos especiais e assessorar a presidência em questões relativas à política de saúde; apoiar a comunidade de Manguinhos na identificação de demandas tecnológicas e na participação efetiva no debate dos rumos da política científica e tecnológica em saúde; apoiar o processo de concessão de patentes às inovações produzidas internamente; contribuir para a criação de mecanismos legais e institucionais que favoreçam a aceleração do processo de absorção e transferência da tecnologia gerada internamente; estimular a articulação e a integração das atividades de ciência e tecnologia desenvolvidas internamente como conjunto da política pública em saúde (Ato nº 125/86-PR de 14.07.86).

Ao ser transferido para o ICICT, o NEP torna-se o *Núcleo de Estudos em Ciência e Tecnologia*. Desse modo, suas ações passaram a se concentrar na elaboração de estudos e pesquisas relacionadas com a informação em C&T em saúde. O desenvolvimento de um conjunto tão extenso de ações, como as citadas no parágrafo anterior, levou à realização de discussões internas com o objetivo de compreender o caráter que o ICICT vinha adquirindo. A então

²⁶ PRONITOX, atual SINITOX (Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas). Ver mais: <https://sinitox.iciict.fiocruz.br/>

²⁷ A migração do NEP da estrutura da Presidência da Fiocruz para o ICICT o transforma em *Núcleo de Estudos em Ciência e Tecnologia*. A então Superintendência absorve definitivamente a informação científica e tecnológica como parte de seus atributos fundamentais.

superintendência absorve definitivamente a informação científica e tecnológica como parte de seus atributos fundamentais.

O crescimento e a multiplicidade de setores que passaram a compor este Instituto provocaram mudanças na sua nomenclatura e, sobretudo, em seu enquadramento institucional. D'Ávila e Trigueiros (2017) destacam que enquanto estas alterações não eram consagradas institucionalmente, o ICICT, como Superintendência, promovia movimentos internos de reorganização. Entre outras ações, estabeleceu quatro linhas de atuação voltadas às atividades-fim: “Difusão da Informação Científica e Tecnológica”; “Computação Científica”; “Produtividade Científica e Tecnológica”; e “Ensino”.

O que se verifica neste percurso inicial, é que a Superintendência desenvolvia produtos destinados à comunidade acadêmica e civil, isto é, “atividades-fim”. Os setores dedicados à informação produziam séries estatísticas, formando bancos documentais informatizados e, sobretudo, elaborando análises e estudos de dados qualitativos e quantitativos de saúde voltados tanto para dentro, quanto para fora da Fiocruz, evidenciando, assim, sua qualificação compatível com as unidades técnico-científicas.

Ainda em 1988, essas discussões foram levadas ao I Congresso Interno da Fiocruz²⁸, cuja plenária discutiu e aprovou as diretrizes da Política de Desenvolvimento Institucional. Os debates incluíram a proposta de um novo Estatuto e deliberou favoravelmente à transformação da Superintendência em Centro, o que veio a ocorrer em 1992.

O Congresso Interno da Fundação Oswaldo Cruz foi criado em 1988 na esteira da gestão democrática e participativa, instituída por Sergio Arouca. Sua estrutura se compõe pela presença da Presidência, dos diretores das unidades e por representantes dos servidores da Fiocruz. É, portanto, o órgão máximo de representação institucional, cabendo à sua plenária “deliberar sobre os assuntos estratégicos relacionados ao macroprojeto”, ao regimento interno, às propostas de alteração do estatuto, e sobre todos os temas “que possam intervir nos rumos da instituição” (SANTOS *et al*, 2014, p.219).

²⁸ Congresso Interno da Fiocruz – ver mais: <https://congressointerno.fiocruz.br/>

Cabe destacar que antes de receber a aprovação da assembleia do I Congresso Interno a Superintendência recebia a classificação de unidade técnico administrativa, o que significava dizer que sua função basilar era oferecer apoio às atividades desempenhadas pelas áreas finalísticas, ou seja, os campos da Pesquisa, Ensino, Produção de Bens e Serviços e Desenvolvimento Tecnológico.

Este empenho em apresentar a Unidade como um órgão que extrapola as funções técnico-administrativas ganhou ainda mais consistência em 1991, com a formulação do *Infocruz*, documento produzido pelo conjunto da Superintendência, como uma proposta de constituir uma unidade de Pesquisa e Desenvolvimento em Informação da Fiocruz. Seu objetivo principal seria fomentar atividades internas de produção, tratamento e disseminação de informações no âmbito da Computação e da Tecnologia. Para tanto, entre os objetivos deste programa estaria a elaboração de ferramentas de acesso a bancos de dados nacionais e internacionais, transformando a Superintendência numa unidade técnico-científica, o que só aconteceu mais de uma década depois, em 2006.

Segundo Ribeiro (2004)²⁹, o que ofereceu projeção às demandas da Superintendência foi a crescente importância dos campos da informação e comunicação dentro do cenário mundial. Deste modo, a administração da Fiocruz compreendeu que o apoio ao amadurecimento destas áreas seria uma base relevante no âmbito institucional.

Assim, considerando esse rol de novidades, acompanhada de uma revisão de suas práticas junto à Fiocruz e ao público externo, a partir de 1992 a então Superintendência de Informação Científica e Tecnológica passa a ser Centro de Informação Científica e Tecnológica em Saúde, recebendo o status de Unidade Técnica de Apoio. Sob esta nova dinâmica, tem início sua fase de consolidação, caracterizada pela expansão de suas ações dentro e fora da Fiocruz, como uma unidade técnico-científica.

²⁹ RIBEIRO, Antonio José Marinho. "Instrumento de gestão para acompanhamento dos projetos de pesquisas: caso CICT/FIOCRUZ", Dissertação de Mestrado, ENSP/Fiocruz: maio/2004.

O quadro a seguir demonstra as atribuições delegadas aos setores do ICICT, de acordo com a Portaria nº 457-SAF, de 07/02/1992, por ocasião da mudança de nomenclatura da unidade, que passou a ser denominada Centro de Informação Científica e Tecnológica.

QUADRO 1 – Designação dos setores do ICICT (1992):

SETOR	ATRIBUIÇÃO
Departamento de Informação para a Saúde (DIS)	atua em projetos de pesquisas para aprimoramento de metodologias de análises de dados oriundos de bases de dados;
Departamento de Estudos em Ciência e Tecnologia (DECT)	dedica-se ao estudo da produção, das publicações científicas e tecnológica e dos grupos de pesquisa da Fiocruz;
Departamento de Computação Científica (DCC)	ligado às diversas unidades, devido aos seus equipamentos e gerência e desenvolvimento de projetos e dos recursos da internet;
Núcleo de Vídeo (NVT)	como os demais departamentos, atua na execução, ensino, pesquisa e avaliação de práticas de comunicação e saúde, mas sobretudo, produz vídeos, oferece oficinas, presta assessoria à produção de terceiros; distribui cópias de vídeos para instituições públicas;
Serviço de Mídias	desenvolve programação visual e projetos gráficos;
Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX)	dedica-se a informação e documentação em toxicologia e farmacologia;
Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI)	desenvolve o trabalho de articulação de todas as bibliotecas: de Manguinhos, Lincoln de Freitas Filho (ENSP), Saúde da Mulher e da Criança (IFF) e as dos Centros de Pesquisas Regionais Gonçalo Moniz, Aggeu Magalhães e Rene Rachou.

Fonte: a autora (2021)

1.3 Os anos de consolidação (1992-2006)

Durante os anos 1990, o ICICT realizava uma trajetória que formaria uma “concepção moderna de informação”, agregando não só o conceito de

informação em si, mas a integração com outras ações, como *preservação, tratamento, análise e difusão*. Assim, essa etapa seria marcada por sua consolidação como unidade que possui produtos próprios, buscando “superar a dicotomia entre meio e fim, entre informática e informação” (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 1993)³⁰.

A mudança trazida pela transformação em unidade técnica de apoio do ICICT favoreceu sua participação no Conselho Deliberativo da Fiocruz. Essa inserção possibilitou uma participação mais ativa nas discussões e decisões sobre os rumos da instituição. Como parte de um projeto de desenvolvimento institucional, foi designado ao ICICT o estímulo às ações que priorizassem a política de informação científica e tecnológica.

A noção de informação desta unidade “reitera o papel estruturante da informação, da comunicação e suas tecnologias para o desenvolvimento institucional”. Inserido nesta percepção uma recusa à visão tecnicista que supera o “esquema funcionalista do emissor-receptor”, mas voltado para a interlocução e a busca do diálogo, relacionando com “outros processos sociais, como o da educação, da popularização da ciência e o da promoção da saúde, compartilhados e mediados pelos meios de comunicação, mas não determinados apenas por eles” (FIOCRUZ, 2002, p.11).

O primeiro Regimento Interno³¹ do ICICT, elaborado em 1992 por seu corpo de trabalhadores, registrava uma nova denominação dos nove setores integrantes dessa estrutura organizacional. Algumas de suas subunidades passaram a ter uma nova designação: de centro e núcleo para departamento.

Ao observar relatórios de 1993 em diante é possível acompanhar as atividades realizadas pelo ICICT e verifica-se uma preocupação contínua em demonstrar que a unidade estava empenhada em desenvolver não só atividades técnicas, mas ações voltadas para o Ensino e Pesquisa. Logo, estes documentos dedicam um espaço para a apresentação das diversas produções do setor, que vão desde projetos de pesquisas e publicações até a coordenação de áreas

³⁰ Relatório de Atividades 1993. Rio de Janeiro: CICT- FIOCRUZ, 1994.

³¹ O primeiro Regimento Interno do hoje denominado ICICT foi elaborado em 1992 e atualizado em 2001.

específicas em programas de pós-graduação, assim como o projeto de constituição da Biblioteca de Manguinhos.

No Relatório de Atividades de 1994, por exemplo, é salientado que no campo da Pesquisa e do Desenvolvimento de Tecnologias, a unidade agregava 29 projetos em andamento (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 1995). Por sua vez, nas ações voltadas para o Ensino, são destacadas a participação de pesquisadores e profissionais em disciplinas relativas à informação e comunicação no Mestrado e Doutorado em Saúde Pública na ENSP; e o Programa de Treinamento em Informática que naquele ano alcançou a marca de 18 cursos realizados por seus profissionais, entre outros.

A inauguração do prédio construído para abrigar a Biblioteca de Manguinhos e parte da estrutura organizacional do ICICT, foi o marco no percurso trilhado por esta unidade na década de 1990. Em agosto de 1995, a Biblioteca foi apresentada como a materialização do conceito de informação científica e tecnológica voltado à saúde pública, defendido pela unidade. Na expressão de Maria Élide Bortoletto³², diretora do ICICT naquele momento, a Biblioteca de Manguinhos destinava-se à superação da tradicional concepção de um depósito, tornando-se uma ferramenta em contínuo movimento, geradora de informação em seus diferentes níveis. Estava sendo aberto um espaço que integraria, simultaneamente, a geração, o tratamento, a análise, a preservação e a difusão da informação (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 1996, p.10).

Nessa fase, podemos observar que enquanto o ICICT apresenta amadurecimento ao executar iniciativas robustas, verifica-se uma certa preocupação quanto ao gerenciamento de múltiplas funções de caráter heterogêneo. Com a vinculação de distintos setores que trabalham a informação em seus diferentes aspectos, o que a própria gestão salienta em seus relatórios do período é uma sobrecarga gerencial e administrativa (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 1997, p.7).

³² Maria Élide Bortoletto foi Diretora do ICICT, de 1989 a 2001. [Todos os diretores: Henrique Leonel Lenzi – 1986-1989; Ilma Noronha – 2001-2008; Umberto Trigueiros – 2008-2016; Rodrigo Murtinho – 2016-]

Entretanto, apesar dos entraves registrados é notório o empenho do ICICT em atender às diversas demandas internas e externas à Fiocruz. Um exemplo que merece destaque foram as ações desempenhadas no combate à uma contaminação fúngica do acervo biomédico da Biblioteca de Manguinhos. Segundo o que registra o Relatório de 1998, graças ao trabalho realizado, o acervo não teve perdas significativas.

Além disso, o incidente rendeu resultados no âmbito científico. Por conta das iniciativas visando à eliminação do fungo, a equipe formulou e aperfeiçoou técnicas voltadas para a preservação e descontaminação de acervos que resultaram publicações em revistas e trabalhos apresentados em eventos (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 1998).

Podemos evidenciar que o ICICT se consolidou como um órgão de múltiplas funções em seu campo de atuação que, a partir dos anos 1990, expandiu ainda mais suas áreas de interesse. Ao realizar um apanhado das ações do ICICT no âmbito da Pesquisa, Ribeiro (2004) delimita as principais linhas executadas por esta unidade. Entre os 13 grandes temas apresentados pelo autor, estão incluídos desenvolvimento de metodologias voltadas para a estruturação de sistemas de informação e comunicação no campo da saúde; criação, desenvolvimento e atualização de dados bibliográficos; desenvolvimento de técnicas de tratamento do acervo bibliográfico documental; pesquisas e desenvolvimento de sistemas de informação visando a geração, sistematização, análise e disseminação de informação de interesse para as áreas da saúde; pesquisas e estudos de doenças específicas como a Epidemiologia da AIDS; indicadores de morbimortalidade; e assim por diante (RIBEIRO, 2004).

Constatamos o empenho do ICICT em consolidar sua imagem como uma unidade que contribuía fortemente com o campo científico, superando a já apontada dicotomia “fim-meio”. Como destaca Ribeiro (2004), a gama de produções realizadas pela unidade contribuiu para o fortalecimento da Fiocruz, especialmente no que se refere aos debates relativos à Comunicação e à Informação em Saúde.

Com a virada do século, verifica-se que o ICICT esteve mobilizado com a intensificação dos debates quanto às novas abordagens destinadas ao conceito de Comunicação e Saúde e tais discussões levam a “um novo olhar, de viés interdisciplinar” (D’AVILA; TRIGUEIROS, 2017). Logo, o ICICT se posiciona como pioneiro em problematizar a Comunicação que passa a ser compreendida como um espaço de disputa.

Uma medida importante está refletida na publicação do documento “Programa Integrado de Informação e Comunicação da Fiocruz”³³, em 2002, elaborado pelos integrantes da Câmara Técnica de Comunicação, Informação e Informática³⁴. Este documento sistematizou as reflexões e as práticas da instituição, antecipando a criação de uma Política de Comunicação, ratificando o protagonismo do ICICT.

Com o desenvolvimento da unidade e a chancela institucional vinda a partir das deliberações da Plenária do V Congresso Interno da Fiocruz em 2006, o ICICT modifica mais uma vez sua estrutura. Uma reelaboração de seu Regimento, transformado em Manual Organizacional³⁵, atualizou não apenas a denominação de seus setores, como também sua estrutura funcional³⁶, agregando o termo Comunicação em sua nomenclatura.

O quadro a seguir demonstra estas alterações, registradas no Manual Organizacional do ICICT.

³³ FIOCRUZ. Programa Integrado de Comunicação e Informação da Fiocruz. Rio de Janeiro, 2003. 29p.

³⁴ A Câmara Técnica de Informação, Comunicação e Informática foi aprovada na Plenária Final do II Congresso Interno da Fiocruz em 1993, como uma instância de assessoria à presidência, contando com a representação das unidades, visando proposições de diretrizes para as políticas institucionais.

³⁵ Manual Organizacional ICICT, aprovado em Assembleia Geral, dia 14/08/2013.

³⁶ Composição atual dos Serviços: VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz (antigo Núcleo de Vídeo); Múltiplos; Bibliotecas de Manguinhos, de Saúde Pública, de Saúde da Mulher e da Criança; Centro de Tecnologia da Informação e Comunicação em Saúde (CTIC), antigo DCC; Laboratórios: de Informação em Saúde (antigo CIS); Informação Científica e Tecnológica em Saúde (antigo DECT); e, por fim, um novo laboratório de Comunicação e Saúde (LACES).

QUADRO 2: Nova designação dos setores do ICICT, a partir de 2006:

SIC SICT a partir de 1986	CICT a partir de 1992	ICICT a partir de 2006
CIS - Centro de informações para a Saúde	DIS - Departamento de Informação em Saúde	LIS - Laboratório de Informação em Saúde
CCC - Centro de Computação Científica	DCC - Departamento de Computação Científica	CTIC - Centro de Tecnologia da Informação e Comunicação em Saúde
SIBI - Sistema de Bibliotecas	SIBI	REDE DE BIBLIOTECAS
MULTIMEIOS	MULTIMEIOS	MULTIMEIOS
PRONITOX	SINITOX	SINITOX
NECT - Núcleo de Estudos em Ciência e Tecnologia	DECT - Departamento de Estudos em Ciência e Tecnologia	LICTS - Laboratório de Informação Científica e Tecnológica em Saúde
NVT – Núcleo de Vídeo	Departamento de Comunicação e Saúde	SPDAv (até 2009) VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz
-	-	LACES - Laboratório de Comunicação e Saúde (novo)

Fonte: a autora (2021)

A unidade passa efetivamente a se chamar ICICT – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde – e a partir de então é objeto de uma série de renovações. Nesse momento sua missão institucional passa a ser “realizar ações e elaborar políticas públicas de informação e comunicação” no campo da ciência e tecnologia e inovação em saúde, para atender as demandas sociais do SUS e de outros órgãos governamentais. Suas atividades são orientadas para articulação das áreas de Pesquisa, Ensino e Desenvolvimento Tecnológico e Comunicação e Informação (D’AVILA; TRIGUEIROS, 2017, p.43).

O quadro a seguir é um demonstrativo do processo de transformação de nomenclatura ao longo de sua trajetória, desde a criação como unidade técnica administrativa, passando pela atividade técnica de apoio até a designação mais atual de unidade técnico-científica:

QUADRO 3: transformação da nomenclatura do ICICT ao longo do tempo:

SIC (Ato 047/86-PR 07/04/1986) SUPERINTENDÊNCIA DE INFORMAÇÃO CIENTÍFICA	1986 SIC
	
SICT (Ato 143/89-PR 17/08/1989) SUPERINTENDÊNCIA DE INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA	1989 SICT
	
CICT CENTRO DE INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA	1992 CICT
	
ICICT (deliberações da plenária extraordinária do VI Congresso Interno da Fiocruz) INSTITUTO DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA	2006 ICICT

Fonte: a autora (2021)

1.4 “Concepção moderna de Comunicação”: o ICICT e a consolidação de um campo do conhecimento

Após conhecermos o processo de estruturação do ICICT, cabe estabelecermos um breve paralelo da trajetória desse órgão com os debates que envolveram a consolidação da saúde no Brasil como um sistema. A inserção do campo da comunicação no âmbito da saúde está estreitamente vinculada à instituição do Sistema Único de Saúde (SUS), por meio das Leis nº 8.080/90 e nº 8.142/90. Na mesma medida, a construção e o fortalecimento desses vínculos seria possível a partir de iniciativas na esfera educacional.

Como nos aponta Janine Cardoso (2006)³⁷, desde a realização da VIII Conferência Nacional de Saúde em 1986, deu-se início a uma busca contínua por um modelo de Comunicação que não se restringisse apenas à transmissão de informação. A Comunicação, assim como a Informação, precisaria contribuir para o fortalecimento da participação social de maneira democrática.

As XI e XII Conferências Nacional de Saúde, realizadas respectivamente em 2000 e 2003, foram centrais para as discussões em torno da defesa dos campos da comunicação, da informação e da educação como indissociáveis do direito à saúde. Esses momentos foram determinantes para que o termo “Comunicação e Saúde” fosse compreendido como um campo específico de atuação no âmbito social.

Num momento onde a “era da informação” adquiria uma forma cada vez mais sólida, conquistando cada vez mais espaço entre a população, verificou-se a importância de se defender o acesso livre à informação, assim como a compreensão do campo da comunicação como um direito e uma das bases para o desenvolvimento da cidadania. Desta forma, era preciso um engajamento para a elaboração de políticas públicas voltadas para uma maior inserção de iniciativas comunicacionais no extenso organismo do SUS.

A expansão dos meios de comunicação que acompanhamos no final dos anos 1980, ao mesmo tempo em que trouxe novas possibilidades e ferramentas que possibilitaram a descentralização e a aproximação da esfera da saúde com a população, também elevou os desafios para a utilização adequada desses novos instrumentos. Por esse motivo, o Ensino tornou-se uma base importante nesse movimento.

Nesse sentido, o ICICT apresentou uma série de contribuições relevantes e o primeiro destes movimentos consistiu na criação de dois cursos de Atualização que são, *Sistemas de Informação em Saúde e Comunicação e*

³⁷ CARDOSO, J. M. Comunicação e saúde: desafios para fortalecer o SUS, ampliar a participação e o controle social. IN: Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Coletânea de comunicação e informação em saúde para o exercício do controle social / Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde. – Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2006. (pp 45-55)

Saúde, este com sua primeira edição em 1993³⁸. Como consequência desses esforços, sucede a inserção do ICICT no Programa de Doutorado em Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP/Fiocruz), sendo responsável pela coordenação da área de concentração “Saúde & Tecnologia, Saúde e Sociedade”.

Entretanto, os movimentos que levaram o ICICT a implementar seu próprio programa de Pós-Graduação ganharam impulso a partir de 2003, quando os cursos de Atualização foram convertidos em Especialização e outros foram criados. Em 2009 foi lançado o Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS) compreendendo mestrado acadêmico e doutorado. As duas linhas de pesquisa, “Produção, organização e uso da informação em saúde” e “Informação, comunicação e mediações em saúde”, refletem como o ICICT se dedicou ao desenvolvimento de metodologias que tivessem como foco a compreensão das características das mediações culturais, sociais, políticas e tecnológicas.

2. PATRIMÔNIO, PRESERVAÇÃO E ICICT

2.1. Os acervos do ICICT

Os acervos bibliográfico e audiovisual do ICICT são parte fundamental de sua atuação nos campos da informação e da comunicação em saúde. Estes acervos representam uma parte do patrimônio institucional por guardarem

³⁸ O Curso de Atualização em Comunicação e Saúde foi originalmente idealizado pela equipe do então Núcleo de Vídeo e teve três edições: em 1993, 1995 e 1997, em parceria com a ENSP/Fiocruz. A partir de 2003, este curso se torna Especialização e é considerado o marco inicial do desenvolvimento da área de ensino no ICICT. Outros ainda são criados, como exemplo, o curso de Especialização em Informação Científica e Tecnológica em Saúde.

aspectos da atuação da Fiocruz na área da informação, bem como se constituem em fontes para o estudo da história institucional a partir da qual se originaram.

Podemos dizer, portanto, que estes acervos resguardados pelo ICICT possuem valor histórico para a instituição por refletirem a trajetória da unidade ICICT e da própria Fundação Oswaldo Cruz. Uma análise nesse sentido pode até mesmo revelar uma cultura institucional criada ao longo do tempo. Podemos reiterar que uma das atribuições do ICICT, expressa na sua portaria de criação, é a de coordenar o acervo bibliográfico primevo da instituição.

O acervo bibliográfico começou a ser formado junto com a Fiocruz, nos idos de 1900. São inúmeros exemplares que estão dispostos em diversas bibliotecas e integrados numa rede que congrega 19 unidades físicas, além de 15 bibliotecas virtuais, que reúnem conteúdo temático e biográfico.

Parte relevante desse acervo está organizada na Seção de Obras Raras que reúne cerca de 30 mil volumes, composto de livros, periódicos, folhetos, com itens que datam do século XVII. No acervo de periódicos, constam aproximadamente 600 títulos de revistas científicas nacionais e internacionais e periódicos brasileiros dos séculos XVIII ao XX.

Esse acervo de obras raras está situado no mesmo espaço desde 1909, no terceiro andar do Pavilhão Mourisco, mais conhecido como Castelo da Fiocruz. As obras raras são consideradas um acervo especial pelo caráter de raridade e preciosidade, dada a importância de se manter preservado e oferecer acesso à população em geral. Um destaque entre as obras mais antigas do acervo é o primeiro tratado sobre História Natural do Brasil, intitulado *Historia Naturalis Brasiliae*, de 1648. Essas obras raras foram acumuladas por Oswaldo Cruz e parte delas trazidas da Europa.

O cuidado e responsabilidade da Fiocruz em zelar por seu patrimônio alcançou notoriedade junto a iniciativas de cunho internacional. Um exemplo disso são as quatro certificações³⁹ recebidas pelo programa “Memória do

³⁹ O Programa Memória do Mundo tem por objetivo reconhecer as ações que asseguram a preservação, por meio de técnicas apropriadas, o patrimônio com significação mundial ou regional. Portal Arquivo Nacional. O que é o Programa Memória do Mundo. Publicado em 5 de julho de 2017. Disponível em: <<http://mow.arquivonacional.gov.br/index.php/mow-brasil.html>>

Mundo”, da Unesco. As obras certificadas são: os acervos documentais de Oswaldo Cruz, em 2007 e Carlos Chagas, em 2008; o conjunto de negativos de vidro do Fundo IOC, 2012; sob custódia do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz; e a obra rara “Formulário Médico: manuscrito atribuído aos jesuítas e encontrado em uma arca da Igreja de São Francisco de Curitiba”, de 1703. Este último, sob a responsabilidade do Setor de Obras raras do ICICT, recebeu em 2017 a chancela nacional por reconhecimento ao patrimônio documental brasileiro.

Por sua vez, o acervo audiovisual do ICICT começou a ser formado em 1987, quando o então presidente Sergio Arouca estimulou a criação de uma área denominada Núcleo de Vídeo da Fiocruz. O desenvolvimento das atividades deste Núcleo levou à constituição de uma distribuidora de vídeos, como uma chancela, um selo de atuação, denominada *VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz*, da qual falaremos mais adiante.

Desse modo, o acervo audiovisual produzido e acumulado através da VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz – serviço departamental do ICICT – é caracterizado por integrar documentos audiovisuais videográficos, de natureza arquivística, além de uma coleção. O principal formato documental encontrado no acervo são fitas magnéticas, tanto analógicas quanto digitais, resultado das atividades deste setor.

Os documentos audiovisuais arquivísticos correspondem às produções realizadas por esse serviço, que incluem projetos de produções de vídeos documentários, programas de televisão e registros de eventos técnicos-científicos da Fiocruz como um todo. Constitui, assim, um fundo arquivístico, caracterizado pelas produções institucionais.

A coleção, por sua vez, resulta da reunião artificial de vídeos sobre temáticas da saúde e oriundas de diversas procedências. A reunião e a distribuição desses vídeos configuram o interesse central da distribuidora, que é a circulação da produção videográfica sobre saúde para a população em geral.

As obras certificadas são os dois acervos documentais de Oswaldo Cruz (2007) e Carlos Chagas (2008); o conjunto de negativos de vidro do Fundo IOC (2012); e a obra rara “Formulário Médico: manuscrito atribuído aos jesuítas e encontrado em uma arca da Igreja de São Francisco de Curitiba” (2017).

As narrativas que integram esses vídeos são predominantemente os documentários. Porém, encontramos outras linguagens como ficção e animação que abordam o tema da saúde em seus mais variados aspectos: políticas de saúde, planejamento e organização de serviços, saúde do trabalhador, saúde da mulher e da criança, educação, C&T na sua interface com a saúde, DST/Aids, meio ambiente, doenças negligenciadas, doenças endêmicas e epidêmicas, entre outros.

Em sua base de dados, no Banco de Recursos Audiovisuais em Saúde (BRAVS), estão registrados cerca de 9.500 itens. Estes registros correspondem a aproximadamente dez mil horas de conteúdo audiovisual sobre saúde, entre analógicos e digitais. Os suportes físicos estão armazenados em um depósito, sob cuidados de conservação específicos para os seus diversos formatos.

Os principais suportes de vídeo presentes no acervo são *VHS*, *U-MATIC*, *BETACAM*, *MINIDV*, *DVCAM*, *DVD*. Por sua vez, os formatos de arquivo de vídeo digital encontrados são *.mov*, *.mts*, *.m2ts*, *.mp4*, *.avi* e *.avchd*. Como objeto digital, o vídeo apresenta algumas complexidades, visto que sua estrutura se compõe de um recipiente conhecido como contêiner. Os contêineres de vídeo constituem-se de *codecs*⁴⁰ de áudio e de vídeo, além de um conjunto de metadados (BUARQUE, 2020)⁴¹. Entre os formatos de *codecs* de vídeo e áudio mais utilizados respectivamente são ProRes e H.264 (vídeo) e AAC (áudio). Há uma estrutura arquivística digital que vem sendo desenvolvida nos últimos quatro anos. O volume estimado de dados é de 80 *Terabytes* (TB), dos quais apenas 2,32 TB estão tratados.

Dessa forma, este estudo parte do seguinte cenário: um acervo de vídeos representativos da formação recente da saúde pública brasileira que não possui um registro preciso de sua trajetória e nem uma sistematização das informações que orientaram as decisões administrativas ao longo do tempo. Tendo em vista as mudanças tecnológicas e a atual política institucional de preservação de

⁴⁰ CODEC é acrônimo de codificador/decodificador, dispositivo de hardware ou software que codifica/decodifica sinais binários.

⁴¹ BUARQUE, Marco Dreer. Preservação digital de documentos audiovisuais. In: Seminário Online Preservação digital de acervos. Produção: Casa de Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro: COC/Fiocruz, 2020. (02h47min34s). Disponível: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/41778>> Acesso: 20/jan/2021.

acervos, faz-se necessário planejar ações de gestão visando implementar procedimentos de preservação e acesso digital com critérios baseados na avaliação das características dessa documentação.

Uma vez que o audiovisual necessita da intermediação tecnológica de máquinas eletrônicas para acesso aos seus conteúdos, como os equipamentos de vídeo, o suporte digital vem com uma urgência ainda maior de novos processos. Os dispositivos digitais não só favorecem o acesso às informações, como oferecem uma ampliação desse acesso, especialmente num contexto em que as máquinas de leitura de vídeo analógicas se encontram cada vez menos disponíveis.

Embora as questões do digital margeiem este trabalho, o objetivo principal é a realização de um diagnóstico do acervo de vídeos. A partir da premissa básica de conhecê-lo como primeiro passo para planejar ações de preservação. Além de ser esta uma diretiva da *Política de Preservação dos Acervos Científicos e Culturais da Fiocruz*.

2.2 O Preservo e a Política de Preservação dos Acervos Científicos e Culturais da Fiocruz

Como vimos, a partir dos exemplos citados no tópico anterior, a Fiocruz dispõe de uma grande variedade de acervos, que são tão diversos quanto necessários. Para além de sua relevância histórica, os itens resguardados estão associados ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia em benefício da saúde pública brasileira, os quais caracterizam a trajetória da própria instituição.

Para além dos acervos de caráter bibliográfico e audiovisual, encontramos na Fiocruz outros tantos itens que se constituem em objetos históricos e necessitam de ações de preservação. A instituição agrega edificações, coleções biológicas, coleções iconográficas, bem como patrimônio natural e sítios arqueológicos. Instrumentos e equipamentos que eram utilizados em seus

laboratórios no passado, atualmente são preciosos objetos para compreender melhor a história da ciência.

Quaisquer acervos necessitam de cuidados com sua integridade para sobreviver à passagem do tempo e é preciso dispor de medidas que visam promover a longevidade dos itens e a garantia de acesso no futuro. Tendo em vista a pluralidade de acervos que a instituição reúne, essas ações se apresentam como um grande desafio para a Fiocruz. Logo, buscando traçar planos de preservação mais sólidos foi necessária a construção de políticas que estabelecessem princípios e diretrizes que agregassem o conjunto dos acervos institucionais (FIOCRUZ, 2018)⁴²

Nesse sentido, a Casa Oswaldo Cruz (COC), unidade vocacionada à gestão e preservação do patrimônio cultural da própria Fiocruz, bem como do campo mais amplo da saúde pública no Brasil vem se dedicando à preservação da memória institucional e é responsável por acervos museológico, arquitetônico e urbanístico, assim como o arquivístico de caráter permanente. É uma das mais próximas parceiras do ICICT nessa área, a de preservação de acervos.

Entre as ações desempenhadas pela COC, gostaríamos de chamar atenção para a elaboração do projeto *Preservo -- Complexo de Acervos da Fiocruz*⁴³. Formulado em 2010, a iniciativa tinha por objetivo principal a preservação digital dos acervos da instituição. A partir desta iniciativa e compreendendo a necessidade de abarcar os acervos bibliográficos e as coleções biológicas, a COC incluiu outras duas unidades na construção do projeto: o Instituto Oswaldo Cruz, como responsável pelas Coleções Biológicas; e o ICICT, que como apresentamos anteriormente, se responsabiliza pelos acervos Bibliográficos e pelo seu arquivo de vídeos.

⁴² FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Política de preservação dos acervos científicos e culturais da Fiocruz. Rio de Janeiro, 2018.

⁴³ O *Preservo* é coordenado por Marcos José de Araújo Pinheiro, pesquisador da COC. Foi lançado em 17/12/2014 e é financiado pelo BNDES. Contempla o patrimônio cultural acumulado pela Fiocruz dividido nos seguintes gêneros: acervos Arquivísticos (documentos textuais, iconográficos, sonoros, filmográficos, cartográficos, micrográficos); Arquitetônicos (Núcleo Histórico de Manguinhos); Museológico (equipamentos de laboratório, instrumentos médicos, mobiliário, indumentárias e a pinacoteca); Bibliográfico (livros, periódicos científicos, folhetos, dissertações e teses) e as Coleções Biológicas.

O *Preservo* foi consequência, sobretudo, da necessidade de se ter uma gestão integrada dos acervos da instituição. Desta forma, a iniciativa estabeleceu uma nova ordem na gestão dos acervos, com vista a integrá-los, tornando-se referência na formulação e na orientação para moldar uma rede entre os setores que custodiam acervos. Além disso, tem a função de modernizar a infraestrutura tecnológica e ampliar o acesso da população em geral ao patrimônio científico e cultural da Fiocruz, alinhadas às ações de preservação digital.

Uma medida fundamental para aplicação das determinações do *Preservo* foi a elaboração da *Política de Preservação dos Acervos Científicos e Culturais da Fiocruz*⁴⁴. Publicada em 2018, deu formalidade ao projeto, onde a implementação da Política se articulou com o *Comitê Gestor do Preservo*. Este Comitê é uma instância colegiada de caráter permanente com a função de formular, orientar e articular as ações referentes aos objetivos institucionais (FIOCRUZ, 2018, p.10).

Nesse conjunto de ações, o ICICT atua como parceiro, integrando os esforços que preconizam a busca por melhores práticas em preservação digital e a gestão de acervos da Fiocruz. Entre as atividades exercidas com maior empenho pela unidade, podemos apontar as contribuições nos diversos Grupos de Trabalho que foram designados para dar seguimento às ações sinalizadas na *Política de Preservação dos Acervos Científicos e Culturais da Fiocruz*, assim como na elaboração de documentos e instrumentos para sustentar estas diretrizes. Alguns exemplos são o *Manual de Digitalização*⁴⁵ e o robusto *Programa de Preservação Digital dos Acervos Científicos e Culturais da Fiocruz (PPD)*⁴⁶, que foram lançados, respectivamente, em 2019 e 2020.

O PPD estabelece as diretrizes para a constituição da infraestrutura física e lógica para o armazenamento de documentos digitais. Nesse sentido, foi

⁴⁴ Elaborada a partir das Portarias No. 265/2016-PR de 17/03/2016 e No 407/2017-PR de 23/03/2017, que institui Grupo de Trabalho responsável pela elaboração da política de constituição, preservação, gestão integrada e difusão dos acervos científicos e culturais da Fiocruz.

⁴⁵ Manual de Digitalização, lançado em 2019, disponível em <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/37187> Acesso em 03/03/2021.

⁴⁶ Programa de Preservação Digital dos Acervos Científicos e Culturais da Fiocruz, publicado em 2020, disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/44220> Acesso em 03/03/2021.

formado o Grupo de Trabalho de Gestão e Preservação de Documentos Arquivísticos Digitais – vinculado ao Sistema de Gestão de Documentos e Arquivos da Fiocruz (SIGDA) – para discutir gestão e preservação, cujo objetivo central consiste na construção de diretrizes e procedimentos para o tratamento de objetos digitais dos gêneros textuais, iconográfico, sonoro e audiovisual desde a sua produção.

Um marco legal que vale ser mencionado e que contribuiu para um olhar mais atento para as políticas voltadas ao âmbito digital, refere-se à Lei de Acesso à Informação, que ficou conhecida como LAI (Lei nº 12.527/2011). A LAI veio substanciar a demanda por comunicar e divulgar os conteúdos dos acervos da instituição para a sociedade em geral. Este instrumento legal foi provocador para a instituição elaborar diversas políticas internas e abrangentes.

Em diálogo com a Lei de Acesso à Informação, cabe destacar no caso específico da Fiocruz, a elaboração da *Política de Acesso Aberto ao Conhecimento da Fiocruz*⁴⁷, instituída em 2014, seguindo um movimento mundial de tornar público o que é produzido com recursos públicos. Outra iniciativa refere-se à *Política de Comunicação da Fiocruz*⁴⁸, de 2016, com a finalidade de orientar e normatizar o campo da comunicação na instituição. Esta política parte do entendimento que a comunicação é alicerce da democracia e a considera numa dimensão que supera o instrumentalismo, como evidencia o trecho abaixo:

[...] reconhece como imprescindível a articulação da comunicação com outros saberes, práticas e políticas públicas de diversos campos, tais como informação, educação e mobilização social, tecnologias de informação e comunicação, preservação do patrimônio científico e cultural, acesso aberto ao conhecimento. (FIOCRUZ, 2017, p.7).

Este documento considera fundamental a inter-relação entre campos, saberes e práticas, incluindo a preservação do patrimônio científico e cultural. Trata-se da mesma lógica de integração de ações e práticas de preservação e

⁴⁷ Instituída pelas Portarias Nº 329/2014-PR retificada por 382/2014-PR

⁴⁸https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/politica_de_comunicacao_da_fiocruz.pdf

difusão expressa na *Política de Preservação dos Acervos Científicos e Culturais da Fiocruz*.

Desde a implantação do *Preservo* e da *Política de Preservação*, alguns resultados podem ser apontados, como a instalação e usos de plataformas de digitalização para as Coleções Biológicas e para documentos de grandes formatos. Além disso, estão sendo pensados não só a estruturação física, mas a infraestrutura geral de armazenamento e *backup* relacionados ao *datacenter*, e de recursos humanos para apoio na elaboração dos diversos programas que derivam da Política de Preservação. Outro destaque nas ações da dimensão de preservação e acesso digitais no escopo do *Preservo* está relacionado com a implementação de um repositório de preservação em consonância com o modelo OAIS⁴⁹. O *Preservo* também possibilitou cooperações nacionais e internacionais para troca de experiências.

Já foram digitalizadas partes essenciais do acervo de Obras Raras da Biblioteca de Manguinhos (dos séculos XVII ao XIX) e parte das coleções Histopatológica e Entomológica⁵⁰, que contabiliza mais de cinco milhões de espécies do IOC. Estas ações em curso visam, sobretudo, a ampliação do acesso, preservação dos itens físicos e acesso digital aos acervos.

Em suma, encerramos a primeira parte desse estudo destacando que o trabalho que desenvolveremos a seguir dialoga diretamente com as ações desempenhadas pelo *Preservo*. De fato, o *Preservo* foi fundamental enquanto instrumento e instância colegiada que encaminhou a Fiocruz para a discussão e a implementação de medidas alinhadas com as atuais tendências e melhores práticas de preservação digital. Nesse sentido, o ICICT contribuiu na formulação de políticas voltadas para seus acervos, tanto em prol de preservá-los, como em torná-los disponíveis para acesso público.

⁴⁹ OAIS é um modelo conceitual desenvolvido pelo *Committee for Space Data Systems (CCSDS)* com o objetivo de oferecer às instituições custodiadoras de acervos um padrão para organização das atividades relativas à preservação digital em repositórios digitais com garantias de confiabilidade. Esse modelo referencial foi regulamentado pela norma internacional ISO 14721:2003, posteriormente atualizada para ISO 14721:2012. No Brasil é traduzida para SAAI – Modelo de Referência para um Sistema Aberto de Arquivamento de Informação – representada pela NBR 15472:2007.

⁵⁰ A coleção entomológica é parte das Coleções Zoológicas que integram as Coleções Biológicas. Para saber mais: <http://ceioc.fiocruz.br/>

A experiência adquirida e compartilhada pela VideoSaúde, por meio do conjunto de atividades agregadas ao *Preservo* contribuiu para a constituição de um novo olhar sob o acervo de vídeos, impulsionando conexões com as novas tecnologias digitais de preservação. Com isso, o acervo audiovisual, que não estava contemplado no início do projeto *Preservo*, passou a integrá-lo.

Ao considerarmos nosso objetivo principal, que é a elaboração do diagnóstico do acervo audiovisual da VideoSaúde, acreditamos que o *Preservo* contribui ao trazer a dimensão do patrimônio, sobretudo ao lançar luz sobre o debate da valorização e dos cuidados que devem ser destinados aos acervos. Assim, direcionamos nossas discussões sobre o acervo da VideoSaúde para esse patamar.

No que se refere à preservação digital de acervos audiovisuais, um exemplo de que essa questão é uma preocupação em esfera internacional, é o projeto *Alerta de Fita Magnética*⁵¹. Criado pelo Programa de Informação para Todos (IFAP) da UNESCO, em parceria com a IASA (Associação Internacional de Arquivos de Som e Audiovisuais), essa iniciativa busca alertar os acervos audiovisuais para a urgência em digitalizar fitas magnéticas, que ao longo dos últimos anos, estão se tornando obsoletas. Tanto os equipamentos de reprodução, como os serviços para a sua manutenção, estão desaparecendo do mercado. Estima-se que, caso não se tomem medidas assertivas de digitalização e salvaguarda desses documentos em locais adequados, em pouco tempo não será mais possível acessar um volume gigantesco de documentos.

Considerando esse cenário, ao nos voltarmos para o acervo da VideoSaúde, é notória a necessidade de planejar e formular ações de preservação de seus documentos em dispositivos digitais. Para isso, um primeiro passo a ser dado é conhecer e sistematizar informações sobre esse espaço e seu conjunto documental.

Nesse sentido, voltaremos a um dos pontos fundamentais de nosso trabalho, que consiste na trajetória da VideoSaúde Distribuidora, subunidade do

⁵¹ Fonte: <http://www.mtap.iasa-web.org/es.html>
Acesso em 09/12/2020

ICICT, responsável pela gestão do acervo audiovisual do instituto. Em grande medida, a constituição dessa modalidade de acervo na Fiocruz é de responsabilidade da VideoSaúde, assim como a fomentação das primeiras iniciativas vinculadas à preservação e, especificamente, ao recente processo de preservação digital.

PARTE II

A segunda parte desse estudo consiste na apresentação do objeto principal dessa investigação, o acervo de vídeos, cuja atribuição de custódia e preservação pertence à VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz. Na sequência, procederemos à sua avaliação, através da elaboração de um diagnóstico, seguindo modelo existente e adaptado às características do acervo. Doravante nos ateremos a problematizar sobre as funções de um instrumento de gestão como é o diagnóstico, tendo em vista clarificar as opções deste recurso específico. Entendemos que este diagnóstico é, sobretudo, situacional e visa discutir questões que estabelecem boas práticas em preservação digital e para isso apresentaremos o histórico de criação e desenvolvimento das ações de tratamento técnico, conservação e preservação. Iniciamos, assim, com uma breve discussão sobre formatos e funções do diagnóstico arquivístico.

A partir da história de formação da VideoSaúde Distribuidora e seu acervo, abordaremos a sistematização dos seus conjuntos documentais, mensurando volume, gênero discursivo⁵² audiovisual, datas-limite, a forma de organização e descrição, as formas de acesso e as ações de difusão. Estas informações estarão sistematizadas em um instrumento dedicado à coleta dos dados congregando os respectivos campos informacionais. Este instrumento estará representado em três formulários, um contendo o conjunto das informações sobre o acervo e dois serão destinados, respectivamente, aos conjuntos documentais arquivístico e coleção, integrantes do acervo sob a guarda da VideoSaúde Distribuidora.

⁵² O gênero documental que abordamos neste trabalho é o gênero audiovisual. Para evitar um conflito conceitual e terminológico, estamos definindo como gênero discursivo audiovisual a linguagem narrativa contidas nestes documentos: ficção, animação, documentário *etc.*

1. DIAGNÓSTICO: NOTAS SOBRE FORMATOS E FUNÇÕES DO INSTRUMENTO

Em linhas gerais, elaborar um diagnóstico voltado à um acervo arquivístico consiste em um processo, cuja ferramenta específica visa detectar o estado e os riscos em torno dos documentos salvaguardados. Para alguns autores, a exemplo de Marilena Paes (2006), o diagnóstico de arquivo busca constatar “pontos de atrito, de falhas ou lacunas existentes no complexo administrativo”⁵³ (PAES, 2006. p.36).

Para outros autores, o diagnóstico serve de fundamento para elaboração de iniciativas que visam tanto a constituição de um arquivo, como o melhor funcionamento de um acervo já existente. De todo modo, um consenso entre as interpretações se dá pelo reconhecimento desse procedimento ser, no âmbito arquivístico, uma ação relevante que contribui diretamente nas tomadas de decisão quanto à gestão e manutenção do arquivo de uma instituição, independentemente do seu seguimento público ou privado.

Como salientam Julce Cornelsen e Victor Nelli (2006)⁵⁴, o diagnóstico é “um método de intervenção” e seu objetivo é investigar os problemas suscitados pelas informações produzidas por uma instituição, tanto no seu caráter interno como externo. Isto é, aponta desde questões vinculadas diretamente ao documento, a exemplo do seu estado de conservação, indo até caracterizações mais amplas, como pessoal responsável pelo suporte técnico ao arquivo ou recursos financeiros.

Nesse sentido, Cornelsen e Nelli (2006) compreendem que os principais dados que devem ser coletados com o diagnóstico precisam estar relacionados à estrutura, funções e atividades desenvolvidas no arquivo. Apresentando uma visão utilitarista, os autores apontam que a partir dessa base de dados, devem ser analisados os fluxos de informações que permeiam a organização que o arquivo integra, atentando-se para aspectos específicos dos documentos

⁵³ PAES, Marilena Leite. Arquivo: teoria e prática. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

⁵⁴ CORNELSEN, J. NELLI, V. Gestão integrada da informação arquivística: o diagnóstico de arquivos. Arquivística.net, Rio de Janeiro, v.2, n. 2, p 70-84, ago./dez. 2006.

resguardados, a exemplo de quando foi produzido, de que forma vem sendo utilizado, por quais setores tramita *etc.*

Entretanto, o diagnóstico varia de acordo com seus objetivos específicos. Não há um “único ‘modelo’ de diagnóstico na literatura especializada capaz de absorver a complexidade e a diversidade de documentos e de informações das organizações” (CORNELSEN, NELLI. 2006. p.82).

Em geral, no processo de construção do diagnóstico, é elaborado um instrumento de coleta de dados, como uma espécie de formulário com campos informacionais específicos, onde esquematizam-se variados aspectos elencados do acervo em avaliação. De acordo com as intenções dos responsáveis, o levantamento pode ser feito a partir da averiguação de cada item do acervo, assim como pode ser realizado por amostragem. De todo modo, é justamente nesse caráter incerto que se encontram alguns dos principais debates sobre a elaboração desse procedimento.

Apesar de sua relevância, discussões em curso nos últimos anos revelam uma imprecisão terminológica que reflete uma carência de parâmetros mais consistentes sobre quais elementos compõem de fato um diagnóstico de arquivo. Ao realizarem um apanhado sobre o conceito de diagnóstico e como este é apresentado na literatura especializada, Marcella Mendes Braga e Cynthia Roncaglio (2019)⁵⁵ evidenciam que no âmbito internacional – onde há uma preocupação com a ampliação, nas últimas décadas, de procedimentos de levantamentos de dados de acervos de diferentes espécies – o termo “diagnóstico” geralmente não é utilizado para conceituar essa ação. Entre os exemplos apresentados pelas autoras, verifica-se que na língua inglesa utiliza-se o termo *Record survey*, enquanto no francês, processos análogos são denominados *analyse des besoins*.

No caso específico do Brasil, Braga e Roncaglio verificam que apenas um dicionário nacional – o *Dicionário de Terminologia Arquivística*, de 1996, elaborado pelo Núcleo Regional de Arquivos de São Paulo, da Associação dos

⁵⁵ BRAGA, Marcela M., RONCAGLIO, Cynthia. Os usos do termo diagnóstico na literatura arquivística. Em *Questão*, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 390-413, jan./abr. 2019

Arquivistas Brasileiros (AAB) – apresenta uma definição de diagnóstico de arquivos. Segundo o dicionário, esse procedimento consiste em uma:

Análise das informações básicas (quantidade, localização, estado físico, condições de armazenamento, grau de crescimento, frequência de consulta e outras) sobre arquivos a fim de implantar sistemas e estabelecer programas de transferência, recolhimento, microfilmagem, conservação e demais atividades. (CAMARGO; BELLOTTO, 1996, p. 24).

Para além desse verbete não são identificados outros dispositivos formais, no campo da Arquivologia, que se preocuparam em delimitar uma estrutura básica para essa ação, o que leva, segundo Braga e Roncaglio, a uma utilização genérica do conceito de diagnóstico, sem a existência de uma fundamentação teórica consistente.

A necessidade de se delimitar de forma mais precisa a estrutura de um diagnóstico se faz ainda maior quando evidenciamos as mudanças cada vez mais aceleradas do que se compreende como arquivo. É notória a existência de variados formatos de documentos, armazenados de diferentes formas, assim como produzidos em volumes cada vez maiores pelas instituições. Por conta desse volume, demanda-se uma organização cada vez mais otimizada, além da importância de mecanismos que possibilitem seu acesso de maneira ágil e segura.

Logo, segundo Lucienne Ferreira e Denise Melo (2008)⁵⁶, para que seja possível a formação de todo o aparato que envolve a gestão documental, o primeiro passo a ser desempenhado é justamente a elaboração do diagnóstico do arquivo. E na mesma medida, o bom funcionamento desse espaço também depende de levantamentos periódicos quanto à situação do seu acervo, da sua estrutura física, pessoal mobilizado, e assim por diante.

Tendo em vista os desafios teóricos e metodológicos que se impõem à realização de um diagnóstico de arquivo, a proposta se torna ainda mais desafiadora quando o objeto de análise consiste em um acervo audiovisual. Se

⁵⁶ FERREIRA, L., MELO, D. Diagnóstico de arquivos: instrumento de ação efetiva na gestão documental. I FÓRUM INTERNACIONAL DE ARQUIVOLOGIA – UEPB – Campus V - João Pessoa, 25 a 27 de novembro de 2008.

existe uma carência na literatura especializada quanto à modelos de diagnósticos de arquivos considerados “tradicionais”, essa escassez de referências se potencializa à arquivos em formato de áudio e vídeo.

Desse modo, uma vez que seja necessário moldar seu próprio formato de diagnóstico, considerando as necessidades do acervo e com os objetivos do levantamento, nos voltamos para o objeto dessa pesquisa, isto é, o acervo da VideoSaúde Distribuidora.

Neste momento, vamos nos ocupar de discutir a ideia de um diagnóstico e seus objetivos quanto à construção de uma boa descrição da situação do acervo, visando compilar dados muitas vezes dispersos e não registrados sobre suas origens e formação. No caso desse trabalho, o diagnóstico também se utiliza de documentos sobre o acervo que estão depositados na própria instituição. Essa documentação consiste em regimentos, planos de trabalho, relatórios, manuais, projetos técnicos *etc.*

Na mesma medida vamos em busca de informações mais precisas para o diagnóstico utilizando documentos de arquivo dos profissionais que contribuíram para a organização do acervo. Para este estudo vamos nos servir de gravações em vídeo (material não editado) que vários profissionais fizeram para compor um vídeo documental para a celebração de 21 anos de formação da VideoSaúde. Esses profissionais colaboraram para a organização do acervo, embora estejam atualmente afastados dessa tarefa.

Outro recurso importante que vai nos auxiliar na elaboração do diagnóstico provém das informações coletadas junto a profissionais que estão à frente das ações de gerenciamento do acervo atualmente. Estas são as principais referências que escolhemos para conduzir este trabalho. O resultado, esperamos, será o de registro das formas com as quais a VideoSaúde manteve o referido acervo no tempo: como adquiriu, como preservou, de que forma tratou as informações sobre ele, como acompanhou os impactos da obsolescência tecnológica, sobretudo no que tange à questão do digital, garantindo o acesso em longo prazo aos materiais do acervo, entre outros aspectos relevantes.

2. HISTÓRIA DE CRIAÇÃO DO ACERVO DA VIDEOSAÚDE DISTRIBUIDORA

A priori podemos dizer que VideoSaúde Distribuidora é uma subunidade do ICICT e foi estabelecida em 1992, como distribuidora de vídeos no então Núcleo de Vídeo. Pretendemos apresentar, de modo resumido, a atuação desse setor que tem o acervo como o elemento central de suas ações, cujas atividades são realizadas tanto para ampliá-lo como para preservá-lo.

O que hoje conhecemos como VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz teve sua origem como Núcleo de Vídeo, em 1987. Ao longo de sua trajetória recebeu três denominações: Departamento de Comunicação e Saúde, em 1995; Serviço de Produção e Distribuição de Audiovisual em Saúde, entre 2007 e 2009, quando adotou a designação atual – o nome da sua distribuidora. Podemos apontar que tais mudanças acompanharam a transformação da própria estrutura do ICICT.

A atividade fundamental desenvolvida pela VideoSaúde Distribuidora é a gestão do acervo audiovisual sobre saúde produzido e acumulado ao longo dos últimos 33 anos. Atualmente este acervo conta com aproximadamente 9.500 registros em sua base de dados, de diversas proveniências, que abrange registros realizados da forma analógica à digital e que apresenta variados formatos.

As fontes documentais que consultamos tornaram evidentes as múltiplas atividades desenvolvidas por este serviço. Portanto, essas atividades tinham no acervo um ponto inequívoco de convergência. O documento⁵⁷ “Avaliação do processo de implantação do Núcleo de Vídeo”, de 1988, apresentou propostas de reestruturação e as perspectivas de trabalho a partir da avaliação dos seus primeiros dez meses de atuação.

⁵⁷ Este documento “Avaliação do processo de implantação do Núcleo de Vídeo” é um relatório técnico e foi encontrado nos arquivos da VideoSaúde [Fundo Administrativo, Caixa 29, Pasta 156].

As atribuições do então Núcleo de Vídeo, relacionadas neste documento se subdividem em cinco áreas: (i) de produção de *material em vídeo, filme ou áudio*; (ii) de *comunicação interna e com a sociedade*; (iii) de acervo; (iv) de pesquisa; (v) de formação de pessoal especializado. Estas áreas apresentam o volume e a variedade de atuação que marcou o trabalho desse setor.

O quadro a seguir apresenta as respectivas atribuições, conforme apresentado no Documento que avaliou o processo de implantação e desenvolvimento do então Núcleo de Vídeo.

QUADRO 4 – Áreas e atribuições do Núcleo de Vídeo (1987-1988):

ÁREA	ATRIBUIÇÃO
de produção de <i>material em vídeo, filme ou áudio</i>	registro de eventos e/ou serviços dos diversos setores da Fiocruz, como aulas, debates e projetos especiais; além de produções e coproduções para diversos usos para ensino e veiculação em canal aberto de TV e rádio (foram realizados 15 programas de 10 minutos – série “Saúde, um direito de todos”, exibida na Rádio MEC AM);
de <i>comunicação interna e com a sociedade</i>	para comunicar com a sociedade, implantar um sistema de empréstimo de fitas VHS, nos moldes de um vídeo clube; consolidado em Videoteca na Biblioteca central;
de acervo	organizar o acervo de modo a preservar os “originais”, as matrizes em vídeo, filme [foram encontrados alguns documentos em 16mm] e áudio;
de pesquisa	cria grupo de estudos da linguagem de vídeo e áudio para aprofundar as discussões do campo da comunicação no âmbito da saúde pública;
de formação de pessoal especializado	organiza debates e encontros e o curso de atualização para profissionais da área da saúde.

Fonte: a autora (2021)

Noutras palavras, verificamos que estas atribuições foram desenvolvidas e agrupadas em Distribuição, Produção e Pesquisa. A Distribuição é representada por diversos meios, como a implantação e manutenção de videotecas, para consulta e empréstimo de vídeo; a exibição em TVs públicas e

de cópias e exposições em mostras itinerantes; até a criação da Distribuidora para gerir o acervo.

No documento *Tabela de Temporalidade e Destinação* de documentos para as atividades finalísticas da Fiocruz, do Sistema de Gestão de Documentos e Arquivos (SIGDA)⁵⁸, a VideoSaúde se enquadra no código referente à “Documentação, informação e comunicação em ciência e tecnologia em saúde”, de destinação final de guarda permanente.

A Produção de vídeos envolveu a coprodução de documentários e os registros de eventos da instituição; mas também a organização de mostras nacionais visando mapear e reunir o audiovisual sobre saúde. A Pesquisa, por sua vez, é representada pelo Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação (NEPCOM) que, além de realizar consultorias e reflexões também produziu em parceria com o Departamento de Ciências Sociais da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP) e consultoria do professor Antonio Fausto Neto, da UFRJ, o *Curso de Atualização em Comunicação e Saúde*⁵⁹.

O campo do ensino e da pesquisa passou a ser impulsionado com a realização deste curso como proposta pioneira de nível *lato sensu* nas áreas de Comunicação e Saúde. Este curso ocorreu em 3 edições e tinha como objetivo criar um espaço de aperfeiçoamento dos profissionais de comunicação que integravam instituições de saúde e outras organizações. Além disso, buscava oferecer subsídios para o planejamento, desenvolvimento e avaliação de políticas e práticas institucionais de Comunicação e Saúde⁶⁰, e ainda, realizava consultorias e reflexões sobre seu campo de atuação.

⁵⁸ Tabela de Temporalidade e Destinação para atividades-fim da Fiocruz do Sigda: http://www.sigda.fiocruz.br/images/pdf/TTD_PARA_ATIVIDADES_FIM_DA_FUNDACAO_OSW_ALDO_CRUZ.pdf Outros documentos: <http://www.sigda.fiocruz.br/documentos-de-referencia>

⁵⁹ Em cada uma de suas edições (1993, 1995 e 1997) foi oferecido na modalidade Atualização, com carga horária de 160 horas, dividido em 5 módulos e cobria temas como Políticas sociais no Brasil, Políticas de saúde e as mudanças de paradigmas, Teorias da comunicação e os principais modelos teóricos e a Produção de eventos comunicativos, entre outros. A repercussão propiciou o estabelecimento de parcerias com outras instituições, como a UFRJ. A partir da terceira edição, o curso foi transformado em Especialização. [Encarte em anexo]

⁶⁰ MORAES, Alice Ferry. O uso de estratégias na transferência de informações nos vídeos em saúde. Rio de Janeiro: IBICT, ECO/UFRJ, 2003. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/669> Acesso: 16/12/2020.

Considerando a formação da VideoSaúde e os processos de mudança e amadurecimento que integraram sua trajetória, assim como as etapas de formação do seu acervo, organizaremos esse histórico em dois momentos. Iniciaremos essa descrição pelos primeiros anos de atuação, do final da década de 1980 à década de 1990. Em seguida, focalizaremos nas mobilizações que resultaram na constituição efetiva do seu acervo.

2.1 De Núcleo de Vídeo a Departamento de Comunicação e Saúde (1987-1995)

O processo de formação e crescimento da VideoSaúde Distribuidora é atravessado por diversas personagens que protagonizaram feitos que resultaram na criação de um patrimônio audiovisual sobre saúde no Brasil. Entretanto, para efeito de constituir a base da história deste setor, destacamos os quatro profissionais que fundaram seu arcabouço: Áurea Maria da Rocha Pitta, Janine Miranda Cardoso, Sérgio Luiz da Silva Brito e Homero Teixeira de Carvalho. A diligência assumida por eles ultrapassou a vertente da produção e distribuição de vídeos, agregando atividades de ensino, pesquisa e consultoria na área da saúde.

O quadro a seguir apresenta em uma linha do tempo as transformações de nomenclatura pelas quais passou a VideoSaúde Distribuidora, desde a sua criação, em um paralelo com as mudanças da unidade ICICT:

QUADRO 5 – Linha do tempo ICICT e VideoSaúde:

ICICT	ANO	VIDEOSAÚDE DISTRIBUIDORA DA FIOCRUZ
SIC - (Ato 047/86-PR 07/04/1986) SUPERINTENDÊNCIA DE INFORMAÇÃO CIENTÍFICA	1986	
	1987	NÚCLEO DE VÍDEO / CCS / PR
	1988	NVT / SIC (Ato 054/88-PR 20.05.88)
SICT (Ato 143/89-PR 17/08/1989) SUPERINTENDÊNCIA DE INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA CICT	1989	
	1992	CENTRO DE INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA
ICICT (deliberações da plenária extraordinária do VI Congresso Interno da Fiocruz) INSTITUTO DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA EM SAÚDE	1995	DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E SAÚDE (DCS/CICT)
	2006	
	2007	SERVIÇO DE PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE AUDIOVISUAL EM SAÚDE (SPDAV/ICICT)
	2009	VIDEOSAÚDE DISTRIBUIDORA DA FIOCRUZ (VSD/ICICT)

Fonte: a autora (2021)

O Núcleo de Vídeo foi formalizado pelo Ato 054/88-PR, em 20 de maio de 1988, na estrutura da então Superintendência de Informação Científica (atual ICICT). No entanto, seus trabalhos tiveram início um ano antes, junto à Coordenadoria de Comunicação Social (CCS) da Fiocruz, partindo do interesse da presidência da instituição em constituir um setor dedicado ao audiovisual.

Assim, muito do trabalho iniciado no final dos anos 1980 teve como consequência tanto a posterior criação de uma distribuidora de vídeos própria da Fiocruz, como foi uma das bases para a constituição do campo da Comunicação e Saúde como área de conhecimento. Deste modo, tão importante quanto caracterizar este acervo, é apresentar esses profissionais que constituíram um conjunto documental videográfico bastante expressivo.

Ainda em 1987, um grupo de estudos⁶¹, liderado pela Áurea Pitta, discutiu e elaborou o *Projeto de Implantação do Núcleo de Vídeo da Fiocruz*. Este documento apresenta como proposta de trabalho “incorporar as potencialidades da tecnologia do audiovisual e a utilização mais crítica dos meios de comunicação de massa”. Este projeto mapeou as atividades de produção e difusão da informação que poderiam ser desenvolvidas pela Fiocruz utilizando o suporte vídeo.

As atividades do Núcleo de Vídeo foram iniciadas por Áurea Pitta e Janine Cardoso. Bióloga e professora da rede pública de ensino, Pitta também atuava como locutora e apresentadora de programas jornalísticos na TV Educativa do Rio de Janeiro e durante um período de greve na rede de ensino, ela decide expor um projeto de vídeos para a Fiocruz. Ao procurar a instituição é recebida pelo jornalista Álvaro Nascimento⁶², que era o Coordenador de Comunicação Social da instituição. A relação da professora com a televisão, de certa forma, propiciou a aproximação e o desenvolvimento dessa área na Fiocruz.

A cientista social Janine Miranda Cardoso, que já atuava no Programa Radis, junta-se à Áurea Pitta e ambas passam a mapear o que havia de documento audiovisual realizado pela Fiocruz. Nessa busca, encontraram algumas fitas de VHS “esquecidas” em prateleiras pelas unidades da instituição

⁶¹ O grupo que participou da elaboração deste documento: Álvaro Nascimento (Jornalista, Coordenador de Comunicação Social da Fiocruz); Áurea Pitta (Bióloga e Radialista); Francisco Higino (Diretor de cinema e TV, Produtor); Janine Cardoso (Cientista Social); Marcus Barros Pinto (Jornalista do Projeto RADIS); Sinval Brandão (Pesquisador em Saúde Pública, Consultor Técnico do Projeto RADIS). Créditos do Relatório: Supervisão: Álvaro Nascimento; Organização: Áurea Pitta; Agradecimentos: Hugo Souza Mello (Engenheiro Eletrônico especialista em instalação e manutenção de circuito interno de TV). Referência: Projeto de Implantação do Núcleo de Vídeo da Fiocruz, 1987; [Sala de Consulta DAD/COC], Fundo Presidência, Caixa 179, Maço 04.

⁶² Álvaro Nascimento foi chefe da Coordenadoria de Comunicação Social (CCS) entre 1987 e 1988; Coordenador, editor, redator e repórter do Programa RADIS/ENSP, entre 1987 e 2001.

e decidiram reunir esse material, identificar seu conteúdo, listar e divulgar, à princípio, para o quadro interno da instituição. Este primeiro trabalho visava oferecer acesso aos conteúdos, a partir de cópias desses documentos em vídeo, a quem tivesse interesse⁶³ (PITTA, 2013).

Esta ideia inicial – de mapear, reunir, catalogar, divulgar e oferecer acesso – tornou-se uma prática contínua do setor e acabou se tornando o *modus operandi*, o procedimento que levou a constituir o acervo de vídeos da VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz.

No início dos anos 1990, o Núcleo de Vídeo se fortalece com a chegada de Sérgio Luiz da Silva Brito e Homero Teixeira de Carvalho, remanejados da Fundação do Cinema Brasileiro⁶⁴ para a Fiocruz, que trouxeram a experiência nas áreas de exibição, realização de festivais e distribuição de filmes. A habilidade destes profissionais em gestão cultural trouxe um fôlego maior para o desenvolvimento das atividades do Núcleo, sejam elas ações tanto de ensino e pesquisa quanto para as realizações que impulsionaram a estruturação do acervo.

Nestes primeiros anos, o Núcleo de Vídeo apresentava duas áreas internas, Difusão da informação e Produção, além dos polos voltados para ensino e pesquisa, cuja divisão permanece até a atualidade e norteia as operações do setor. Estas áreas passaram por várias alterações com o decorrer do tempo. Nos primeiros anos, a área de Difusão, por exemplo, se subdividia em Videoteca Central (atual Videoteca de Manguinhos) e Banco de Recursos Audiovisuais em Saúde (BRAVS). Estes eram eixos de disseminação da informação sobre saúde utilizando o suporte vídeo.

Os esforços para ampliação e disseminação do acervo tiveram como importante marco o ano de 1994. Foi nesse período que se iniciaram as

⁶³ PITTA, Aurea M.R. 2013. VideoSaúde 25 anos. Um pouco de sua história e de seu éthos. Disponível em: <http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/4299444.pdf?1369138076> Acesso: 30/08/2020

⁶⁴ Extinta no início dos anos 1990, a Fundação do Cinema Brasileiro foi uma agência criada em 1988, a partir da Embrafilme, com o objetivo de “operacionalizar o lado cultural da atividade cinematográfica, voltado ao filme curto e documentário” (AMANCIO, 2007, p.181). Fonte: ALCEU - v.8 - n.15 - p. 173 a 184 - jul./dez. 2007 (Pacto cinema-Estado: os anos Embrafilme). <http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/Alceu_n15_Amancio.pdf> Acesso: 18/3/2020.

transmissões de conteúdo por meio do Canal Saúde⁶⁵, através do sinal de satélite da Embratel. A essa altura, segundo Cardoso (1994)⁶⁶, o acervo contava com, aproximadamente, 700 títulos registrados no seu banco de dados (BRAVS).

O acervo que estava se constituindo já possuía a mesma característica híbrida que tem hoje, de proveniências distintas. Em um primeiro momento houve a iniciativa de reunir a produção audiovisual que se encontrava dispersa pelas unidades da Fiocruz, mas em seguida essa busca foi ampliada para produtores diversos apenas pelo interesse na temática da saúde pública.

Por um lado, havia o interesse em reunir a produção audiovisual sobre saúde de qualquer proveniência; por outro, a equipe se empenhava em produzir documentos audiovisuais a partir dos registros de eventos da instituição. Como resultado, documentos que foram sendo acumulados pela reunião do que estava disperso na instituição, bem como pelo que se colecionava de outras proveniências, acrescido dos registros que eram produzidos pela própria equipe do Núcleo de Vídeo eram incorporados em uma lista única de distribuição e, ainda, algumas dessas produções eram exibidas na programação do recém inaugurado Canal Saúde.

Para seus administradores, o interesse nesses documentos passava por constituir um polo de referência com objetivo de instrumentalizar as experiências de implantação do Sistema Único de Saúde e ainda constituir um espaço de intercâmbio, divulgação e integração de práticas e conhecimentos. Nesse momento não era preocupação formar um arquivo, mas um polo de guarda e distribuição de audiovisuais em saúde pública sem, portanto, haver preocupação quanto à proveniência.

Os registros consistiam em gravações de eventos técnicos-científicos que aconteciam na Fiocruz. A partir disso, fazia-se uma edição e, assim, uma versão reduzida do evento – que podia ser uma palestra ou uma entrevista – passava a

⁶⁵ O Canal Saúde foi criado em 1994, resultado da parceria entre a Fiocruz, o Ministério da Saúde e a Embratel, que teve início no Comitê de Entidades no Combate à Fome e pela Vida. Os vídeos do acervo alimentaram a programação nos primeiros anos de sua atuação.

⁶⁶ CARDOSO, Janine Miranda. “Núcleo de Vídeo/CICT/FIOCRUZ Uma experiência de informação e comunicação em saúde”. TCC especialização. IBICT/UFRJ. 1994.

ficar disponível para cópia e consulta na videoteca de Manguinhos. Estas primeiras gravações eram feitas com equipamentos semiprofissionais utilizando-se câmeras VHS e SVHS. As cópias disponíveis para acesso eram em formato fita VHS.

Com a estruturação do setor, outros equipamentos foram sendo incorporados – como a câmera *U-Matic* – especialmente para as produções de documentários, que demandavam uma qualidade mais profissional. Consideramos importante citar como exemplo desse conjunto arquivístico, entre os primeiros materiais a serem abrigados, o documentário produzido pela COC e a produtora Cinefilmes “Massacre de Manguinhos”⁶⁷, de 1986; e também o registro dos principais trabalhos da Comissão Organizadora da VIII Conferência Nacional de Saúde (CNS), assim como a íntegra das atividades da VIII CNS, realizada em 1986, que compõem 44 horas de gravações⁶⁸, incluindo uma versão editada de 28 minutos com a íntegra do discurso de Sergio Arouca, como presidente da conferência.

Ainda que a equipe do Núcleo de Vídeo não utilizasse procedimentos técnicos mais apropriados para a gestão arquivística de uma parcela do acervo, é importante relatar que a coleção é resultado do interesse de reunir vídeos com o foco nos temas da saúde. O objetivo principal era fazer circular a informação por meio do audiovisual, desde vídeos de outras unidades da Fiocruz até produções de TVs, especificamente documentários televisivos cuja temática converge com a atividade da instituição. Podemos citar, como exemplo, uma produção da TV Cultura, de 1982, intitulado “Carlos Chagas” e descrito como um programa baseado no depoimento de Carlos Chagas Filho visando recuperar a história de descoberta da doença de Chagas. Outro exemplo, uma gravação de 1987 do “debate sobre o setor saúde na primeira etapa dos trabalhos da

⁶⁷ Os créditos principais do documentário “Massacre de Manguinhos” constam: produção COC e Cinefilmes, direção de Lauro Scorel Filho; o documentário se refere à cassação dos direitos políticos de 10 pesquisadores do IOC, entre 1970 e 1986. O vídeo apresenta ainda o depoimento de alguns cientistas e a cerimônia de reintegração dos cientistas que foram cassados pela ditadura militar brasileira.

⁶⁸ Esse material é referente à VIII CNS e foi produzido pela Comissão Organizadora/Fiocruz durante a Conferência, em 1986, congregando uma série de temas relacionados com os principais debates e deliberações dos congressistas. O material bruto, contendo 44 horas, passou por edição no Núcleo de Vídeo e, assim, foram transformados em 11 vídeos catalogados no BRAVS. Referência: [Sala de Consulta DAD/COC], Fundo Presidência, Caixa 170, Maço 06.

Assembleia Nacional Constituinte”, cedido pelo Núcleo de Estudos em Saúde Pública da Universidade de Brasília.

O Núcleo de Vídeo esteve empenhado em alinhar sua atuação com os debates fomentados a partir da Reforma Sanitária Brasileira, que surgiu nos anos 1970, mas tem como marco a VIII Conferência Nacional de Saúde, ocorrida em 1986, como já dito. Nesse contexto, a educação e a informação foram inseridas como pauta da instituição da saúde como um direito de cidadania e, conseqüentemente, a área da comunicação é agregada a esse direcionamento.

A partir da realização da VIII Conferência Nacional de Saúde, uma sucessão de eventos fez emergir discussões e iniciativas de investigação das práticas de comunicação no processo de implantação do SUS. Entre as diversas iniciativas, um exemplo importante foi a criação do Grupo de Trabalho de Comunicação da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (GTCOM da Abrasco). Este GT tinha como objetivo as discussões sobre políticas de comunicação em saúde, a partir de reuniões, oficinas e seminários destinados à ampliação da participação e do controle social no setor saúde.

A equipe do Núcleo de Vídeo participou ativamente deste processo de articulações e, sobretudo, buscou absorver os avanços dessas discussões em sua prática cotidiana. Como salientam Pitta (2013) e Cardoso (1994), um passo importante foi a articulação com o GTCOM da Abrasco, que impulsionou o debate das relações entre as políticas de comunicação e a saúde coletiva nos Congressos promovidos por essa Associação.

Para o trabalho do grupo do Núcleo de Vídeo, influenciado pelas novas formas de se pensar saúde, a comunicação tinha a dimensão do fazer e do como fazer para dar visibilidade a uma série de questões de saúde para a população. Isso implicou na necessidade de se produzir, buscando não repetir os modelos existentes. E esse foi o mote para a reflexão das práticas do setor. Visto que não

se tratava apenas de fazer, era preciso refletir sobre o que havia sido realizado até aquele momento (CARDOSO, 2009)⁶⁹.

Essas inquietações suscitaram o exercício fundamental do Núcleo de Vídeo. Além de ampliar o que era feito em vídeo, foram iniciados movimentos voltados para os campos do ensino e da pesquisa. A um só tempo, o Núcleo dividia sua atenção em duas esferas: a prática, dedicada à produção e disseminação; e o âmbito do ensino e da pesquisa, auxiliando na formação e no aprimoramento das discussões do campo nascente da Comunicação e Saúde.

Um dos reflexos do impacto dessas iniciativas veio a ser percebido com o aumento das demandas por oficinas de trabalho. Essa procura passou a exigir do Núcleo de Vídeo uma maior estrutura para o oferecimento destas atividades. Nesse sentido, o crescimento no número de profissionais da saúde interessados em programas de treinamento na área da comunicação demonstrou, para a equipe de trabalho do Núcleo de Vídeo, o quanto a comunicação para a área da saúde é estratégica, em contraponto à visão instrumental da comunicação por parte de gestores do SUS e profissionais da saúde de um modo geral.

Ao considerar as áreas de atuação desenvolvidas pelo Núcleo de Vídeo, outro momento que merece destaque nesses primeiros anos de atividade consiste na criação da marca VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz. Com vistas a institucionalizar a produção e tornar a Distribuidora apta para produzir e exibir seus conteúdos em canais de televisão é registrada no Concine (atual Ancine), órgão do Ministério da Cultura, sob o certificado nº 33.781.055/001.3.06, em 16 de julho de 1992. Nesse mesmo período também encaminham o registro de patente junto ao Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI).

Estas ações que possuíam um caráter muito mais burocrático, proporcionaram maior segurança nas atividades que já estavam sendo desempenhadas pelo Núcleo de Vídeo, não variando sua função e responsabilidade. As iniciativas que passariam a ser executadas pela

⁶⁹CARDOSO, Janine M. **Entrevista concedida a Sergio Brito**. Rio de Janeiro, 2009. [A entrevista encontra-se gravada para compor um documentário sobre a História da VSD, em 2009].

Distribuidora estariam articuladas com a organização do acervo e com a promoção de cursos, para o “fortalecimento do diálogo com a produção independente” (BRITO, 2013⁷⁰; PITTA, 2013⁷¹).

Estes registros representaram o desejo de profissionalizar os feitos do Núcleo de Vídeo e assegurar a marca para a Fiocruz. Além disso, esse novo status seria um mecanismo para assegurar as questões de direitos legais relativas à produção audiovisual. Visavam, ainda, o fortalecimento das várias frentes de atuação deste setor, como apresentaremos na sequência.

Por conta desse crescimento no escopo das suas atividades, o Núcleo de Vídeo recebeu, em 1995, uma nova nomenclatura: Departamento de Comunicação e Saúde (DCS). Esta transformação era justificada, por um lado, como um reflexo das atividades desempenhadas pelo grupo do então Núcleo de Vídeo, especificamente a partir do “desenvolvimento de atividades de ensino, difusão e pesquisa em comunicação e saúde” e, por outro, devido à capacitação pela qual os membros se empenharam em realizar⁷² (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 1996).

A estrutura do DCS foi organizada em duas áreas: a VideoSaúde Distribuidora e o Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação (NEPCOM). A primeira cuidava das questões práticas, enquanto o Núcleo de Estudos se ocupou com as reflexões sobre essas práticas.

Um dos pontos marcantes nessa nova fase se refere à inserção de novas tecnologias ao quadro de atuação do setor. Ao lado dos tradicionais rádio e televisão, as ações do DCS também abarcam as transmissões de dados via internet e as transmissões via satélite. Estas iniciativas traçam um cenário de interconectividade nas comunicações que não mais permitem aos profissionais

⁷⁰ BRITO, Sérgio; PITTA, Áurea; CARDOSO, Janine; CARVALHO, Homero. **Programa sobre os 21 anos de existência da VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz:** sua história e personagens. Neide Diniz (repórter/mediadora) Fundação Oswaldo Cruz/Distribuidora VideoSaúde. 04 mar. 2013. YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JkW23eGq2lc&t=1152s_ Acesso em: 05 mar. 2021

⁷¹ Idem p.45. A transcrição do Programa VideoSaúde 21 anos, encontra-se no Apêndice (p.117).

⁷² O grupo do Núcleo de Vídeo buscou capacitação nas áreas da Comunicação, Informação e Saúde Pública. Áurea Pitta se especializa e faz o mestrado em 1990 e 1994; Janine Cardoso realiza sua especialização em 1994; e Homero Carvalho conclui o mestrado em 1996.

da área da comunicação uma visão fragmentada dessas possibilidades tecnológicas.

2.2 Histórico de formação do acervo audiovisual

Como apontamos anteriormente, os primeiros itens do acervo audiovisual do ICICT foram reunidos por Áurea Pitta e Janine Cardoso ainda no final dos anos 1980. O acervo começou a adquirir seus primeiros contornos a partir da agregação e catalogação do que havia sido produzido por algumas unidades da Fiocruz. Um exemplo disso é o documentário, de 1987, produzido pela CCS/Fiocruz, retratando a visita do presidente de Portugal, Mario Soares para selar acordo de cooperação científica entre os países⁷³.

Desse modo foi organizado um acervo central onde seria possível reunir os documentos audiovisuais da Fiocruz, com a finalidade de preservar os originais e oferecer acesso aos seus conteúdos – por meio de cópias, e respeitando os critérios de direitos autorais (para as ações de distribuição e utilização de imagens cedidas).

No relatório técnico intitulado “Avaliação do processo de implantação do Núcleo de Vídeo - proposta de reestruturação e perspectivas de trabalho na Fundação Oswaldo Cruz”⁷⁴, de 1988, encontramos uma avaliação dos primeiros dez meses de trabalho do setor de vídeos da Fiocruz. Partindo da experiência acumulada, esse relatório apresentou o que estava sendo empreendido em relação à organização do acervo.

⁷³ Documentário "visita de Mário Soares a Fiocruz", Produção e realização: CCS/Fiocruz. Ano de produção 1987. Tempo: 21min. Fonte: bravs.icict.fiocruz.br

⁷⁴ Este relatório técnico, datado de maio de 1988, contendo 62 páginas, foi encontrado em: [Sala de Consulta DAD/COC] Caixa 170, Maço 6. Este documento faz referência a um outro documento já mencionado anteriormente: “Projeto de Implantação do Núcleo de Vídeo da Fiocruz” de 1987.

Este mesmo documento apresenta a intenção de implementar um banco de imagens em movimento contendo, inclusive, as necessidades técnicas e de pessoal para tal. O objetivo seria a organização do acervo, com a finalidade de reuso das imagens para criar outras obras, sem que fosse necessário empreender novas gravações visando, sobretudo, reduzir os custos de produção.

Para organizar a composição inicial do acervo, foi criada uma *Ficha de referência de materiais*, cujo modelo foi inspirado em uma ficha catalográfica do IBICT⁷⁵ e distribuída entre as unidades da Fiocruz, visando recolher referências do que havia de produção na instituição. Estas informações colhidas iriam compor a primeira listagem do Núcleo de Vídeo. O que balizava essas ações nessa época era a visão de biblioteca, ou seja, a videoteca era organizada como local de tratamento relacionando as produções em vídeo na forma de itens e seu oferecimento para acesso aos conteúdos sem, necessariamente, dispensar preocupações de gestão do conjunto como arquivo.

Consta nos registros dos relatórios de avaliação deste serviço que a partir da reunião destes documentos audiovisuais, a equipe do Núcleo de Vídeo providenciou cópias em VHS desse material e os disponibilizou para consulta e empréstimo através da Videoteca, criada com esta finalidade na Biblioteca Central (atual Biblioteca de Manguinhos). Com um início tímido e precário, pouco a pouco expandiu seu acervo e serviços motivado pelo interesse que provocou em pesquisadores, estudantes e trabalhadores em geral da Fiocruz.

O Relatório de Atividades de 1989 registra um expressivo aumento do número de usuários após a divulgação de uma listagem dos vídeos para todos os setores da Fiocruz. Deste modo, a iniciativa de elaboração de um catálogo foi imprescindível para facilitar a localização dos vídeos, o que foi realizado, primeiramente, pela própria Biblioteca Central, sob o acompanhamento do Núcleo de Vídeo (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 1990).

De um modo geral, a formação inicial do acervo se deu a partir de uma ação deliberada de mapear, reunir e identificar os vídeos que se encontravam

⁷⁵ Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - <https://www.ibict.br/>

em algumas unidades da Fiocruz, resultado de suas próprias produções, como no exemplo da CCS acima. Entendemos que essa foi a composição da primeira lista elaborada pela equipe do Núcleo de Vídeo, embora houvesse também uma quantidade de vídeos cedidos por TVs e produtores independentes. Essa lista representa o início do trabalho da VideoSaúde.

O aumento de produções realizadas pelo Núcleo de Vídeo também levou à conseqüente ampliação do acervo audiovisual. A produção de seus próprios vídeos em parceria com outros setores da Fiocruz, em geral eram voltados para registros de eventos institucionais e documentários. Por sua vez, outra estratégia que possibilitou a aquisição de novas produções foi a organização de mostras.

Desde os seus primeiros anos de atuação, a experiência de seus gestores favorecia a predisposição para as produções de registros das atividades da Fiocruz, além de realização de documentários sobre temas em evidência, ainda que as produções fossem derivadas de seminários ou qualquer outro feito da instituição. Para citar um exemplo: “Pelos caminhos da saúde”, de 1989, que se refere ao “trabalho de capacitação profissional desenvolvido pela Escola Politécnica de saúde da Fiocruz com equipes de saúde comunitária do Programa especial de saúde da baixada fluminense”⁷⁶.

Em outras palavras, a formação inicial do acervo – que podemos comprovar a partir dessa primeira listagem – se deu com a reunião de vídeos que foram encontrados dispersos por algumas unidades da Fiocruz, mas também por agregação de alguns documentários produzidos pelas tevês. Isso tem a ver com o fato de que Áurea Pitta, Homero Carvalho e Sérgio Brito vinham de experiências anteriores com canais de televisão e produtores independentes. Por isso também a disposição em registrar atividades institucionais, como um seminário, e transformá-lo em vídeos documentários a partir de um trabalho de edição, tornando o conteúdo mais objetivo e, quiçá, mais fluido, como no exemplo acima.

⁷⁶ Documentário “Pelos Caminhos da saúde”, Produção/Realização Núcleo de Vídeo/Fiocruz, Tempo: 27min. Ano: 1989. Referência: bravs.icict.fiocruz.br

A realização de *mostras de vídeos sobre saúde* foi a mais potente estratégia de captação de documentos audiovisuais e proporcionou uma ampliação expressiva da coleção de vídeos, que foram reunidos pelo interesse na temática da saúde. As Mostras foram realizadas seguindo uma dinâmica própria, com regras explicitadas, de inscrição, cessão de direitos, pré-seleção, seleção, julgamento e premiação, desde a primeira edição realizada em 1991, até as mais recentes em 2019⁷⁷ e 2020⁷⁸. Todas as obras inscritas passam a integrar a coleção do acervo com a anuência documentada dos seus detentores de direitos.

Os participantes das Mostras facultam o uso de suas obras, permitindo o acesso público, através das modalidades de reprodução de cópias e uso de imagens, empréstimo ou consulta. Estes documentos audiovisuais, além de comporem o acervo, se tornam objetos de exposições em programas de TVs públicas com as quais a VideoSaúde tem conexão, em mostras itinerantes, em salas de espera, além de estarem disponíveis para empréstimo ou consulta nas videotecas.

Assim, este acervo – que em grande medida foi montado por cessão gratuita ou permuta – ampliou sua coleção com produções realizadas pelas mais diversas entidades e instituições, que variam de Universidades à emissoras de TV, ONGs, produtores independentes, entre outros. Essa outorga está documentada pelo Termo de Cessão de Direitos Autorais e faz parte do arquivo documental da VideoSaúde, assim como as fichas que registram os dados de inscrições dos produtores que cedem suas obras para a distribuidora. Desse modo, a necessidade de organizar o acervo foi maior diante da sua própria expansão, junto com a distribuição crescente.

Diante desse cenário a organização do Banco de Recursos Audiovisuais em Saúde (BRAVS) tornou-se primordial, uma vez que simbolizava a própria

⁷⁷ A incorporação de vídeos no acervo, a partir da promoção da *Mostra Nacional de Vídeos sobre Saúde*: 1ª edição, em 1992, 73 vídeos; 2ª edição, 1994, 112 vídeos; 3ª edição, 1998, 160 vídeos, 4ª edição, 2003, 232 vídeos; 5ª edição, 2008, 313 vídeos; e a 6ª edição, 2019, 104 vídeos.

⁷⁸ Em 2020, já em meio a uma inédita quarentena, devido à pandemia do novo Corona Vírus (Covid-19), o setor realizou uma *Mostra online* denominada “Olhares sobre a Covid-19” e com isso incorporou mais 135 vídeos ao acervo dentro do conjunto documental Coleção.

existência do acervo, possibilitando não só sua organização, mas a elaboração de uma ferramenta de pesquisa que auxiliaria na democratização do acesso.

A informatização do BRAVS começou a ser desenvolvida em 1990, utilizando-se como ferramenta de gerenciamento de base de dados o programa *Micro-ISIS*⁷⁹. Na ocasião começou a ser elaborado um *Manual de Manejo do BRAVS* (CARDOSO, 1994, p 39), sendo fundamental, portanto, a definição da rotina de organização, ordenada em seleção; descrição/representação; organização e armazenamento.

Ao desejar ampliar o acervo, o objetivo do Núcleo de Vídeo foi incorporar a produção videográfica sobre saúde de modo a ser referência, sustentada no conceito ampliado de saúde, cuja gama de temas correlatos é variada. Além daqueles que são reconhecidos pela própria temática – como programas de saúde, doenças, organização de serviços, saneamento, pesquisas científicas da área biomédica, desenvolvimento tecnológico – abrange também os domínios da educação, ecologia, meio ambiente, história, entre outros. A sistematização da lista de assuntos foi criada na medida em que os temas foram sendo integrados ao acervo.

Em 1994 Janine Miranda Cardoso concluiu seu curso de Especialização em Informação e Documentação na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Seu trabalho de conclusão teve como título “Núcleo de Vídeo/CICT/FIOCRUZ – Uma experiência de informação e comunicação em saúde” (1994), no qual apresenta “uma reflexão crítica sobre a prática do Núcleo de Vídeo como ação de informação e comunicação no campo da saúde” (CARDOSO, 1994, p. 36).

No capítulo em que a autora trata especificamente do Núcleo de Vídeo são discutidas as formas da “organização do acervo” e é exposta a rotina de trabalho, ordenada nos seguintes tópicos: Seleção; Descrição/representação; Organização e Armazenamento (CARDOSO, 1994, pp. 40-41). Essas etapas de trabalho, seguem o método biblioteconômico, ou seja, os objetos são tratados

⁷⁹ O Micro-Isis é um sistema lançado pela Unesco, em 1985, visando o desenvolvimento de banco de dados para bibliotecas e centros de documentação (CARDOSO, 1994).

individualmente. O procedimento adotado para o tratamento dos documentos audiovisuais perdurou por um tempo, uma vez que segundo Cardoso (1994), o próprio acervo surgiu de maneira não planejada.

A descrição visava registrar as informações que identificam a obra, compondo-se de código de entrada, informação de uso interno; título indicado pelo realizador; quem são produtor e realizador, qual o formato da produção, sistema de cor, duração e data da realização. A representação consistia na elaboração de uma sinopse, onde são destacados em forma de narrativa, os temas e aspectos abordados, considerando uma linguagem que permita entendimento a um público geral.

Com o crescimento do acervo outras formas de controle foram sendo adotadas, inclusive com os produtores, de modo a resguardar os direitos autorais. A equipe do Núcleo de Vídeo buscou referências de normas de preservação de material audiovisual com o Núcleo de Computação Eletrônica (NCE/UFRJ) e com o IBICT. Até que aconteceu a preparação do primeiro manual BRAVS, no início da década de 1990, concebido a partir da informatização do banco de dados do acervo.

O *Manual de Manejo do BRAVS*, referido por Cardoso (1994, p. 39) é parte do primeiro módulo de implantação do tratamento sistemático do arquivo de documentos audiovisuais do Núcleo de Vídeo, cujos objetivos passam pela padronização das rotinas de identificação, registro e conservação destes documentos – realizado para estimular a discussão e o entendimento sobre a conservação da informação documental nesse suporte. Este Manual visava, sobretudo, facilitar o planejamento das ações de distribuição.

Uma nova versão baseada na literatura especializada em catalogação audiovisual foi elaborada em 2016. O *Manual de Catalogação de Vídeos do BRAVS da VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz*⁸⁰ seguiu orientações

⁸⁰ Esse manual é um instrumento de uso interno.

bibliográficas, visando definir seus principais campos de indexação e padronizar a entrada dos dados, tendo em vista aprimorar a recuperação da informação⁸¹.

A elaboração deste manual para uso interno baseou-se no *Manual de Catalogação de Filmes da Biblioteca* da ECA/USP, no *Código Anglo-Americano de Catalogação (CCAA 2ª edição)* e nos *Requisitos Funcionais para Registros Bibliográficos* da Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA). A partir desta atualização, a proposta do manual se apresenta como um instrumento normatizador e de modernização da gestão do acervo. Portanto, a reestruturação do BRAVS serviu ao propósito de melhorar a qualidade da recuperação da informação, favorecendo as buscas do usuário.

⁸¹ Dados de Aquisição e os subcampos: Fonte/Procedência (Doador/Produtor/Fornecedor); Data de Catalogação – uso do formato ISO; Catalogador.

3. CARACTERÍSTICAS DO ACERVO

Apresentamos as características deste acervo que se formou de modo híbrido – arquivístico e coleção – salientando que as visões que orientaram o seu desenvolvimento decorrem de diversos fatores como o avanço das tecnologias e os novos conhecimentos de seus gestores. Os formatos de vídeo mudam constantemente, do analógico ao digital, porém seus administradores acompanharam estas mudanças e certamente o surgimento do digital provocou maiores transformações no modo como este acervo tem sido tratado. Essas transformações se interconectam com o *Preservo*, a *Política de Preservação dos Acervos Científicos e Culturais da Fiocruz*, o *Programa de Preservação Digital da Fiocruz* e com o *Plano de Preservação Digital da VideoSaúde*.

Para retratar estes dois conjuntos documentais – que começaram a ser formados em 1987 – é necessário destacar o que há de comum entre ambos, além dos formatos de sinal de gravação, analógico ou digital (que dizem respeito ao registro das informações audiovisuais nos suportes magnéticos ou ópticos). Os principais formatos de fitas magnéticas de sinal analógico são VHS, *U-Matic*, SVHS e BETACAM. Já os formatos de fitas magnéticas de sinal digital são DVCAM, MINIDV e atualmente o LTO (para *backup*). O acervo também possui discos ópticos nos formatos DVD e Blu-Ray, ambos para conteúdo de sinal digital. No que tange aos formatos de arquivo digitais, podemos elencar as seguintes extensões, enquanto as mídias mais utilizadas pela VideoSaúde: *.mov*, *.mts*, *.m2ts*, *.mp4*, *.avi* e *.avchd*.

Entre os principais gêneros discursivos audiovisuais, comuns aos dois conjuntos, estão: documentário, ficção, animação, vídeos institucionais e instrucionais, videoaula, reportagem, clipe, biografia, programa de TV *etc*.

O conjunto coleção representa os documentos audiovisuais de procedência diversa – produtores externos à Fiocruz – e que são acumulados pela temática da saúde pública com a finalidade de fazer circular essa informação para a população brasileira. Esses documentos são incorporados ao

acervo a partir de uma busca ativa que é empreendida pela distribuidora. Uma das formas dessa busca se dá pela realização de concursos de vídeos sobre a temática da saúde.

O conjunto arquivístico, por sua vez, é representado pela produção institucional que, a partir das operações com o vídeo digital, passou a ser formado por quatro séries: Programas de TV; Produções do Selo Fiocruz Vídeos; Projetos de documentários (vídeos e filmes); e Registros de eventos técnico-científicos da instituição.

Ambos os conjuntos documentais se encontram armazenados em um mesmo ambiente – dispostos em prateleiras sem que haja distinções específicas de suas proveniências – e recebem os mesmos cuidados de conservação para seus vários formatos de fitas. A distinção de proveniência se dá especialmente na descrição no sistema do Banco de Recursos Audiovisuais em Saúde, a partir de campos específicos que indicam procedência da “empresa” produtora e “empresa” realizadora.

Para melhor descrever este acervo optamos por apresentar os dois conjuntos documentais cada um com suas próprias definições de formação e aspectos de volume e período de produção e a respectiva descrição no sistema de informações, no banco de dados do acervo, além de apresentar a estrutura arquivística que tem sido desenvolvida para gerir a documentação digital do acervo.

3.1. A formação da Coleção

Este acervo se estabeleceu a partir da iniciativa de Áurea Pitta e Janine Cardoso em empreender uma busca pelas unidades da Fiocruz à procura de documentos audiovisuais que pudessem vir a integrar um acervo central. Neste gesto inaugural considerava-se que as produções reunidas, fossem elas arquivos da Fiocruz ou de terceiros, viessem a compor uma coleção, antes que fossem empreendidas as próprias produções da VideoSaúde. Uma das motivações da “identificação e reunião de vídeos sobre saúde, atendia também uma exigência da produção no sentido de não duplicar esforços, de selecionar áreas e enfoques não contemplados pela produção videográfica nacional” (CARDOSO, 1994, p.36)

Aos poucos a Coleção foi se formando com produções de terceiros em consequência do interesse de suas organizadoras em identificar uma demanda por esses materiais que se ampliava cada vez mais. Segundo Cardoso (1994), entidades e instituições como secretarias de saúde, escolas, ongs, entidades filantrópicas, sindicatos e empresas produtoras produziam vídeos e, ao mesmo tempo, eram usuárias de informação nesse suporte. Deste modo, identificou-se uma “lacuna” quanto à circulação desta produção, especialmente na área da saúde. A VideoSaúde, então, dedicou esforços para atender a essa necessidade. Nessa fase, amplia-se a busca por vídeos para integrar um conjunto reunido por representar uma temática cara à equipe da VideoSaúde numa concepção clássica de coleção documental.

Entretanto, a estratégia que fez com que a coleção se ampliasse de modo mais potente foi a realização de mostras nacionais de vídeos. Foram realizadas 6 edições regulares e uma extraordinária que somam 1.129 vídeos. As duas últimas edições, em 2019 (VI Mostra Nacional de Vídeos em Saúde) e 2020 (Mostra Olhares sobre a Covid-19), se diferenciaram das demais devido ao surgimento exclusivo do formato digital. Desse modo, 239 vídeos apresentam-se no formato digital.

De acordo com os registros do BRAVS, o volume da coleção totaliza 4.540 itens. Embora o Núcleo de Vídeo tenha sido estabelecido formalmente em 1988, a data-limite inicial da coleção data de 1910⁸².

Embora o acervo, inicialmente, tenha sido formado por um gesto colecionista, o conjunto arquivístico logo se fez presente a partir das produções realizadas pela pequena equipe responsável pelo Núcleo de Vídeo. Estas produções atendiam às demandas da presidência da Fiocruz especialmente para registrar atividades técnico-científicas. Porém, aos poucos e com uma ampliação da estrutura, houve uma diversificação nos gêneros discursivos audiovisuais, além dos registros das atividades da instituição, a produção de documentários e até um programa de TV, como forma de expor os vídeos da coleção. E desse modo o acervo foi sendo cuidado de modo unívoco. A separação em conjuntos documentais e em séries se dá com a chegada e o real do impacto do digital.

3.2. O conjunto Arquivístico

O conjunto documental arquivístico é relativo às produções da Fiocruz que se encontram custodiadas no acervo da VideoSaúde, mas são essencialmente as produções e coproduções realizadas por este serviço. Os principais gêneros de discursos audiovisuais que o compõe são documentários, programas de TV, entrevistas, reportagens, clipes, videoaulas, ficção e animação. Tanto na forma editada como na forma não editada, também conhecido como material bruto.

⁸² Este documento de 1910, "Chagas em Lassance", tempo: 9 min., deriva de uma cópia reduzida de um filme que foi doado para a COC. O título foi atribuído por pesquisadores do DAD/COC nos anos 1990, e seu conteúdo guarda imensa importância por retratar o pesquisador Carlos Chagas em atividade de campo. O documentário "Cinematógrafo Brasileiro em Dresden" demonstra que as imagens deste documento foram exibidas na Exposição Internacional de Higiene em Dresden/Alemanha em 1911.

Enquanto as fitas magnéticas de sinal analógico eram predominantemente as mais utilizadas até o início dos anos 2010, não havia uma diferenciação no modo de armazenagem de um conjunto emergente de novos suportes (óptico) em formatos de sinal digital (exemplo: fitas MINIDV e DVCAM, além de discos ópticos em DVD). As fitas, em sua forma material bruto (não editado) e material editado, se somavam nas prateleiras do acervo de modo sequencial e apenas no sistema, entre os elementos de informação que compõem o BRAVS, os campos “produção” e “realização” possibilitam identificar seu caráter arquivístico pelo apontamento da proveniência institucional.

O volume de registros relacionados ao conjunto documental arquivístico no BRAVS é de 4.392 itens. A data-limite desses documentos é de 1988-2019.

3.2.1 As séries documentais arquivísticas

Com o advento do vídeo digital, aos poucos, cartões de memória e *streaming*⁸³ de vídeo vão ganhando espaço no acervo da VideoSaúde, levando seus gestores a elaborarem novos processos de organização da informação. As tradicionais fitas de vídeo passam a dividir espaço com novos objetos digitais⁸⁴, referindo-se tanto aos produzidos pela digitalização quanto para os natos digitais.

Desse modo, o conjunto arquivístico, que sempre esteve presente no acervo, passou a ser estruturado em quatro séries documentais. A organização das séries tem a ver com a eclosão do digital e com isso novas formas de organizar a informação. As séries são as seguintes:

⁸³ *Streaming* é a forma de distribuição digital de conteúdos multimídia. A mídia encontra-se em uma plataforma na internet, hospedada em aplicativo e/ou *site*, não precisando estar armazenada no computador do usuário para ser reproduzida.

⁸⁴ Os documentos analógicos substituídos pelas versões digitais impeliram a novas formas de organização da informação e ao desenvolvimento de estudos como forma de assegurar a presunção de autenticidade.

- Série 01 Programas VideoSaúde
- Série 02 Selo Fiocruz Vídeo
- Série 03 Projetos
- Série 04 Eventos

A série Programas VideoSaúde é constituída de programas produzidos pela equipe da distribuidora para serem exibidos em emissoras de TVs públicas, comunitárias e educativas, com as quais a subunidade tem parceria. Atualmente os programas são exibidos semanalmente na TV Canal Saúde, TV UFES, TV Floripa, TVE Bahia e eventualmente na TV Futura, TV Senado e TV Câmara.

O Programa VideoSaúde foi criado em agosto de 1999 para ser exibido inicialmente no Canal Universitário do Rio de Janeiro (UTV), resultado de uma associação da Fiocruz com a Sociedade de Televisão das Universidades do Rio de Janeiro⁸⁵. Este convênio terminou oficialmente em agosto de 2016 e as exibições permaneceram até outubro do mesmo ano. Ou seja, entre agosto de 1999 e outubro de 2016 – sem mencionar as reprises – foram exibidos semanalmente cerca de 400 programas inéditos. Com o fim da exibição no Canal Universitário, porém, os programas continuaram sendo produzidos e tem exibição semanal nos canais citados.

A característica fundamental do programa é a inserção de vídeos do acervo, independentemente de que procedência seja, considerando-o como uma vitrine de projeção do material do arquivo. Em outras palavras, o programa é essencialmente, em sua maioria, composto por vídeos da coleção. Datas de produção (datas limite): entre agosto de 1999 a dezembro de 2020; Volume: foram produzidos 556 programas VideoSaúde.

⁸⁵ A Sociedade de Televisão das Universidades do Rio de Janeiro representou um consórcio de 13 instituições de ensino e pesquisa, incluindo a Fiocruz, para gerirem a programação do Canal Universitário. Este canal foi regulamentado pela Lei do Cabo (Lei 8.977/1995, artigo 23º, anexo 3) que estabeleceu que a operadora de TV a cabo de um município é obrigada a disponibilizar, entre outros, um canal universitário (TORRES, 2008, p.11).

A série Selo Fiocruz Vídeo se constitui de vídeos documentários realizados pela Fiocruz a partir de uma linha de financiamento integral das obras. Esta linha de fomento foi criada em 2006 para estimular profissionais do mercado de audiovisual a produzirem vídeos sobre os temas da saúde pública. O objetivo é popularizar e democratizar o acesso da população ao conhecimento através da comercialização de DVDs a baixo custo através da Editora Fiocruz.

Ainda que em menor grau alguns documentários são incorporados ao selo, mesmo não sendo resultado dos editais de fomentos, devido ao interesse da instituição no tema. Trata-se de uma exceção criada pelo Conselho Curador em que a série integra documentos de outras proveniências através de um contrato de transferência de titularidade patrimonial, ou seja, a Fiocruz passa a ter direitos patrimoniais sobre a obra por um determinado tempo, de acordo com as negociações entre as partes.

Volume: esta série contabiliza 45 unidades; Datas de produção (datas limite): resultantes de três editais públicos de fomento realizados em 2008, 2013 e 2019, respectivamente.

A série Projetos corresponde a todas as produções e coproduções de vídeos realizadas com ou sem parcerias entre a VideoSaúde e outros setores da Fiocruz ou de outras instituições. Em seus primeiros anos de atividade, as coproduções eram realizadas a partir da contratação do serviço de equipes e equipamentos de terceiros. Com o tempo este setor se estruturou e manteve uma certa autossuficiência para continuar a realizar produções em variados gêneros discursivos audiovisuais, sendo o mais comum o documentário.

Essa modalidade de atuação é a mais frequente na VideoSaúde, de tal modo que foi criada em 1996 uma oficina destinada aos potenciais parceiros na produção de vídeos. A “Oficina VideoSaúde – da ideia ao argumento”, organizada por Homero Teixeira de Carvalho, tinha por objetivo qualificar a demanda, que ele considerava indiscriminada, por gravação em vídeo de

atividades institucionais, incluindo aí as atividades de ensino e pesquisa. Segundo Carvalho, essas gravações resultavam, muitas vezes, em simples acumulação de fitas nas prateleiras do acervo (CARVALHO; SANTOS, 2011)⁸⁶.

Desde sua criação, quando ainda era nominado Núcleo de Vídeo, este setor coproduziu diversos gêneros discursivos videográficos das mais variadas temáticas da saúde: os mais comuns são os documentários, vídeos institucionais, reportagens, videoaulas e vídeos instrucionais; mas encontramos ficção e animação, ainda que em menor quantidade, totalizando 2.278 registros. No período em que não tinha equipe e equipamentos suficientes para realizar as produções, articulava a aquisição em parceria com os demandantes e por vezes atuava mais como assessoria, intermediando as demandas e as particularidades da produção em vídeo (CARDOSO, 1994, p.36).

Os registros dessa série, total 2.278, são referentes às formas de vídeo editado (997) e não editado (3.395). A data-limite da série: 1987-2019.

Por fim, a série Eventos corresponde às gravações de atividades da Fiocruz de um modo geral. Essas gravações são caracterizadas por uma câmera sobre tripé registrando o evento, seja um seminário, uma palestra ou um debate. Sempre que possível, desde os primeiros anos de atividade do Núcleo de Vídeo, a equipe registrava o evento, editava a gravação e colocava a versão editada para acesso público em mídia física na Videoteca de Manguinhos. Isto nos leva a pontuar que para cada versão editada, ficava armazenada no acervo todo o volume da gravação na forma de material não editado (mais conhecido como material bruto).

Diversas atividades da Fiocruz estão registradas em imagens em movimento, como processos eleitorais, sessões inteiras das várias edições de Congressos Internos, jornadas de pós-graduação, ações de desinfecção da Biblioteca central, cerimônias de celebração das unidades, visitas de

⁸⁶ CARVALHO, H.T.; SANTOS, T. C. P. dos. Uma oficina para o audiovisual em saúde: relato de uma experiência. RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde. Rio de Janeiro, v5, n.2, p.92-98, jun., 2011. Disponível em: <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/560/1202#>> Acesso: 21/12/2020.

autoridades, a participação da Fiocruz em conferências de saúde, campanhas de vacinação, entre outros. Um exemplo é o registro do discurso de Fidel Castro em visita à Fiocruz, em 1990. Atualmente, com as facilidades dos meios digitais, os registros de eventos da instituição têm sido feitos e transmitidos ao vivo através de plataformas digitais.

Esta série representa um volume de 1.513 registros no BRAVS. A data-limite cobre o período 1997-2019.

3.3 Processamento técnico e catalogação no sistema

A formação e a manutenção do acervo da VideoSaúde estão relacionadas com o propósito de fazer circular a informação sobre saúde nesse formato de acordo com a missão da Distribuidora. Os vídeos chegam no acervo em forma de material editado, mais comum para o caso da coleção e da série Selo Fiocruz Vídeo, em que há uma ação concreta de busca, partindo de editais públicos.

Ao passo que a forma de material não editado se refere à documentação arquivística – essencialmente as séries Projetos e Eventos – que representam as gravações e registros de imagens em movimento dos diversos gêneros discursivos audiovisuais (mais comuns são a produção de projetos de documentários e os registros de eventos técnico-científicos) resultantes de demandas institucionais.

Tanto a coleção quanto o conjunto arquivístico referente aos suportes (fitas magnéticas) de sinais analógicos partilham as mesmas condições de armazenamento, se avizinhandos nas prateleiras do mesmo depósito e, conseqüentemente, os mesmos cuidados de conservação do acervo. E de igual maneira, partilham os aspectos de organização e catalogação no Banco de Recursos Audiovisuais em Saúde – BRAVS.

Os vídeos são armazenados em prateleiras seguindo ordem numérica sequencial, sem menção ao seu conjunto original. A organização do acervo físico não distingue a procedência da documentação videográfica, porém, a descrição na base de dados apresenta campos específicos – “produção” e “realização” – que tornam possíveis a diferenciação entre um e outro conjunto documental.

O sistema de informação de imagens em movimento, BRAVS, congrega o registro das informações dos documentos analógicos e digitais, o que inclui as formas editadas e não editadas dos diversos formatos que compõem o acervo da VideoSaúde, tanto da coleção quanto das séries arquivísticas. São ao todo 45 campos informacionais que devem ser preenchidos para a identificação do documento audiovisual. Os campos “Produção” e Realização” identificam o conjunto a que pertence o documento e estão relacionados aos dados de produção.

Figura 1 – recorte da tela do BRAVS (usuário interno/administrador)

The screenshot displays the BRAVS system interface for an internal user/administrator. It is divided into two main sections: 'Dados de produção' (Production Data) and 'Descrição Física' (Physical Description).

Dados de produção:

- Ano de Produção:
- Produção:
- Realização:
- Direção:
- Equipe Realizadora:
 - Função:
 - Profissional:

Descrição Física:

- Matriz Original:
 - Material:
 - Formato:
- Matriz Acervo:
 - Material:
 - Formato:
 - Quantidade:
 - Sistema de Cor: Incluir Sistema de Cor

Fonte: bravs.icict.fiocruz.br

O registro das informações no banco de dados de imagens em movimento, BRAVS, segue o modo biblioteconômico, item a item, são idênticos tanto para o material arquivístico quanto para a coleção. A identificação dos

respectivos conjuntos documentais se dá a partir dos campos específicos relacionados aos “dados da produção”.

O item, ao ser integrado no acervo a partir do BRAVS, recebe um código de acesso que o classifica conforme a permissão aos seus usos especialmente para o usuário externo. Como o acervo recebe materiais de terceiros, com estes vem junto um documento de autorização – o Termo de Cessão de Direitos Autorais – com níveis como só para “empréstimo” ou para “empréstimo e cópia”. Essa modalidade de acesso aos documentos audiovisuais da coleção passa também pela questão operacional de um banco de imagens, considerando o reuso das imagens em novas produções e, como no caso do uso do vídeo da coleção, para compor o Programa VídeoSaúde.

O material arquivístico também se enquadra em níveis de acesso muito mais por conta do material não editado, que eventualmente demanda um grau de sigilo. Para citar como exemplo, uma gravação de uma entrevista para compor um documentário, a depender do tema abordado, o entrevistado solicita que não se divulgue certo trecho de sua fala. Desse modo o sistema apresenta níveis de acesso, para uso interno e de balizamento dos itens que ficam disponíveis para acesso público.

Os níveis de acesso aos documentos no sistema BRAVS possuem as seguintes configurações:

ACESSO 0 – Uso restrito aos administradores do acervo, ou seja, o usuário externo não tem acesso. Caracteriza-se por um conjunto de imagens e sons produzidos durante as gravações relativas às séries documentais arquivísticas, especificamente as séries Projetos e Eventos, isto é, são o material não editado (gravação original, sem tratamento de edição). O volume total dos registros no BRAVS sob essa designação é: 3.395; referentes ao documento arquivístico.

ACESSO 1 – Uso restrito aos administradores, refere-se ao material editado, mas igualmente sem permissão de acesso público. Trata-se de itens do conjunto documental coleção. Estes materiais não dispõem de documentação jurídica de permissão ao seu uso de nenhuma forma. Estes materiais foram agregados ao acervo em épocas remotas de modo não formal. O volume total dessa modalidade de acesso é: 896.

ACESSO 2 – Os itens registrados nessa modalidade são do conjunto coleção e o usuário externo tem acesso à informação no sistema. Estes materiais são obras de terceiros e trazem alguma restrição ao uso desses documentos, sendo permitido apenas o empréstimo. Essa modalidade de documento de terceiro e com restrição de uso não são mais recebidos no acervo desde a implementação da *Política de Acesso Aberto ao Conhecimento da Fiocruz* (2014). Volume: 1.732. Data-limite: 1910-2014.

ACESSO 3 – Os itens registrados nessa modalidade – representados pelos dois conjuntos documentais – são de acesso livre, tanto para empréstimo quanto para cópias e estão de acordo com a Política de Acesso Aberto ao Conhecimento da Fiocruz. O volume totaliza 2.909 itens, sendo 997 correspondentes ao conjunto coleção e 1.912, ao arquivístico (destes, 84 títulos representa o formato digital⁸⁷). Data-limite: 1937-2019.

O quadro seguinte sintetiza o volume dos conjuntos documentais em relação aos acessos acima descritos, cuja data-limite é 1910-2019:

⁸⁷ A partir de 2013 foram catalogados no sistema BRAVS 90 títulos representativos dos primeiros documentos produzidos no formato nato-digital e, também, de documentos digitalizados. Todos esses registros são referentes às 4 séries do conjunto arquivístico.

QUADRO 6 – Volume dos conjuntos documentais

TIPOS DE ACESSO	ARQUIVÍSTICO	COLEÇÃO	TOTAIS
ACESSO 0	3.395	X	3.395
ACESSO 1	X	896	896
ACESSO 2	X	1.732	1.732
ACESSO 3	997	1.912	2.909
Descarte	-	-	271
TOTAIS	4.392	4.540	9.203

Fonte: a autora (2021).

3.3.1 Documentos arquivísticos digitais

O documento arquivístico digital é definido pelo Glossário da Câmara Técnica de Documentos Eletrônicos do CONARQ como o documento digital reconhecido e tratado como um documento arquivístico, e este, documento produzido como instrumento ou resultado de uma atividade prática (CONARQ, 2020).

A premência de organizar a transição do documento videográfico analógico para o formato digital é o motor que impulsiona a equipe técnica da VideoSaúde a compreender efetivamente a necessidade de adaptações e dar um tratamento específico para os seus documentos arquivísticos digitais. Desta forma, a participação nos grupos de discussões das instâncias do *Preservo Complexo de Acervos da Fiocruz*, assim como em outros GTs coligados a ele, contribuiu para o desenvolvimento de um quadro de arranjo arquivístico

estruturado para tratar material digital, considerando as diferenciações entre o digitalizado e o nato digital.

Em 2018, em concordância com o Sistema de Gestão de Documentos e Arquivos da Fiocruz (SIGDA), foi estabelecido o quadro de arranjo arquivístico da VideoSaúde, seguindo o princípio de descrição da ISAD(G) – Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística⁸⁸, apoiado na hierarquia multinível, expressa em FUNDO, SEÇÃO, SÉRIE, DOSSIÊ e ITEM DOCUMENTAL (este compondo o dossiê e subdivido em *objects* e *metadata*⁸⁹). A nomenclatura dos arquivos obedece aos critérios hierárquicos da norma, contemplados com o uso do prefixo de CODEARQ (BR_RJVSD)⁹⁰.

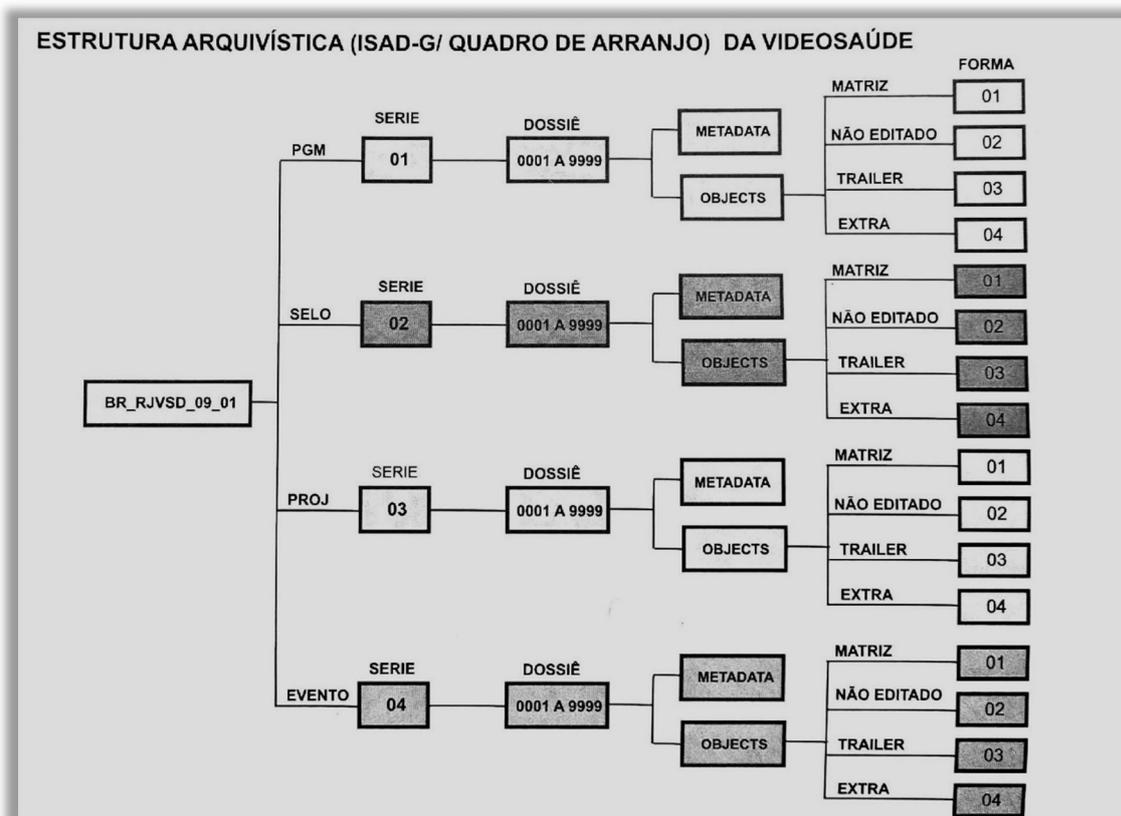
Assim, a VideoSaúde redefiniu e desenhou novos fluxo de trabalho visando ao tratamento arquivístico adequado para o conjunto que compõe a parcela dos vídeos do arquivo, da produção institucional custodiada pela distribuidora.

⁸⁸ A ISAD(G) estabelece as diretrizes gerais para a preparação de descrição arquivística com o objetivo de identificar e explicar o contexto e o conteúdo de documentos de arquivo a fim de promover o acesso aos mesmos. Os processos relacionados à descrição começam antes da produção desses documentos e perpassam toda a sua trajetória, permitindo controles intelectuais necessários para a confiabilidade nos documentos, assim como a acessibilidade ao longo do tempo. Fonte: http://conarq.gov.br/images/publicacoes_textos/isad_g_2001.pdf Acesso em: 25/01/2021

⁸⁹ *Objects* e *metadata* são unidades de informação abrigados no nível dossiê - relacionados com os SIP (pacotes de informação) – onde são mantidos o arquivo do vídeo e os respectivos metadados, de acordo com o modelo referencial OAIS.

⁹⁰ A nomenclatura dos arquivos obedece aos critérios hierárquicos da ISAD(G), contemplados com o uso do prefixo: BR_RJVSD_09_01_0001_01 (FUNDO>SEÇÃO>SÉRIE>DOSSIÊ).

Figura 2 – Quadro de arranjo da VideoSaúde



Fonte: João Guilherme Nogueira Machado (2019)

A descrição arquivística, conforme determina a ISAD(G), tem por objetivo identificar e explicar o contexto e o conteúdo de documentos de arquivo para promover o acesso a eles (2020, p.11).

A estrutura arquivística configura-se por um volume estimado de 80 *Terabyte (TB)*. Desse volume apenas 2,32 *TB* estão tratados: 23 dossiês, da série Eventos (material não editado); 30 dossiês, da série Eventos (editado) e 8 dossiês da série Programas VideoSaúde. Os documentos digitais (digitalizados ou nato digitais) estão copiados em mídia de *backup* em formato LTO-6⁹¹, referente à data-limite: 2013-2019. Trata-se, portanto, de uma parte integrante do patrimônio científico e cultural da Fiocruz que vem enfrentando os desafios consideráveis quanto às tecnologias digitais.

⁹¹ *Linear Tape-Open (LTO)* é uma tecnologia de armazenamento de dados em fita magnética. Como exemplo de volume de dados, a versão LTO-6 possui uma capacidade nativa de até 6 Terabyte.

4. HISTÓRICO DO TRATAMENTO TÉCNICO

4.1 As primeiras listas de títulos de vídeos e filmes

Damos seguimento às discussões realizadas na primeira parte desse trabalho, e já tendo apresentado a descrição da composição do acervo da VideoSaúde, apontaremos como se deram as primeiras iniciativas de listagem e catalogação dos materiais que vieram a compor este acervo.

No documento que citamos anteriormente, “Avaliação do processo de implantação do Núcleo de Vídeo - proposta de reestruturação e perspectivas de trabalho na Fundação Oswaldo Cruz”⁹² de maio de 1988, se encontra a primeira composição dos títulos do acervo da VideoSaúde. Essa lista – dividida em tópicos e não precisamente em categorias⁹³ – é composta de vídeos da Superintendência de Informação Científica (atual ICICT), da Casa de Oswaldo Cruz e da Coordenadoria de Comunicação Social da Fiocruz, instância organizacional em que o Núcleo de Vídeo estava subordinado. Notamos que vários setores da Fiocruz, mesmo que de modo esparso, se ocupavam de registrar algumas de suas atividades em formato audiovisual.

Um exemplo é o caso de um filme, em suporte 16mm, nominado simplesmente “INCQS”, realizado pelo Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde (INCQS/Fiocruz), com data incompleta, constando apenas “198_”. Outro documento audiovisual: “Missa dos 80 anos da Fiocruz”, igualmente com informações incompletas constando, apenas, “realização Fiocruz: 1985”.

⁹² Esse documento é um relatório técnico – encontrado no arquivo da VideoSaúde – coordenado pela Áurea Pitta e traz a primeira lista com a composição do acervo na época.

⁹³ Essa primeira lista apresenta uma lógica muito própria com algumas incongruências, por exemplo, há tópicos que aparecem também como categoria: VT (videoteipe) que correspondem a categorias como produção interna/coproduções, institucionais, políticas de saúde e técnico-científicos; a categoria Produção interna/coproduções apresentam como categoria um rol de 6 itens relacionados com Produções institucionais realizadas entre 1986 e 1988 (correspondem a produções de várias unidades da Fiocruz).

Alguns dos títulos apresentados eram matrizes em filme 16mm e em *U-Matic*, que necessitavam passar por processo de conversão. Os que estavam em 16mm deveriam ser *telecinados* para o formato *U-Matic* e todos em formato *U-Matic*, sendo matrizes ou submatrizes, foram reproduzidos com a geração de cópias em VHS. Este formato possibilita o acesso aos conteúdos na Videoteca de Manguinhos, surgindo daí uma preocupação com a preservação de “matrizes” do acervo. As matrizes ou submatrizes e seus suportes originais estão mantidos no acervo, porém encaixotados. Isto é, não visíveis nas prateleiras.

Embora a lista inicial que exibiremos a seguir se apresente contendo uma separação por alguns tópicos ou “categorias”, não há uma padronização, seguindo essa sequência: VT; Cópias cedidas por outras instituições; TV; e TV/produções independentes. Nos parece que a lista contém classificações que iam sendo feitas de acordo com o tipo de material que se encontrava no acervo, sem uma definição clara de critérios de classificação embasados em glossários, tesouros *etc.*

Como se nota, nessa lista podemos ver a presença de produções audiovisuais da própria instituição – o que configura documentação de arquivo da Fiocruz – lado a lado de produções audiovisuais de outras instituições. Nesse período de constituição de acervo não havia, como mencionado, uma distinção clara sobre os tipos de formação documental em instituições de guarda de acervos. Arquivos e coleções eram muitas vezes conceitos usados de forma abrangente e até como termos equivalentes, o que se mostrou problemático com o passar do tempo.

O que a lista mostra é exatamente esse momento de supervalorização do item documental audiovisual – a produção em vídeo – em detrimento de sua natureza documental. O tratamento, seguindo padrões encontrados nas cinematecas e videotecas – ou mesmo em bibliotecas – era o biblioteconômico e o agrupamento dos conjuntos não denotava as suas diferenças de proveniência, em muitos casos.

No quadro a seguir apresentamos uma reprodução da primeira Lista do Acervo produzida em 1986:

QUADRO 7 – Primeira lista⁹⁴ do acervo – 1986.

TÓPICO	CATEGORIA	VOLUME
VT (videoteipe)	Produção Interna/Coproduções	6 itens
	Institucionais	
	Produções Anteriores a 86	2 itens
	Políticas de Saúde	10 itens
	Técnico-Científicos	6 itens
Cópias cedidas por outras instituições	Conscientização Sanitária	1 item
	Nacionais	3 itens
	Internacionais	5 itens
TV	relaciona cópias em VHS de produções da TVE, TV Globo e TV Manchete	30 itens
TV/produções independentes	Saúde e meio ambiente	17 itens
Produção interna/ coprodução	Produções institucionais realizadas entre 1986 e 1988 (de diversas unidades da Fiocruz)	6 itens

Fonte: a autora (2020)

Na produção interna que inclui as coproduções constava na listagem em separado as produções institucionais realizadas entre 1986 e 1988, totalizando 6 registros, mas curiosamente há dois registros de produções anteriores a 1986. Essa primeira listagem configura o marco inicial das atividades de distribuição através de cópias em fitas VHS dispostas na Videoteca de Manguinhos.

Essa primeira listagem foi elaborada ainda quando não havia sido criado o sistema informatizado de banco de dados de imagens em movimento na Fiocruz, ou seja, é anterior à informatização do ICICT. Consiste em um esforço de organização do material reunido até àquela altura, com 86 itens, que foi elencado em tópicos e categorias. Nota-se uma certa incongruência nessas classificações, em que tópicos e categorias trocam de lugar.

⁹⁴ Este quadro é montado para esta dissertação a partir da lista original constante no documento.

Na segunda lista que encontramos, no arquivo histórico da Casa de Oswaldo Cruz (DAD/COC, Fundo Presidência, Caixa 170, Maço 06), constava a criação do Banco de Recursos Audiovisuais em Saúde (BRAVS). Essa listagem, com a data de 05/11/1990 apresentava uma sequência de títulos do acervo contabilizando 17 itens não editado e 191 itens editados. Percebemos que os registros no BRAVS se davam item a item e apresentavam os seguintes campos: título, número de sequência, sinopse (ou descrição de conteúdo), produtor, formato (se referindo ao sistema de cor PAL-M ou NTSC), duração e ano.

Os destaques dessa listagem são: 2 registros do documentário “O Massacre de Manguinhos”; 4 registros editados referente às discussões em torno das propostas do setor saúde para os trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte – esse conjunto de vídeos é parte da coleção e tem como produtor o Núcleo de Estudos em Saúde Pública da Universidade de Brasília. Constavam, ainda, 7 vídeos apresentando o resumo de painéis e mesas redondas realizadas durante a VIII Conferência Nacional de Saúde, cujo produtor foi a Comissão Organizadora da VIII CNS/Fiocruz.

Esta listagem apresenta o trabalho de catalogação que foi realizado nos primeiros movimentos do BRAVS no quesito elementos informacionais de item por item, baseado em critérios biblioteconômicos, mas de modo incipiente. Com o tempo o modo de descrever os elementos do acervo foram sendo aprimoradas.

Destacamos que os procedimentos de identificação, registro e descrição dos documentos videográficos do acervo da VideoSaúde visavam acompanhar o desenvolvimento das práticas voltadas para a questão do acesso e da distribuição desses materiais. Do mesmo modo, e de acordo com os mesmos objetivos, as ações de conservação preventiva dos suportes e formatos que compõem o acervo eram realizadas.

Identificamos que no contexto de busca pela atualização das práticas de preservação dos documentos audiovisuais houve um avanço nos procedimentos de gestão e preservação do acervo. No entanto, algumas lacunas teórico-metodológicas que proporcionaram possíveis equívocos técnicos-operacionais

em parte dos critérios de operação de descrição dos materiais que constituem o acervo presentes desde o início parecem não ter sido solucionadas.

Podemos refletir a respeito considerando uma dimensão das instituições de referências no âmbito da preservação do patrimônio cultural, qual seja, o reconhecimento tardio do audiovisual como um documento suscetível de tratamento adequado e específico, mesmo relacionado à arquivo ou biblioteca. A própria Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística – ISAD(G) destinada ao tratamento e descrição arquivística é de 1995; antes dela, vigorava o tratamento das cinematecas. Outro aspecto digno de nota é que o tratamento técnico do audiovisual enquanto documento não acompanhou a sua própria melhoria tecnológica, residindo aí algumas lacunas nos processos de descrição desse acervo.

Desse modo, os impactos desse cenário de ações tardias e que ainda buscam uma consolidação mais efetiva – no que se refere ao universo da preservação arquivística audiovisual – podem ser sentidos e justificados pela VideoSaúde enquanto potenciais causas de pontuais equívocos no tratamento de uma parcela dos documentos integrantes de seu acervo.

4.2 Acesso e difusão: usuários e catálogos

Desde sua implantação, o Núcleo de Vídeo relaciona-se com a população em geral, mas também com um público interno. Essa relação se constituiu essencialmente nas atividades de consultas e empréstimos de materiais em VHS e depois em DVD, disponíveis nas videotecas. Atualmente as cópias continuam sendo produzidas em DVD, mas também por *streaming*.

Ao longo do tempo, as relações com o público externo se constituíram principalmente a partir da interação com outras instituições de serviços de saúde,

de ensino e pesquisa, financiadoras de projetos, produtoras independentes, emissoras de TV, entre outros.

A Fiocruz, representada pelo ICICT, se associou à Sociedade de Televisão das Universidades do Rio de Janeiro, mantenedora do Canal Universitário do Rio de Janeiro (UTV), entre agosto de 1999 e novembro de 2013. Durante esse período o então DCS (ex-Núcleo de Vídeo) constituiu equipe e equipamentos para produção do programa para exibição semanal, cuja característica principal foi a exibição de vídeos do acervo. Assim, o programa recebeu o nome da distribuidora VideoSaúde. O Programa VideoSaúde continua a ser produzido e se destina a exibir vídeos do acervo, tanto do conjunto arquivístico quanto da coleção, em diversos canais públicos de TV.

As relações internas, por sua vez, se davam pelas unidades e departamentos, centros de estudos, pesquisadores, estudantes e funcionários da Fiocruz de um modo em geral. Destacamos aqui a relação com a COC que se caracteriza, especialmente, em parcerias de produção de vídeos documentários (foram vários ao longo do tempo, desde *Uma Ciência Tupiniquim* até *Saúde! Velho Chico* e na organização da primeira mostra de vídeos da Fundação Oswaldo Cruz em 1988⁹⁵, além da intermediação feita para empreender financiamentos de projetos através da *LEI SARNEY*⁹⁶.

Os catálogos impressos foram organizados para expressar o trabalho da Distribuidora. Além de constituir um instrumento para a identificação documental, representavam um elemento estimulador da relação com o usuário. Foram publicados três catálogos completos do acervo e cinco catálogos exclusivos correspondentes às primeiras edições da Mostra Nacional de Vídeos em Saúde⁹⁷.

Os Catálogos das Mostras apresentavam as produções inscritas divididas em blocos temáticos e a relação dos títulos por ordem alfabética referenciando: ano de produção, duração, formato e padrão de cor, produtora (empresa ou instituição), direção e sinopse.

⁹⁵ No Anexo 3 (p.119) encontra-se uma imagem do cartaz de divulgação do evento.

⁹⁶ Lei Sarney de incentivo à cultura (Lei 7.505/86), foi substituída em 1990 pela Lei Rouanet.

⁹⁷ Os Catálogos das Mostras foram publicados em 1992, 1994, 1998-99, 2003-04, 2008 (referentes às primeiras 5 edições da Mostra Nacional de Vídeos sobre Saúde).

As três edições de catálogos do acervo, publicadas em 1994, 1996 e 2008 traziam a relação dos vídeos do acervo. O primeiro relacionava 242 vídeos e 56 temas (verbetes), tinha uma forma mais modesta de apresentar o acervo. A segunda e a terceira edição, por sua vez, traziam uma atualização dos itens do acervo, de um modo geral, reproduzindo o Banco de Recursos Audiovisuais em Saúde, apresentando fichas catalográficas dos títulos e as diferentes dimensões do acervo.



Figura 3 – Catálogos do acervo edições 1994, 1996 e 2008.

Para orientar esse relacionamento da distribuidora com o seu público, o Núcleo de Vídeo criou um banco de dados composto de um cadastro dos usuários. Como medida para orientar normas e procedimentos para obtenção de cópias, estabeleceu-se a gratuidade de uso para as instituições vinculadas ao SUS e para as demais, o pagamento de taxa considerada simbólica relativa aos custos dos serviços.

Ao preencher uma ficha de solicitação de cópia, entre outras informações, o usuário indica para qual finalidade prevê a utilização do documento audiovisual. O cadastro de usuário formou um banco de dados com aproximadamente cinco mil nomes, de todas as regiões do país. E sobre esses cadastrados foi possível elaborar alguns estudos de avaliação e recepção.

Podemos citar como exemplo, o trabalho liderado por Fausto Neto⁹⁸ que empreendeu a “Avaliação da VideoSaúde-Distribuidora”, em 1997. Este estudo concentrou-se em fazer análise da recepção, de onde concluiu que a Distribuidora é uma instância mediadora entre os órgãos definidores das políticas de saúde e a sociedade brasileira (FAUSTO NETO, 1997)⁹⁹.

⁹⁸ Antonio Fausto Neto possui contribuições expressivas nas áreas do ensino e da pesquisa. Doutor em *Sciences de La Communication Et de L'information - Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales* - França (1982), atualmente leciona na UNISINOS, mas já integrou o corpo docente de várias instituições: UFRJ, UFPB, UnB e PUC-Minas. Suas contribuições perpassam a semiótica, a análise do discurso, televisão, rádio e principalmente o jornalismo. ROSA, J. Do cordel à midiatização: a pesquisa de Antônio Fausto Neto. Revista Pauta Geral. v.5. 2008.

⁹⁹ Fausto Neto, A. *et all.* Avaliação da VideoSaúde Distribuidora. Rio de Janeiro, junho/1997. 51p.

5. AÇÕES DE PRESERVAÇÃO DO ACERVO

Este acervo audiovisual, como outros com esta configuração, é composto de objetos frágeis que sofrem processos de obsolescência tecnológica. Este certamente é o maior desafio para a continuidade do acesso aos seus conteúdos, o que demanda constantes ações de renovação dos procedimentos técnicos.

Ao longo dos anos, a VideoSaúde Distribuidora adotou técnicas de conservação para garantir a permanência de seus documentos audiovisuais, com vistas a manter sua disseminação e acesso. A distribuição, feita por diversas modalidades, teve início com as cópias para consulta e empréstimo, via videotecas, e se ampliou para veiculação em canais de TVs públicas, exposições em mostras itinerantes e, mais recentemente, para as plataformas de *streaming* de vídeos.

O principal espaço de guarda do acervo, o depósito onde este se localiza, tem as seguintes medidas: 6,57 x 5,75 metros; e compõe-se de estantes geminadas de aço, com pintura neutra (com mínima possibilidade de afetar os documentos) e com 66 centímetros e largura por 199 centímetros de altura. Os aparelhos ficam ligados continuamente e passam por revisões periódicas das instalações elétricas. Os aparelhos desumidificadores instalados fazem o controle da umidade relativa. A temperatura é mantida em média, oscilando entre 19 e 21 graus Celsius; e a umidade relativa do ar entre 45 e 50%. Essas medições de temperatura e umidade são realizadas duas vezes ao dia, manhã e tarde, para o registro das oscilações.

Os suportes ficam acondicionados em caixas plásticas (precisamente nas capas das próprias fitas), posicionadas na vertical. Uma medida de conservação adotada são as revisões periódicas das imagens, através da rebobinagem das fitas, para evitar sua desmagnetização.



Figura 4 - Depósito
Foto da autora (2019)

Em 2006, o projeto *Desenvolvimento das estratégias de preservação para o acervo da VideoSaúde-Distribuidora da Fiocruz*¹⁰⁰, marcou um novo momento para a gestão desse acervo. A partir deste projeto, que visava garantir a manutenção da integridade e da disseminação do acervo, foi possível a adoção de políticas e procedimentos para a salvaguarda e recuperação das condições físicas dos documentos audiovisuais. Este projeto permitiu, ainda, aprimorar as técnicas de acondicionamento e manuseio adequados, de modo a aprimorar as técnicas de armazenamento da informação audiovisual.

Este projeto resultou, entre outros, na atualização do *Manual de Catalogação de Vídeos do BRAVS da VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz*¹⁰¹. Do mesmo modo, motivou a realização de diversas ações em prol do desenvolvimento de estratégias de preservação e, ainda, uma série de estudos sobre as novas tecnologias e a elaboração de um instrumento de diagnóstico¹⁰² das condições ambientais do acervo, mas também das peças audiovisuais que compõem esse acervo.

Outro destaque do projeto, refere-se à reformatação e digitalização de um conjunto dos documentos audiovisuais. A partir desse projeto foram

¹⁰⁰ Projeto financiado pelo Programa de Fortalecimento e Apoio ao Desenvolvimento Institucional e Gestão em C&T – Convênio Fiocruz/Faperj (Bolsa Pró Gestão).

¹⁰¹ O Manual de catalogação do BRAVS é um documento de uso interno.

¹⁰² Esse diagnóstico buscou identificar as condições físicas dos documentos no acervo.

reformatadas todas as fitas nos formatos *U-Matic*¹⁰³ e SVHS para o formato DVCAM, a partir de critérios definidos, visando preservar a informação contida naquelas fitas, cujos formatos estão completamente obsoletos. Importante apresentarmos os números desse material reformatado. Foram copiadas 960 fitas *U-Matic* e 238 SVHS, resultando em 516 fitas DVCAM. A reformatação não seguiu fita a fita, ou seja, uma fita DVCAM comporta 184 minutos de vídeo. Adotou-se, como medida de economia, colocar vários títulos dentro de uma única fita. Em outras palavras, uma fita DVCAM 184 comporta o conteúdo de 3 fitas *U-Matic* com 60 minutos de vídeo.

Atualmente uma série de ações tem sido desenvolvidas para assegurar a preservação digital do acervo. Há um volume da documentação audiovisual já tratada, porém, como se refere à arquivo em atividade – especificamente digital – está em crescente expansão. As atividades de preservação não estão circunscritas à organização da informação em sistema de HD externo, mas também no desenho de novos fluxos de trabalho que estão sendo desenvolvidos.

Devido à emergência sanitária ao qual estamos todos submetidos, as atividades se desenvolvem de modo à distância e, por isso, nem todos os processos estão sendo realizados. O trabalho da VideoSaúde continua através da tecnologia de transmissão de informações de modo virtual. Assim, as atividades remotas produzidas geram um volume de informação que estão sendo processadas, aos poucos, como no caso de armazenar as imagens em HDs externos (as imagens são registradas em cartões de memória das câmeras de gravação e são descarregadas nestes suportes).

Organizar a informação em sistema de HD externo em conformidade com a estrutura arquivística estabelecida – assegura que os itens são identificados enquanto documentos arquivísticos dispostos nessa mídia de armazenamento – será replicada a nomeação e organização dos dossiês na referida estrutura arquivística. Essa estratégia poderia ser vista como sendo parte desse cenário de adaptação à transição do analógico para o digital e da necessidade de criar uma cultura de organização da estrutura arquivística deste acervo. Mas é,

¹⁰³ As fitas *U-Matic* estiveram em operação na VideoSaúde entre 1989 e 1996.

sobretudo, devida às especificidades que o audiovisual exige no que se refere ao seu tratamento enquanto documento de arquivo.

Um elemento vital para o tratamento técnico dos materiais produzidos – os registros das transmissões dos eventos que caracterizam as atividades da instituição – tem sido a implementação de um conjunto de informações que subsidiem a gestão desses documentos desde a sua fase de produção e que se complementem com outros elementos de informação no decorrer das atividades de tratamento técnico pertinentes ao arquivamento permanente desses documentos. Essas informações coletadas dão consistência ao enfoque da proveniência, descrição e acesso aos documentos gerados.

5.1 O desafio digital

A principal motivação da preservação é a continuidade do acesso. Com a questão do acesso está incluída aí a preservação da organicidade, ou seja, do contexto da produção dos documentos que compõem o conjunto documental. Esse contexto é que favorece a presunção de autenticidade, igualmente importante (SANTOS, 2013). O acervo, pela natureza de sua atuação – de reunião e circulação de documentos audiovisuais – arregimentou uma gama variada de formatos, a começar pelo VHS e *U-Matic*, seguido de SVHS, Betacam, MiniDV, DVCAM e DVD. Nesse sentido, todos estes formatos são marcados pelo desafio da manutenção de equipamentos de reprodução que estão em constante mudanças tecnológicas.

Em 2010, a equipe da VideoSaúde iniciou o desenvolvimento de um projeto que derivou de estudos, visitas técnicas e análises de modelos em desenvolvimento de processo de conversão de analógico para digital de fitas de vídeo. Seus idealizadores acreditavam que com a digitalização de todos os formatos existentes, transformando-os em informação digital, haveria uma unificação nos critérios de guarda, uma facilitação da operação de busca de

dados e o acervo manteria sua integridade, além de ter a possibilidade de ampliação do acesso.

Em uma análise atual percebemos que essa visão não levava em conta as questões mais complexas que o universo digital expõe, principalmente, sobre como oferecer aos materiais arquivísticos digitalizados a sua manutenção de integridade e identidade visando conferir a presunção de autenticidade dos documentos arquivísticos do gênero audiovisual.

A partir desse quadro de discussões e a preocupação em atualizar os mecanismos de operação e conservação do acervo, sucedeu o projeto *Sistema de arquivamento digital de imagens em movimento da VideoSaúde-Distribuidora da Fiocruz*¹⁰⁴. Essa iniciativa, submetida à financiamento da agência FINEP, visava sobretudo atualizar o parque tecnológico da Distribuidora e, assim, manter seu acervo acessível. Essa atualização tecnológica impulsionaria o cenário digital que já se aproximava, ou seja, nesse período foi adquirida a primeira câmera digital que opera apenas com cartão de memória, enquanto as fitas DVCAM começam a desaparecer do mercado.

Embora o projeto não tenha obtido sucesso quanto ao seu financiamento, a equipe da Distribuidora manteve a investigação na literatura a respeito dos meios de manutenção do acesso aos conteúdos que se encontram em suportes obsoletos.

Uma iniciativa importante foi iniciar a digitalização de alguns dos documentos mais peculiares do acervo, ainda que sem a estrutura adequada. O documento destacado pelos gestores naquele momento refere-se ao discurso de Sergio Arouca na VIII Conferência Nacional de Saúde. Os critérios adotados foram o da relevância da informação e o volume de pedidos de cópias deste documento, que já começava a apresentar sinais de deterioração e, por isso, passou pelo processo de digitalização.

Ao todo foram digitalizados 30 documentos, entre eles os registros da cerimônia de reintegração dos cientistas cassados no conhecido “Massacre de Manguinhos”, de 1986 e da cerimônia de 90 anos da Fiocruz, de 1990. Como

¹⁰⁴ Esse projeto foi elaborado por João Guilherme N. Machado, Cleomar Hucho Lopes, Pauliran Freitas e Leonardo Azevedo, sob a coordenação de Tania Santos.

forma de preservar e dar acesso, a VideoSaúde vem digitalizando esse material mais antigo, junto com esta ação de recuperação da qualidade de som e da imagem.

Em termos básicos e gerais, os vídeos foram convertidos do sinal analógico para o digital – da fita de vídeo para o computador de edição – utilizando-se da tecnologia de reconstrução digital e foi possível recuperar *frames* que estavam com ruídos tanto na imagem quanto na faixa de áudio. Para recuperar a qualidade da imagem e do áudio o material foi submetido a um processo de melhoria de suas condições técnicas com uso de *software* apropriado. Esses processos exigem um conjunto de elementos específicos para o audiovisual de forma que se mantenha um certo controle da integridade e identidade desses conteúdos e, dessa maneira, se dê suporte para uma presunção de autenticidade a esses documentos digitalizados.

Nesse sentido, cabe destacarmos o impacto provocado pela “era digital” no processo de produção e armazenamento de documentos audiovisuais. Especialmente ao longo da última década, os profissionais que se dedicam ao trabalho com acervos audiovisuais se deparam com uma imensa variedade de desafios. Existe, portanto, a preocupação com a preservação física da mídia que comporta o documento.

Há uma demanda contínua de atualização das mídias que abrigam os arquivos digitais, que estão sujeitos ao risco de perda de informações, seja pela obsolescência do suporte ou problemas causados por um armazenamento inadequado.

Essa dinâmica tecnológica se impõe como um grande desafio para os gestores de acervo, como é o caso da VideoSaúde Distribuidora, cuja transição para a utilização de recursos digitais se deu de modo lento. Começou com a aquisição da primeira câmera de vídeo que só gravava em cartão de memória e em seguida com a aquisição de um equipamento de armazenamento digital (um servidor de arquivos). Devido à escassez de fitas de vídeo, as produções passaram a utilizar apenas os cartões de memória e todo o fluxo de trabalho, necessariamente, começou a ser revisto.

Não se trata mais de gravar a informação audiovisual em um suporte que, ultrapassando as várias etapas da produção, tem seu espaço de armazenamento em uma prateleira específica no depósito de guarda com outras semelhantes. O cartão de memória é apenas o suporte de passagem da mesma informação e todo o processo de trabalho acaba por ser invertido, demandando outros fluxos de gestão da informação audiovisual.

Para marcar esta nova fase, a VideoSaúde passa a integrar o Cadastro Nacional das Entidades Custodiadoras de Acervos Arquivísticos do Arquivo Nacional¹⁰⁵. Desse modo, a Distribuidora recebe o Código de Entidades Custodiadoras de Acervos Arquivísticos (CODEARQ)¹⁰⁶ o que permite a identificação do seu conjunto arquivístico. Esse identificador é:

BR_RJVSD_09_01_01_0001_01 (FUNDO>SEÇÃO>SÉRIE>DOSSIÊ (ITEM DOCUMENTAL)>(FORMA DE APRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO)

A base de dados (BRAVS) não está completamente baseada na NOBRADE, porém o conjunto de elementos trabalhados de acordo com o Código Anglo-Americano de Catalogação (AACR2) e os Requisitos Funcionais para Registros Bibliográficos podem subsidiar uma possível interoperabilidade em sistemas de recuperação integrados a um protocolo de transferência de metadados entre repositórios digitais.

A partir desse registro e em paralelo com o desenvolvimento de estudos e participação ativa em GTs do Preservo e do SIGDA – que resultaram na elaboração de importantes documentos como o *Programa de Preservação Digital dos Acervos* e o *Padrão de Metadados de Documentos Arquivísticos*

¹⁰⁵ O CONARQ oferece o Cadastro Nacional de Entidades Custodiadoras de Acervos Arquivísticos, regulamentado pela Resolução nº28, de 17 de fevereiro de 2009. Fonte: <https://www.gov.br/conarq/pt-br/servicos-1/cadastro-nacional-de-entidades-custodiadoras-de-acervos-arquivisticos#:~:text=O%20CODEARQ%20tem%20como%20finalidade,institui%C3%A7%C3%A3o%20custodiadora%20de%20acervo%20arquiv%C3%ADstico> Acesso: 17/12/2020

¹⁰⁶ O CODEARQ, oferece uma identificação da instituição custodiadora favorecendo o intercâmbio de informação em âmbito nacional e internacional. Fonte: idem nota anterior.

*Digitais da Fiocruz*¹⁰⁷ – a VideoSaúde define um quadro de arranjo arquivístico (como apresentamos acima) para o conjunto de suas produções nato digitais e digitalizadas e culmina com a elaboração de seu *Plano de Preservação Digital*.

Ao aplicar o princípio hierárquico multinível da ISAD(G) em seu quadro de arranjo arquivístico, a VideoSaúde busca seguir as boas práticas – baseadas nas referências do modelo OAIS e da Norma ISO 14.721:2012 – que permitam a manutenção da identidade e integridade, além de proporcionar a presunção da autenticidade e a acessibilidade dos documentos arquivísticos¹⁰⁸. Essas medidas demonstram uma preocupação com o fortalecimento das ações de preservação da memória contida no conjunto desse acervo audiovisual e marca o início de uma nova era de gestão arquivística de seu acervo.

Desse modo, a VideoSaúde vem desenvolvendo novos fluxos de entrada e organização, acesso e preservação de documentos. À medida que os suportes, notadamente as fitas e DVDs, começam a desaparecer, entram em cena HDs, *pendrives* e *streaming* de vídeo. Os programas VideoSaúde são enviados, via *streaming*, para os canais onde são exibidos. As mostras de vídeo mais recentes, igualmente, circularam via plataformas digitais. Todas as atividades de registros de eventos da instituição são realizadas de modo virtual. As imagens registradas permanecem em HDs aguardando o tratamento adequado, que passa por criação de pacotes de informação, que incluem os objetos digitais e os respectivos conjunto de metadados, buscando consonância com as recomendações do OAIS. Estas instruções podem ser encontradas no *Plano de Preservação Digital da VideoSaúde*.

Esses novos entendimentos sobre a gestão da preservação dialogam com o projeto *Preservo* e com as políticas da Fiocruz, tanto com a *Política de Acesso Aberto ao Conhecimento* quanto com a de *Preservação de Acervos Científicos*

¹⁰⁷ O documento *Padrão de Metadados de Documentos Arquivísticos Digitais da Fiocruz*, lançado em 2020, é um instrumento de aplicação com orientações para descrição na fase de produção documental. Este manual integra as ações do SIGDA/Fiocruz e foi elaborado por um GT instituído pela Portaria nº 6069-PR/2019.

¹⁰⁸ Para compreender o modelo OAIS: SANTOS, H. M. dos; FLORES, D. Modelo lógico da informação no *Open Archival Information System*: uma reflexão arquivística sobre o pacote de informação para arquivamento. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, v. 10, n. 1, p. 23-38, jan./abr. 2020.

Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/46433/30058> Acesso: 03/03/2021.

e *Culturais*. O *Preservo* auspicia o desenvolvimento da área de preservação digital, cuja dimensão de preservação e acesso lançou como desafio a elaboração do Programa e dos subsequentes Planos de Preservação Digital na instituição.

Assim, a VideoSaúde elaborou seu *Plano de Preservação Digital*, e nesse momento, iniciou um processo de buscar seu histórico e atualizar seu inventário. Este trabalho se insere na reunião de informações sobre o acervo como um todo de forma a facilitar sua gestão futura, o que implica necessariamente nas questões do digital.

Há um inventário com a lista dos objetos digitais do acervo elaborado em uma planilha de controle dos objetos digitais que estão sendo organizados seguindo a padronização do quadro de arranjo.

O conjunto de informações trabalhadas no processamento técnico dos materiais digitais no ato de sua produção se amparam nos elementos de metadados trabalhados no Manual de “Padrão de Metadados de Documentos Arquivísticos Digitais da Fundação Oswaldo Cruz” (FIOCRUZ, 2020), o qual orienta que os documentos digitais oriundos de processos de digitalização tenham metadados específicos que subsidiem a manutenção da integridade dos conteúdos digitalizados visando a assegurar a presunção de sua autenticidade (está sendo realizada uma pesquisa¹⁰⁹ para definição de um perfil de aplicação de metadados específicos para vídeos).

O acervo digital está sendo cuidado observando os requisitos necessários – enquanto aguarda a implementação de um Repositório Arquivístico Digital Confiável da Fiocruz (RDC-Arq) – com as seguintes medidas: sistemas de *backups*, por espelhamentos, com planos de *backup* dos arquivos, cópias em mídia magnética (fita LTO) considerando uma dispersão geográfica.

Dentre algumas ações instituídas pela VideoSaúde, baseadas nas melhores práticas de preservação digital voltadas para as especificidades do audiovisual, podemos citar: a) monitoração do processo de obsolescência dos

¹⁰⁹ O arquivista da VideoSaúde, João Guilherme Nogueira Machado, está desenvolvendo pesquisas no âmbito do Mestrado Profissional, em que propõe a elaboração de perfil de padrão de metadados específicos para o audiovisual para dar conta dos processos de digitalização visando amparar a presunção da autenticidade dos documentos.

formatos de arquivos – na estrutura arquivística da VideoSaúde é feita a transferência das mídias gravadas nos cartões de memória preservando o formato original em que foi gravado. O formato de preservação se dará dentro do Archivematica (quando for instalada na sala cofre da Fiocruz) que gera automaticamente uma versão em MKV/FFV1 em uma estrutura própria de preservação, mantendo o arquivo original; b) checagem de integridade – utiliza-se o *software Robocopy* para fazer as transferências de mídias do cartão de memória para o servidor, que faz automaticamente a checagem; c) no arranjo arquivístico está sendo guardado as matrizes para preservação e os arquivos que são para acesso pelos usuários são as matrizes de exibição em canais de TV e também no repositório Arca, este considerado uma ferramenta institucional de disseminação.

As ações de *backup*, que estão descritas no *Plano de Preservação Digital da VideoSaúde*, se prestam a mitigar eventuais sinistros – uma vez que ainda não há um plano de desastres documentado para o acervo de vídeos da distribuidora. Estas ações consistem em produção de *backup* em LTO do acervo digital que está organizado na estrutura arquivística. Cada fita LTO tem cópia de segurança (a cópia ímpar serve ao uso em caso de necessidade de recuperar o documento e a cópia par é destinada à preservação).

6. FORMULÁRIOS DE LEVANTAMENTO DE DADOS DO ACERVO

A seguir apresentaremos os formulários que montamos a partir do levantamento dos dados do acervo. Este formulário foi elaborado tendo por base a metodologia sugerida pelo *Manual de identificação de acervos documentais para transferência e/ou recolhimento aos arquivos públicos* (AN, 1985). Também serviram de modelo os questionários aplicados, tanto do Grupo de Pesquisa do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (CRIDI/ICI/UFBA), quanto do Grupo de Trabalho do Programa de Preservação Digital da Fiocruz (GT/PPD), que têm em comum o levantamento de informações sobre os acervos digitais.

O primeiro formulário engloba o acervo como um todo, identificando o que é comum aos dois conjuntos documentais, arquivo e coleção. Na sequência, os quadros de cada um dos conjuntos com suas características próprias.

Ambos os conjuntos documentais estão organizados em um mesmo banco de dados, o BRAVS. Tanto o Arquivístico – composto por 4 séries – quanto a coleção, tem em comum a variedade de formatos e tipologia. É possível identificar o volume dos conjuntos como um todo.

QUADRO 8 - Composto dos conjuntos documentais do acervo da VideoSaúde:**I- IDENTIFICAÇÃO****II- CARACTERIZAÇÃO DOS OBJETOS DO ACERVO****III- CONDIÇÕES DO ESPAÇO DE GUARDA DO ACERVO****IV- INFORMAÇÕES SOBRE O ACERVO DIGITAL****V- RECURSOS HUMANOS****I - IDENTIFICAÇÃO**

- 1- Nome do setor de guarda do acervo órgão: VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz
- 2- Subordinação: ICICT
- 3- Vinculação administrativa: Fiocruz
- 4- Administração: () Direta () Indireta (X) Autarquia () Empresa Pública () sociedade de economia mista
- 5- Endereço do setor do acervo / telefone: Av. Brasil, 4036, sala 516, tel. 3882-9111
- 6- O acervo é aberto ao público: (X) sim () não
- 7- Horário de Funcionamento: 9 às 17h
- 8- Tipologia do acervo: vídeos sobre saúde pública
- 9- Público usuário do acervo: usuários interno e externo / população em geral, estudantes, pesquisadores...
- 10- Responsável pelo acervo / cargo: JGNM / Arquivista
- 11- Chefe superior / cargo: PCL / Coordenador
- 12- Data de implantação do Acervo: 20 de maio de 1988 (Portaria PR45/88)
- 13- Breve histórico: este acervo é parte central das atividades do serviço intitulado VideoSaúde Distribuidora (VSD), subordinado ao Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em saúde da Fiocruz (ICICT/Fiocruz). Composto por dois conjuntos documentais, sendo um conjunto arquivístico e uma coleção, tem a finalidade de difundir a informação audiovisual em saúde e servir às ações de comunicação e informação sobre saúde como estratégia de fortalecimento da cidadania.

II_ CARACTERIZAÇÃO DOS OBJETOS DO ACERVO - CONJUNTO ARQUIVÍSTICO e CONJUNTO COLEÇÃO**14- Composição do acervo:**

- a. Suportes: (X) Analógicos (X) Digitais
- b. Formatos:
 - b.1- Analógicos: fitas magnéticas BETACAM, fitas VHS e S-VHS, fitas U-MATIC, fitas DVCAM e MINIDV, discos óticos DVD e BLU-RAY;
 - b.2- Digitais: arquivos .MOV, .MP4, .MTS, .M2TS, .AVI, .AVCHD;

Temática do acervo: saúde coletiva (tanto o conjunto arquivístico, como a coleção)

- c. Assuntos predominantes (descritores): saúde da mulher, saúde da criança, saúde da família, saúde mental, DST/AIDS, sexualidade, drogas, meio ambiente, campanhas de saúde, câncer, história da saúde pública, amamentação, parto e nascimento, doenças negligenciadas, endemias, atenção à saúde, saneamento, segurança alimentar, saúde do trabalhador, violência, vigilância sanitária, instituições de saúde etc.;
- d. Formas: editado e não editado
- e. Gêneros discursivos audiovisuais: Documentário, Ficção, Animação, Institucional, Instrucional, Videoaula, Reportagem, Clipe/Trailer, Biografia, Programa de TV;

15- Especificação sobre a documentação videográfica:

a. Formação dos conjuntos documentais – **Arquivístico – Datas-limites:** desde 1987.

ARQUIVÍSTICO (Composto de 4 séries)	Volume	Nível de acesso (informação no BRAVS)
1-Programa VideoSaúde	556	acesso 3
2-Selo Fiocruz Vídeo	45	acesso 3
3-Projetos	2.278	acesso 0, 3
4-Eventos	1.513	acesso 0, 3
Total	4.392	-

b. Formação dos conjuntos documentais – **Coleção – Datas-limites: (1910-2019)**

COLEÇÃO (Mostras de Vídeo e avulsos)	Volume	Proveniência	Gênero discursivo audiovisual	Obs.
1ª edição - 1992	73	Empresas produtoras, Canais de TV, ONGs, Sindicatos, Instituições de ensino;	Documentário, Ficção, Animação;	analógico
2ª edição - 1994	112			analógico
3ª edição - 1998	160			analógico
4ª edição - 2003	232			analógico
5ª edição - 2008	313			analógico
6ª edição - 2019	104			digital
Mostra "Olhares sobre a COVID-19" - 2020	135			digital
Outros títulos colecionados ao longo do tempo	3.411	Empresas produtoras, Canais de TV, ONGs, Sindicatos, Instituições de ensino;	Documentário, Ficção, Animação, Institucional, Instrucional, Videoaula, Reportagem, Clipe, Biografia, Programa de TV	analógico
Total	4.540	-	-	-

c. Origem da documentação?

produzida diretamente pelo próprio órgão

produção financiada pelo órgão

doação

permuta

compra

custódia

outros

d. Instrumentos de pesquisa: Catálogos impressos e Banco de dados (BRAVS)

e. Controle de consultas ao acervo: registro de usuários e frequência de consultas

f. Normas e regulamentos de acesso aos materiais do acervo: Normas e procedimentos de obtenção de cópias disponíveis na página da VSD (no portal do ICICT), assim como uma ficha de Cadastro de usuário, que é parte do mecanismo de obtenção de cópia de qualquer material custodiado pelo acervo;

g. Formas de disponibilização física ao usuário: Cópias em DVD, em *PenDrive*; e através da rede de videotecas;

- h. Acesso remoto ou *on line*: Repositório Institucional Arca (104 vídeos), Repositório *Legatum* (7 vídeos); BRAVS (92 vídeos); Redes Sociais (Canal VSD no YouTube: 682 vídeos); Videocamp (10 vídeos); Libreflix (5 vídeos);

Formatos localizados no acervo | Quantidade (os formatos são comuns aos dois conjuntos)

Formato (analógico)	quantidade
VHS	2.185
SVHS	168
BETACAM	1.109
DVCAM	1.461
MINIDV	1.501
DVD	2.351
total	8.775

III_CONDIÇÕES DO ESPAÇO DE GUARDA DO ACERVO (salas 507 - 503)

16- Que tipo de equipamentos possui: -aparelhos de ar condicionado (do tipo *split*) e aparelho de ar condicionado de parede (reserva do *split*); -aparelhos termohigrômetro; - aparelhos desumidificadores de ambiente (para monitoramento ambiental); e servidor de arquivamento permanente, *nobreaks* (redundantes) – do acervo digital.

17- Sobre as condições de depósito e acondicionamento:

- Há controle de: (X) Temperatura (X) Umidade (X) Luminosidade
- Mobiliário: (X)metal ()madeira ()madeira tratada contra fogo () outros;
- Acondicionamento: Caixa (X)plástica ()metálica
- Posição (X)horizontal ()vertical;
- As imagens são revistas e tratadas periodicamente: (X) sim () não
- Há espaço de armazenamento digital: (X) sim () não

18- Há plano de desastre para a documentação videográfica? (X) sim () não – Explique: plano parcial - ações como *backup* (descrito no PPD), análise topográfica (carecendo atualização), projeto apontando para a necessidade de sistema de combate a incêndio (em andamento), sistema de detecção de fumaça (prédio tem uma brigada de incêndio), no andar do acervo tem um sistema de combate a incêndio (pó químico: FM200); Fazemos *backup* em LTO do acervo digital organizado na estrutura arquivística. Cada fita LTO tem uma cópia de segurança. A cópia ímpar é para uso em caso de necessidade de recuperação do documento e a cópia par se destina para a preservação.

19- Há dispersão geográfica do acervo analógico: () sim (X) não

20- Condições gerais do acervo: ()excelente (X)bom ()regular ()sofrível

21- Condições do depósito: ()excelente (X)bom ()regular ()sofrível

22- Instalações físicas disponíveis: sala do acervo (depósito), sala de copiagem, sala de localização de um servidor de arquivo (para os nato-digitais e representantes digitais), ilhas de edição (onde se processam materiais em edição), sala de administração do acervo;

IV_INFORMAÇÕES SOBRE O ACERVO DIGITAL

- 23- Disposição técnica em digitalizar o acervo: (X) sim () não
 24- Já realizou algum projeto de digitalização: (X) sim () não
 25- Qual estágio se encontra: (X) inicial () intermediário () avançado () outro
 26- Há equipamentos próprios disponíveis: () sim (X) não
 27- Há equipe própria suficiente para digitalização: () sim (X) não
 28- Há políticas institucionais a serem seguidas: (X) sim () não
 29- Quais formatos de arquivos digitais do acervo: .mov, .mp4, .mts, .m2ts, .avi, .avchd;

- 30- Quais suportes os objetos digitais do acervo estão armazenados:
 - Meio magnético (disco rígido HD externo, fita magnética do tipo LTO)
 - storage (modelo MA2040-HP)
 - ótico (CD, DVD, Blu-Ray)
 - Dispositivo de memória Flash: SSD, SD, etc.

- 31- Volume aproximado de objetos digitais que compõe o acervo:
 Acervo digital: (nato digital / digitalizado) 100TB (volume sempre em crescimento).
 A previsão da digitalização ocupará 100 TB para as 8 mil horas de vídeo analógico.
 Cada *Terabyte* (TB) armazena cerca de 80 horas a 25 megabit por segundo (material SD).

- 32- Há repositório digital para acesso: (X) sim () não
 33- Há repositório digital para preservação: () sim (X) não

- 34- Como são organizados os objetos digitais no acervo: em fase de testes, um sistema que organiza manualmente, simulando um repositório, seguindo uma padronização de nomenclatura e metadados estabelecidos; criação de pacotes de submissão SIP (de acordo com o modelo OAIS); armazenado em um arranjo arquivístico que contempla em seus diretórios as séries configuradas no quadro de arranjo da VSD (estabelecido em concordância com o SIGDA/Fiocruz); a nomenclatura dos arquivos, obedecendo os critérios hierárquicos – da ISAD(G), complementados com o uso do prefixo de CODEARQ (BR_RJVSD);

- 35- Há um inventário com todos os objetos digitais do acervo: (X) sim () não – Explique: planilha de controle dos objetos digitais que estão sendo organizados seguindo padronização do quadro de arranjo.

- 36- Sobre os padrões de metadados utilizados no tratamento dos materiais digitais do acervo:
 (X) sim () não - Especifique: utiliza-se o “Padrão de Metadados de Documentos Arquivísticos Digitais da Fundação Oswaldo Cruz”(FIOCRUZ, 2020). Para os documentos digitais oriundos de processo de digitalização está sendo realizada uma pesquisa para definição de perfil de aplicação de metadados específicos para vídeo que subsidiem a manutenção da integridade dos conteúdos digitalizados a fim de garantir a presunção de sua autenticidade.

- 37- Há plano de *backup* para os arquivos digitais: (X) sim () não - explique: são geradas 2 *backups* em mídia magnética (fita LTO) com dispersão geográfica (uma próxima ao acervo e uma na biblioteca de Manguinhos); com a implementação de um RDC-Arq institucional, com um sistema de *backups* (por espelhamentos), espera-se atingir níveis mais eficientes, de replicação segura do acervo digital da VSD;

- 38- Onde são armazenados os *backups*: em mídia LTO, dispersa geograficamente;

39- Entre as melhores práticas existentes de preservação digital, quais ações já são adotadas:

(X) Monitoração do processo de obsolescência dos formatos de arquivos; -Explique: Na estrutura arquivística da VideoSaúde fazemos a transferência das mídias gravadas nos cartões de memória preservando o formato original em que foi gravado. O formato da preservação se dará dentro do *Archivematica* (aguardando instalação na sala cofre da Fiocruz) que gera automaticamente uma versão em MKV/FFV1 em uma estrutura própria de preservação, mantendo o arquivo original.

(X) Monitoração do processo de obsolescência dos suportes/mídias de arquivos; -Explique: Os suportes LTO, HDs externos etc.

() Migração de formatos de arquivo sob risco de obsolescência; -Explique: Não (FF mpeg – *software*) - não é registrado em formato *PREMIS*; o sistema *Archivematica* já vem preparado para isto e por *default* gera um formato próprio de preservação que atualmente é o formato de contêiner MKV com o *codec* FFV1;

(X) Migração de suportes e mídias sob risco de obsolescência; -Explique: já consideramos o LTO 8;

(X) Criação de checagem de integridade; -Explique: utilizamos o *software Robocopy* para fazer as transferências das mídias do cartão de memória para o servidor. Esse *software* faz automaticamente a checagem;

(X) Geração de arquivos de matriz para preservação; -Explique: o que está sendo guardado no arranjo arquivístico já é a matriz de preservação;

(X) Geração de arquivos derivados para acesso pelos usuários; -Explique: o BRAVS é a ferramenta de disseminação; cedemos acesso a partir das matrizes para exibição em canais de TV;

(X) Recuperação de arquivos corrompidos; -Explique: Já fizemos experiência de recuperação de arquivos corrompidos;

(X) Controle sobre quem tem acesso para movimentar, apagar ou alterar os arquivos digitais; - Explique: Através de credencial de controle e nível de acesso;

V_RECURSOS HUMANOS

40 - Equipe de atuação no acervo (ação direta e indireta):

-Ação indireta (pessoas que estão produzindo os documentos e gerando informações descritivas sobre os mesmos documentos);

-Ação direta (até a etapa de processamento técnico; com a verificação e complementação de informações para o arquivamento e o acesso aos materiais digitais do acervo);

-Setores técnico, de manutenção, e de processamento (9); administração (2)

42- Formação da equipe: (01) Arquivista (10) outros (equipe multidisciplinar)

Respondido por: Cleomar H. Lopes, João Guilherme N. Machado, Eneo Coelho e Rosemary Santos;

Data: Em set./out. 2020

QUADRO 9 - CONJUNTO DOCUMENTAL ARQUIVÍSTICO:**I_CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO ARQUIVÍSTICO****a) SUPORTES / FORMATOS**

ANALÓGICO	DIGITAL
Fitas magnéticas: BETACAM, VHS, S-VHS, U-MATIC, DVCAM e MINIDV; Discos óticos: DVD e BLU-RAY	Arquivos .MOV, .MP4, .MTS, .M2TS, .AVI, .AVCHD;

- b) Temática do acervo: saúde coletiva
- c) Assuntos predominantes (descritores): saúde da mulher, saúde da criança, saúde da família, saúde mental, DST/AIDS, sexualidade, drogas, meio ambiente, campanhas de saúde, câncer, história da saúde pública, amamentação, parto e nascimento, doenças negligenciadas, endemias, atenção à saúde, saneamento, segurança alimentar, saúde do trabalhador, violência, vigilância sanitária, instituições de saúde *etc.*;
- d) Formas: editado e não editado
- e) Gênero discursivo documental: Documentário, Ficção, Animação, Institucional, Instrucional, Videoaula, Reportagem, Clipe/trailer, Biografia, Programa de TV;
- f) Formação do conjunto Arquivístico:

ARQUIVÍSTICO (Composto de 4 séries)	Volume	Descrição / gênero discursivo audiovisual
01-Programa VideoSaúde	556	Programa de TV produzido com a inserção de vídeos do acervo, tanto do arquivo quanto da coleção;
02-Selo Fiocruz Vídeo	45	Vídeos produzidos por uma linha de fomento via edital público: documentário, ficção e animação,
03-Projetos	2.278	São projetos de produção e coprodução de vídeos documentários.
04-Eventos	1.513	Registro de atividades técnico-científicas e culturais da Fiocruz

- g) Acesso remoto ou *on line* ao conjunto arquivístico: Repositório Institucional Arca (104 vídeos), Repositório *Legatum* (7 vídeos); BRAVS (92 vídeos); Redes Sociais (Canal VSD no YouTube: 682 vídeos); Videocamp (10 vídeos); Libreflix (5 vídeos); Em TVs públicas e educativas: Canal Saúde, TV UFES, TVE Bahia;

II_CONDIÇÕES DO ESPAÇO DE GUARDA DO ACERVO (área das salas 507 - 503)

1- Que tipo de equipamentos possui: -aparelhos de ar condicionado (do tipo *split*) e aparelho de ar condicionado de parede (reserva do *split*); -aparelhos termo higrômetro; - aparelhos desumidificadores de ambiente (para monitoramento ambiental); (para o acervo digital): servidor de arquivamento permanente, *nobreaks* (redundantes).

2- Sobre as condições de depósito e acondicionamento:

- g. Há controle de: Temperatura Umidade Luminosidade
- h. Mobiliário: metal madeira madeira tratada contra fogo outros;
- i. Acondicionamento: Caixa plástica metálica
- j. Posição horizontal vertical;
- k. As imagens são revistas e tratadas periodicamente: sim não
- l. Há espaço de armazenamento digital: sim não

3- Há plano de desastre para a documentação videográfica? sim não – Explique:
plano parcial - ações como *backup*, (descrito no PPD), análise topográfica (carecendo atualização), projeto de apontando para a necessidade de sistema de combate a incêndio, sistema de detecção de fumaça (prédio tem uma brigada de incêndio); no andar do acervo tem um sistema de combate a incêndio (pó químico: FM200);
Fazemos *backup* em LTO do acervo digital organizado na estrutura arquivística. Cada fita LTO tem uma cópia de segurança. A cópia ímpar é para uso em caso de necessidade de recuperação do documento e a cópia par se destina para a preservação.

4- Há dispersão geográfica do acervo analógico: sim não

5- Condições gerais do acervo: excelente bom regular sofrível

6- Condições do depósito: excelente bom regular sofrível

7- Instalações físicas disponíveis: sala do acervo (depósito), sala de copiagem, sala de localização de um servidor de arquivo (para os nato-digitais e representantes digitais), ilhas de edição (onde se processam materiais em edição), sala de administração do acervo;

Respondido por: Cleomar H. Lopes, João Guilherme N. Machado, Eneo Coelho e Rosemary Santos;

Data: Em set./out. 2020

QUADRO 10 - CONJUNTO DOCUMENTAL COLEÇÃO**I_CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO DO CONJUNTO COLEÇÃO:****a) SUPORTES / FORMATOS**

ANALÓGICO	DIGITAL
Fitas magnéticas: BETACAM, VHS, S-VHS, U-MATIC, DVCAM e MINIDV; Discos óticos DVD e BLU-RAY	Arquivos .MOV, .MP4, .MTS, .M2TS, .AVI, .AVCHD;

- b) Temática do acervo: saúde coletiva
- c) Assuntos predominantes (descritores): saúde da mulher, saúde da criança, saúde da família, saúde mental, DST/AIDS, sexualidade, drogas, meio ambiente, campanhas de saúde, câncer, história da saúde pública, amamentação, parto e nascimento, doenças negligenciadas, endemias, atenção à saúde, saneamento, segurança alimentar, saúde do trabalhador, violência, vigilância sanitária, instituições de saúde etc.;
- d) Formas: editado
- e) Gênero discursivo audiovisual: Documentário, Ficção, Animação, Institucional, Instrucional, Videoaula, Reportagem, Clipe, Biografia, Programa de TV;
- f) Formação do conjunto Coleção: começou a ser formada oficialmente em 1988; reuniu documentos de anos anteriores (somam 215 registros no BRAVS, entre 1910 e 1987).

COLEÇÃO (Mostras de Vídeo e avulsos)	Volume	Proveniência	Gênero discursivo audiovisual	Obs.
1ª edição - 1992	73	Empresas produtoras, Canais de TV, ONGs, Sindicatos, Instituições de ensino;	Documentário, Ficção, Animação;	analógico
2ª edição - 1994	112			analógico
3ª edição - 1998	160			analógico
4ª edição - 2003	232			analógico
5ª edição - 2008	313			analógico
6ª edição - 2019	104			digital
Mostra "Olhares sobre a COVID-19" - 2020	135			digital
Outros títulos colecionados ao longo do tempo	3.411	Empresas produtoras, Canais de TV, ONGs, Sindicatos, Instituições de ensino;	Documentário, Ficção, Animação, Institucional, Instrucional, Videoaula, Reportagem, Clipe, Biografia, Programa de TV	analógico
Total	4.540	-	-	-

- g) Acesso ao conjunto arquivístico: Videotecas ou pedidos diretos para o setor de distribuição da VideoSaúde;

II_ CONDIÇÕES DO ESPAÇO DE GUARDA DO ACERVO (salas 507 - 503)

1- Que tipo de equipamentos possui: -aparelhos de ar condicionado (do tipo *split*) e aparelho de ar condicionado de parede (reserva do *split*); -aparelhos termo higrômetro; - aparelhos desumidificadores de ambiente (para monitoramento ambiental); (para o acervo digital): servidor de arquivamento permanente, *nobreaks* (redundantes).

2- Sobre as condições de depósito e acondicionamento:

- m. Há controle de: (X) Temperatura (X) Umidade (X) Luminosidade
- n. Mobiliário: (X)metal ()madeira ()madeira tratada contra fogo () outros;
- o. Acondicionamento: Caixa (X)plástica ()metálica
- p. Posição (X)horizontal ()vertical;
- q. As imagens são revistas e tratadas periodicamente: (X) sim () não
- r. Há espaço de armazenamento digital: (X) sim () não

Respondido por: Cleomar H. Lopes, João Guilherme N. Machado, Eneo Coelho e Rosemary Santos;

Data: Em set./out. 2020

Fonte: a autora (2020)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Fiocruz lançou a sua Política de Preservação dos Acervos Científicos e Culturais em 2018, resultado do intenso trabalho de um grupo intra-institucional e multidisciplinar que definiu princípios, diretrizes e objetivos para assegurar a preservação e o acesso ao seu conjunto de acervos. Esta política é decorrente de um empreendimento vultoso de integração e gestão dos acervos da instituição – o *Preservo-Complexo de Acervos*, coordenado pela Casa de Oswaldo Cruz (COC).

Por conseguinte, este trabalho de pesquisa foi realizado tendo em vista a necessidade de salvaguardar o patrimônio audiovisual tutelado pelo ICICT e gerido pela VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz (VSD). E desse modo considerou-se fundamental realizar um exame das condições atuais como forma de preparar o acervo diante das ações institucionais que foram formalizadas com a implantação dessa política.

Deste modo, este estudo teve como objetivo geral a elaboração de um diagnóstico arquivístico do acervo da VSD visando o desenvolvimento de estratégias e boas práticas de sua preservação digital. Este trabalho levou em conta que o exame das condições atuais do acervo é uma medida fundamental para preparar a sua preservação digital.

O diagnóstico situacional realizado partiu de algumas definições sobre o formato e funções do instrumento onde ficou evidenciado que, de um modo geral, não há um modelo padrão que sirva para todo e qualquer acervo. Na discussão empreendida sobre diagnóstico, identificou-se que não há na literatura da área uma definição clara e precisa do significado de diagnóstico, embora sejam utilizados como instrumentos de ação em arquivos, bibliotecas e outras instituições congêneres. Há debates sobre o grau de fundamentação teórica em torno dos modelos de diagnóstico existentes. Os objetivos para seu emprego são muitos e variados: avaliação, análise, levantamento. Há também vários modelos apresentando estruturas informacionais mais ou menos amplas, a depender dos objetivos. De qualquer forma, para uma abordagem que leve em conta a

dimensão de gestão documental, o primeiro passo é a realização de um diagnóstico, no caso, arquivístico.

Entretanto, foi necessário preparar um instrumento de coleta de dados para propiciar a reunião de informações específicas visando a descrição do acervo. Desse modo, foi elaborado um formulário baseado especialmente na metodologia sugerida pelo *Manual de identificação de acervos documentais para transferência e/ou recolhimento aos arquivos públicos* do Arquivo Nacional, que se desdobra em três, ou seja, um contém o agrupamento das informações coletadas e os outros dois concentram a informação referente à cada conjunto documental.

O primeiro dos objetivos específicos propostos na pesquisa – apresentar um histórico de formação do acervo – foi realizado iniciando pela breve narrativa da constituição da unidade administrativa (ICICT) que abriga o setor (VideoSaúde) que coordena este acervo. Seu surgimento se deu em 1987 como um serviço denominado Núcleo de Vídeo para atender demandas da presidência da Fiocruz por registro das atividades da instituição. Porém, ao ser formalizado em 1988 é transferido para a estrutura administrativa do ICICT (à época SIC).

Este acervo, como vimos, se distingue em dois conjuntos documentais: arquivo e coleção. Visto que os registros documentais das ações institucionais apontaram para a ação de reunir a produção videográfica com o propósito de difundir informação, aparentemente a coleção começou a ser formada antes de se iniciarem as produções arquivísticas.

O segundo objetivo específico proposto foi caracterizar o acervo no que se refere aos formatos, suportes, volume e gêneros audiovisuais. Este acervo foi tratado pelos seus gestores, desde a primeira hora, com abordagem biblioteconômica na qual os vídeos são agrupados em prateleiras sem que houvesse a distinção de suas proveniências. Do mesmo modo, não se distinguiam as características dos conjuntos documentais de acordo com a sua natureza, se arquivística ou se coleção. Os formatos e suportes são comuns aos dois conjuntos, tanto analógico quanto digital. O volume registrado do sistema de informação do acervo dá conta de que o material arquivístico perfaz 47% do total do acervo enquanto que o material aglutinado na coleção diz respeito a 49%

do total (a diferença refere-se ao material separado para descarte). Os gêneros discursivos audiovisuais mais comuns estão relacionados com o documentário e os registros de eventos.

O terceiro objetivo específico refere-se a apresentar um histórico sobre as formas de organização, processamento técnico e medidas de preservação do acervo relacionadas ao acesso e distribuição de seu conteúdo. Os dois conjuntos documentais partilham das mesmas condições de armazenamento e cuidados de conservação, assim como nos aspectos de organização e catalogação no sistema de informações do Banco de Recursos Audiovisuais em Saúde (BRAVS). Assim, os conjuntos documentais somente são distinguidos a partir dos campos informacionais “produção” e “realização” relacionados na etapa “dados da produção” no referido sistema.

Ao ser catalogado no BRAVS, o item documental recebe uma codificação de acesso que determina o nível de disponibilidade ao conteúdo para usuário externo. Este mecanismo está relacionado aos itens da coleção que são regulados por Termos de Cessão de Direitos Autorais. Entretanto, os itens arquivísticos são enquadrados na restrição de acessos, mas apenas o material não editado (também conhecido como material bruto).

Esses códigos referentes aos níveis de acesso aos itens no sistema BRAVS se caracterizam assim: Acesso 0 e 1 são restritos aos administradores, essencialmente são materiais não editados e itens que não foram autorizados pelos seus responsáveis; Acesso 2 e 3 sem restrição aos usuários externos, são os itens disponíveis para cópias e/ou empréstimo.

Com o advento do vídeo digital, no início dos anos 2010, tem início uma busca por digitalização do acervo como medida de preservação visando a manutenção do acesso aos seus conteúdos. Essa busca foi combinada com diversas outras ações, como o registro de entidade custodiadora no CONARQ/AN, a participação nos grupos de trabalho do Preservo e do SIGDA/Fiocruz, tendo culminada na elaboração do quadro de arranjo arquivístico do acervo.

O *Plano de Preservação Digital* da VideoSaúde – cuja elaboração se deu na esteira desses estudos e experimentos – apresenta as ações que estão sendo

empreendidas visando organizar os objetos digitais do acervo além de desenhar novos fluxos de gestão relativamente ao digital, em constante ampliação. Quanto ao analógico, estuda-se meios tecnológicos e financeiros que possam favorecer a estruturação de um laboratório de digitalização de itens considerados de mais relevância.

Este trabalho partiu da hipótese de que era importante realizar um levantamento e uma boa descrição do acervo de modo a defender a sua preservação digital, tendo por base a *Política de Preservação dos Acervos Científicos e Culturais da Fiocruz*. Para tanto, essa investigação se debruçou sobre as dimensões de formação, crescimento e consolidação deste acervo, seguindo o propósito de conhecer para melhor planejar ações de preservação digital.

Para construir esse diagnóstico – que se ocupou da descrição da situação do acervo – a metodologia utilizada partiu de levantamento de informações em fontes primárias e secundárias: documentos sobre o acervo depositados na própria instituição, como regimentos, relatórios técnicos, manuais, projetos técnicos e planos de trabalho. O início se deu pela elaboração de um quadro composto por um levantamento de marcos históricos, tanto da instituição quanto da formação do acervo e suas práticas de organização.

Outros recursos que auxiliaram na elaboração do diagnóstico foram as gravações de vídeo feitas em 2009 com diversos personagens que contribuíram para a formação do acervo, entre eles destacam-se Áurea Pitta, Janine Cardoso, Homero Carvalho e Sérgio Brito. Estas gravações foram produzidas para compor um documentário que apresentou a história de 21 anos do acervo (Programa VídeoSaúde 21 anos) e foi dirigido por Sérgio Brito.

Não menos necessárias foram as informações coletadas diretamente com a equipe técnica atual que gerencia a manutenção do acervo. Diante de um cenário adverso, as informações acerca das características fundamentais deste acervo foram apuradas tendo por fonte o próprio sistema de informações BRAVS.

O cenário adverso está circunscrito à uma emergência sanitária provocada pela epidemia global denominada COVID-19 que teve início em

março de 2020 – forçando a uma rotina diferenciada registrada no Plano de Contingência da Fiocruz¹¹⁰ que recomendou, entre outros, o limite de acesso às dependências da instituição – e, todavia, permanece. Diante disso, houve dificuldades de toda sorte em manter um ritmo de buscas e elaboração dessa investigação. As limitações também se devem a outros fatores como a compreensão do BRAVS como um sistema de informações do acervo. Ou seja, a catalogação dos itens no BRAVS possui 45 campos divididos em nove etapas e – ainda que as buscas permitam o cruzamento dos campos – não necessariamente a informação que se quer pode ser conseguida. Um exemplo é a impossibilidade de se precisar o volume e os formatos separados pelos conjuntos documentais, visto que os formatos são comuns a ambos os conjuntos.

Outra questão que oferece uma certa confusão diz respeito ao modo como a catalogação dos itens foi realizada ao longo de sua trajetória. O número de registros (9.203) não necessariamente corresponde ao número de vídeos, ou seja, são itens do acervo, divididos entre os Acessos 0 e 1 (restrito à administração) e os Acessos 2 e 3 (abertos ao usuário). Essa constatação é especialmente referente à área restrita (Acesso 0) em que os itens registrados se referem ao material não editado (material bruto). Significa dizer que cada fita analógica de um mesmo projeto foi registrada como um item do acervo. À guisa de exemplo, a gravação do documentário “VideoSaúde 21 anos” ocupou nove fitas MINIDV, levando a compor dez registros no BRAVS (as nove fitas referentes à gravação e uma ao documentário finalizado).

Este processo se relaciona com os primórdios da organização desse acervo arquivístico – considerando a ausência de definição clara do acervo (essa noção de arquivístico e coleção é mais recente) -, mas também a própria área em si demorou para desenvolver a ideia de tratamento do gênero documental audiovisual (que durante bastante tempo foi considerado documento especial em função de se tratar de suporte não tradicional).

Deste modo, as produções se avolumavam na forma de fitas analógicas e um mesmo título poderia aparecer pelo volume correspondente ao número de

¹¹⁰ Ver em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-lanca-plano-de-contingencia-para-covid-19>

fitas gravadas resultado de um mesmo documento audiovisual. Com o fim da produção analógica, este fundamento está sendo substituído pela organização da informação através do quadro de arranjo, conforme o princípio de descrição multinível orientada pela ISAD(G).

Os resultados deste levantamento demonstram que a VideoSaúde se propôs a ser um acervo – à princípio sem uma definição clara de suas características, se de arquivo, biblioteca ou museu -, mas se aproximando mais de um centro de documentação audiovisual, por concentrar um leque variado de títulos de vídeos reunidos pela temática da saúde pública.

Para finalizar, é importante recomendar que este acervo seja objeto de análise constante e que pesquisas futuras possam aprofundar temas como o conteúdo dos vídeos, sua marca na Fiocruz e na história da saúde pública brasileira e o impacto das transformações na saúde coletiva ao longo do tempo. Assim como outros temas mais específicos relativos às mudanças tecnológicas, a exemplo das questões do documento audiovisual digital – os representantes digitais ou os nato digitais – carecem de elaboração de processos técnicos especialmente no que tange à metadados de preservação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. F. I.; VITORIANO, M. C. C. P. Diagnóstico de arquivos e mapeamento da informação: interlocução da gestão documental com a gestão da informação. **Em Questão**, v. 24, n. 3, p. 68 – 95, 2018. Acesso em: 02 jun. 2020.

AMANCIO, Tunico. Pacto cinema - Estado: os anos Embrafilme. **Alceu**, v.8, n.15, p. 173 - 184 - jul./dez. 2007. Disponível em: http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/Alceu_n15_Amancio.pdf. Acesso em: 18 mar. 2020.

ARAÚJO, Inesita; CARDOSO, Janine. **Comunicação e Saúde**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007. 148 p. (Coleção Temas em Saúde.)

ARQUIVO NACIONAL (AN). **Identificação de documentos em arquivos públicos**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional/Ministério da Justiça, 1985. 36 p.

ARQUIVO NACIONAL (AN). **Manual de identificação de acervos documentais para transferência e/ou recolhimento aos arquivos públicos**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional/Ministério da Justiça, 1985. 80 p.

ARQUIVO NACIONAL (AN). **Orientação para avaliação e arquivamento intermediário em arquivos públicos**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional/Ministério da Justiça, 1985. 32 p.

AZEVEDO, Otto Santos de. **A reforma sanitária no Brasil**: um estudo do Proposta – Jornal da Reforma Sanitária/RADIS/Fiocruz (1987-1994). 2016. 128 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, 2016.

BRAGA, Marcela M., RONCAGLIO, Cynthia. Os usos do termo diagnóstico na literatura arquivística. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 390 - 413, jan./abr. 2019.

BRITO, Sérgio; PITTA, Áurea; CARDOSO, Janine; TEIXEIRA, Homero. Programa sobre os 21 anos de existência da VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz: sua história e personagens. Neide Diniz (repórter/mediadora). Fundação Oswaldo Cruz/Distribuidora VídeoSaúde. 04 mar. 2013. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JkW23eGq2Ic&t=1152s_ Acesso em: 05 mar. 2021.

BUARQUE, Marco Dreer. Preservação digital de documentos audiovisuais. In: **SEMINÁRIO ONLINE PRESERVAÇÃO DIGITAL DE ACERVOS**. Produção: Casa de Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro: COC/Fiocruz, 2020 (02h 47min 34s). Disponível: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/41778>. Acesso em: 20 jan 2021.

CAMARGO, Ana Maria de A.; BELLOTTO, Heloísa. L. (Coord.). **Dicionário de terminologia arquivística**. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 1996. p.24

CARDOSO, Janine Miranda. Comunicação e saúde: desafios para fortalecer o SUS, ampliar a participação e o controle social. In: BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Conselho Nacional de Saúde. **Coletânea de comunicação e informação em saúde para o exercício do controle social**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2006. p 45 – 55. (Série F. Comunicação e Educação em Saúde)

CARDOSO, Janine Miranda. **Núcleo de Vídeo/CICT/FIOCRUZ**: uma experiência de informação e comunicação em saúde. 1994. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização IBICT/UFRJ). Rio de Janeiro, 1994.

CARDOSO, Janine Miranda. **Entrevista concedida a Sergio Brito**. Rio de Janeiro, 2009. [A entrevista encontra-se gravada para compor um documentário sobre a História da VSD, em 2009].

CARVALHO, Homero T.; SANTOS, Tania C. P. dos. Uma oficina para o audiovisual em saúde: relato de uma experiência. **RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde**. Rio de Janeiro, v.5, n.2, p.92 - 98, jun., 2011. Disponível em: <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/560/1202#>>
Acesso: 21 dez. 2020

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS (CONARQ). ISAD(G): **Norma geral internacional de descrição arquivística**. 2.ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2000. 119 p. Disponível em: http://conarq.gov.br/images/publicacoes/textos/isad_g_2001.pdf Acesso em: 25 jan. 2021.

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS (CONARQ). **Norma Brasileira de Descrição Arquivística**: Nobrade. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Arquivos, 2006. 124 p.

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS (CONARQ). **Resolução nº 28, de 17 fevereiro de 2009**, dispõe sobre a adoção da Norma Brasileira de Descrição Arquivística - NOBRADE pelos órgãos e entidades integrantes do Sistema Nacional de Arquivos - SINAR, institui o Cadastro Nacional de Entidades Custodiadoras de Acervos Arquivísticos e estabelece a obrigatoriedade da adoção do Código de Entidades Custodiadoras de Acervos Arquivísticos - CODEARQ. Disponível em: [Resolução nº 28, de 17 de fevereiro de 2009 — Português \(Brasil\) \(www.gov.br\)](#). Acesso em: 12 dez. 2020.

CORNELSEN, Julce. NELLI, Victor. Gestão integrada da informação arquivística: o diagnóstico de arquivos. **Arquivística.net**, Rio de Janeiro, v.2, n. 2, p 70 - 84, ago./dez. 2006.

D'AVILA, Cristiane; TRIGUEIROS, Umberto (Org.). **Comunicação, mídia e saúde**: novos agentes, novas agendas. Rio de Janeiro: Luminatti Editora, 2017. 250 p.

FAUSTO NETO, A. *et al.* **Avaliação da VideoSaúde Distribuidora**. Rio de Janeiro: VideoSaúde Distribuidora. 1997. 51 p.

FERNANDES, Juçara Palmeira. **Patrimônio audiovisual em saúde no Brasil**: Manual de tratamento do acervo da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. 149 f. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde). Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2019.

FERREIRA, Lucienne, MELO, Denise. Diagnóstico de arquivos: instrumento de ação efetiva na gestão documental. **I FÓRUM INTERNACIONAL DE ARQUIVOLOGIA** – UEPB – Campus V - João Pessoa, 25 a 27 de novembro de 2008.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. CASA DE OSWALDO CRUZ. DEPARTAMENTO DE ARQUIVO E DOCUMENTAÇÃO. **Fundo Presidência: Caixa 170, Maço 06**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Padrão de metadados de documentos arquivísticos digitais da Fundação Oswaldo Cruz** – Manual de aplicação para a fase produção de documentos. Fiocruz/Sigda: Rio de Janeiro: SIGDA/FIOCRUZ, 2020.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Política de Preservação dos Acervos Científicos e Culturais da Fiocruz**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2020. 72 p. Disponível em <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/44749>> Acesso em 10 abr. 2021.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). Política de Comunicação da Fiocruz. Rio de Janeiro: Fiocruz/Presidência, 2016. 40 p.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). Relatório de atividades. Rio de Janeiro: CICT/FIOCRUZ, 2017, p.7

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). Programa Integrado de Comunicação e Informação da Fiocruz. Rio de Janeiro, 2003. 34 p.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). Relatório de atividades. Rio de Janeiro: CICT/FIOCRUZ, 1998.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). Relatório de atividades. Rio de Janeiro: CICT/FIOCRUZ, 1997. p.7

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). Relatório de atividades. Rio de Janeiro: CICT/FIOCRUZ, 1996.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). Relatório de atividades. Rio de Janeiro: CICT/FIOCRUZ, 1995.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). Relatório de atividades. Rio de Janeiro: CICT/FIOCRUZ, 1994.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). Relatório de atividades. Rio de Janeiro: CICT/FIOCRUZ, 1990.

GARCIA, Mônica. **Gestão de acervos de periódicos internacionais na área da saúde subsídios para uma política de aquisição**. 2014. 106 f. Dissertação (Mestrado em Informação e Comunicação em Saúde) - Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/14369> Acesso: 10 abr. 2021

INSTITUTO DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA EM SAÚDE (ICICT). **Manual Organizacional ICICT**, aprovado em Assembleia Geral, dia 14/08/2013. Rio de Janeiro: ICICT, 2013.

THE INTERNATIONAL ASSOCIATION OF SOUND AND AUDIOVISUAL ARCHIVES (IASA), **No time to wait**. Disponível em: <http://www.mtap.iasa-web.org/es.html> Acesso em: 09 dez. 2020.

MORAES, Alice Ferry. **O uso de estratégias na transferência de informações nos vídeos em saúde**. Rio de Janeiro: IBICT, ECO/UFRJ, 2003. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/669>. Acesso: 16 dez. 2020.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

PINHEIRO, Marcos José de Araújo; COELHO, Carla Maria Teixeira. Políticas de preservação institucionais da Fiocruz: desafios e conquistas recentes. In: X Seminário Internacional de Políticas Culturais. 2019. Rio de Janeiro. **Anais do X Seminário Internacional de Políticas Culturais**. RJ: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2019, p. 1736-1749. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11997/16423> Acesso: 10 abr. 2021.

PITTA, Aurea Maria da Rocha. **VideoSaúde 25 anos: um pouco de sua história e de seu ethos, 2013**. Disponível em: <http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/4299444.pdf?1369138076> Acesso: 30 ago. 2020.

RIBEIRO, Antonio José Marinho. **Instrumento de gestão para acompanhamento dos projetos de pesquisas: caso CICT/Fiocruz**. 2004. 108

f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Ciência e Tecnologia em Saúde) - Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2004.

SANTOS, Vanderlei Batista dos. Gestão de documentos arquivísticos eletrônicos: o caminho percorrido pela administração pública brasileira (Digital records management: the trail of the Brazilian Government) - DOI: 10.5752/P.2237-8871.2013v14n20p9. **Cadernos de História**, v. 14, n. 20, p. 9-31, 30 abr. 2013.] Acesso: 21 abr.2021

SANTOS, Henrique Machado dos; FLORES, Daniel. Modelo lógico da informação no *Open Archival Information System*: uma reflexão arquivística sobre o pacote de informação para arquivamento. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 10, n. 1, p. 23-38, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/46433/30058> Acesso: 03 mar. 2021.

SANTOS, Paula Xavier et al. Política de Acesso Aberto ao Conhecimento da Fiocruz. **RECIIS – Rev. Eletron. de Comun. Inf. Inov. Saúde**. Rio de Janeiro, v. 8, n.2, junho, p.210 - 226, 2014.

SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves da. **Iniciativa Legatum**: Acesso remoto e preservação digital do patrimônio audiovisual custodiado por arquivos de instituições brasileiras e de outros países de idiomas de origem latina. UFBA/ICI/PPGCI: Salvador, 2019. 152 p. Relatório Final (março de 2016 a fevereiro de 2019).

TESSITORE, Viviane. **Como implantar Centros de Documentação**. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial, 2003. 52 p. (Projeto como fazer, n.09)

TORRES, Rodrigo Murinho de Martinez. Múltiplas configurações de TVs públicas no Brasil – um estudo preliminar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31, 2008, Natal. **Anais [...]**. Natal: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2008.

TRIGUEIROS, Umberto. Ict 30 anos: um novo olhar para comunicação e a informação. **Revista Inova**. Edição Especial 30 anos, 2016. Disponível em: Inova Ict - Especial 30 anos | ICICT | Fiocruz. Acesso: 22 fev. 2020.

ANEXO 1

Criação da Superintendência de Informação Científica (SIC)

Fonte: Arquivo DAD/COC, Coleção História Administrativa.

DJ. 1986-04-07

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - FIOCRUZ	NUMERO 047/86-PR	
ATO DA PRESIDÊNCIA	FL. 01	VL. 01
	ENTRADA EM VIGOR 07.04.86	
	SIGILO Não	

O Presidente da Fundação Oswaldo Cruz, no uso de suas atribuições,

R E S O L V E :

1.0 - PROPÓSITO

Criar a Superintendência de Informação Científica da Fundação Oswaldo Cruz.

2.0 - OBJETIVO

Dirigir, coordenar e supervisionar as atividades relacionadas com a preservação, processamento e divulgação de informação científica necessárias ao desenvolvimento das ações da Fundação Oswaldo Cruz.

3.0 - ESTRUTURA

A Superintendência de Informação Científica da Fundação Oswaldo Cruz terá a seguinte estrutura:

- 1) Superintendente da Unidade;
- 2) Gerência de Apoio Administrativo;
- 3) Bibliotecas;
- 4) Centro de Informações para Saúde;
- 5) Setor de Multi-Meios.

4.0 - VIGÊNCIA

O presente ATO tem vigência a partir de 07.04.86.

A. H. Arouca
PROF. ANTONIO SÉRGIO DA SILVA AROUCA

Kenneth

/mcap.-

CARGO	DISTRIBUIÇÃO GERAL	DATA 03 / 04 / 86	ASSINATURA
-------	-----------------------	----------------------	------------

ANEXO 2

Criação do Núcleo de Vídeo

Fonte: DAD/COC, Coleção História Administrativa.

05.1988.05.201A

	FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - FIOCRUZ	NUMERO 054/88-PR	
	ATO DA PRESIDÊNCIA	FL. 01	DE 01
		ENTRADA EM VIGOR 20.05.88	
		SIGILO Não	
<p>O Presidente, no uso de suas atribuições,</p> <p>R E S O L V E:</p>			
<p>1.0 - <u>PROPÓSITO</u></p> <p>Criar o Núcleo de Vídeo vinculado ao Centro de Informações para Saúde da Superintendência de Informação Científica.</p>			
<p>2.0 - <u>OBJETIVOS</u></p> <p>2.1 - Implantar, no sentido de subsidiar atividades na área de Saúde, um acervo referência de materiais em vídeo, e materiais afins — filme e áudio — partindo da produção interna da Instituição e de cópias de material disponível no país.</p> <p>2.2 - Fornecer assessoria aos diversos setores da FIOCRUZ no que se refere à produção, difusão, utilização e preservação de materiais em VT, filme e áudio.</p> <p>2.3 - Produzir, de acordo com as necessidades específicas da FIOCRUZ e as possibilidades no Núcleo, materiais em vídeo filme e áudio.</p> <p>2.4 - Desenvolver atividades que possam contribuir com a discussão relativa à utilização de materiais em vídeo, filme e áudio nas áreas de informação, educação popular, pesquisa, ensino técnico e pós-graduação e ainda, ao papel na mídia eletrônica de massa na disseminação de conceitos relacionados aos fatores determinantes do processo saúde — doença.</p>			
<p>3.0 - <u>VIGÊNCIA</u></p> <p>O presente ATO tem vigência a partir de 20.05.88.</p>			
<p><i>Antônio</i></p> <p>PROF. ANTONIO SÉRGIO DA SILVA AROUCA</p> <p><i>Antônio</i> 07.06.88</p>			
/mcap.-			
CANCELA	DISTRIBUIÇÃO GERAL	DATA 09 / 05 / 88	ASSINATURA

ANEXO 3

Cartaz de divulgação 1ª Mostra de vídeo da Fundação Oswaldo Cruz

Fonte: DAD/COC, Fundo Presidência: Caixa 170, Maço 06.

1ª

**MOSTRA DE
VÍDEO DA
FUNDAÇÃO
OSWALDO CRUZ**

**6 e 7 de
dezembro de
1988**

Auditório do INCQS
Auditório Walter Oswaldo Cruz
Pavilhão Carlos Chagas
Av. Brasil, 4365 — campus de Manguinhos

Informações: Coordenadoria de Comunicação Social
Tels.: 270-1738 e 280-8787 — R. 318/319

Realização:
Coordenadoria de Comunicação Social
Núcleo de Vídeo / Superintendência de Informação Científica — SIC


Casa de Oswaldo Cruz

Agência Cultural: SPCOC — L. 11.117/79

ANEXO 4

Prospectos de divulgação Curso de Aperfeiçoamento em C&S



Ministério da Saúde
Fundação Oswaldo Cruz
ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA

**CURSO DE APERFEIÇOAMENTO
EM COMUNICAÇÃO E SAÚDE**

04 a 29 de outubro

CURSO DE APERFEIÇOAMENTO EM COMUNICAÇÃO E SAÚDE

30 de maio a 27 de junho



Coordenação de Programas e Projetos em
Ciências Humanas (CPCH/CFCH)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)



Ministério da Saúde
Fundação Oswaldo Cruz
Centro de Informação Científica e Tecnológica
Escola Nacional de Saúde Pública

**CURSO DE APERFEIÇOAMENTO EM
COMUNICAÇÃO E SAÚDE**

Coordenadores: Aurea Maria da Rocha Pitts — Cict— Ensp
Homero Teixeira de Carvalho — Cict/Ensp

OBJETIVO

O curso visa a capacitação de profissionais que atuam em comunicação na área da saúde ou correlatas, visando fornecer subsídios para a avaliação das práticas e elaboração de propostas institucionais.

DESCRIÇÃO

O curso será desenvolvido em tempo integral, através de aulas expositivas, análise de textos selecionados e discussão dos assuntos tratados. Sua realização resulta da integração entre a Ensp e o Centro de Informação Científica e Tecnológica — Cict/Fiocruz.

O curso é composto de 05 (cinco) módulos com o seguinte conteúdo programático:

MÓDULO I — O Estado brasileiro e a incorporação das demandas sociais. Indicadores sociais de saúde da população brasileira. Os princípios que orientam o processo de organização do Sistema Único de Saúde. O acesso à informação como estratégia para a construção da cidadania e a transformação do modelo de atenção à saúde.

MÓDULO II — Os modelos comunicacionais e a difusão de políticas públicas. Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC), cultura e processos espaciais. Marketing e ética na saúde.

MÓDULO III — Educação em saúde: concepções de saúde e doença, educação e saúde, do ponto de vista histórico, filosófico e político. Apreciação crítica dos Sistemas de Informações em Saúde existentes. Informação, Educação e Comunicação em Saúde como ações integradas.

MÓDULO IV — As políticas e planos anuais de comunicação em saúde: análise da coerência com os novos modelos em saúde e comunicação.

MÓDULO V — Trabalho final com base na bibliografia do curso ou desenvolvimento de projeto. Estes trabalhos serão considerados para avaliação do aproveitamento do curso. A avaliação será feita pela Coordenação com assessoria do corpo docente.

MÓDULO ESPECIAL — Mesa-redonda sobre tema do curso.

CIENTELA

Profissionais de nível superior ligados à área de comunicação e saúde.

Nº de Vagas: 20 (vinte)

REGIME E DURAÇÃO

Duração: 04 (quatro) semanas

Carga Horária: 160 horas

Horário: 8:00 às 17:00 (tempo integral)

INSCRIÇÃO

Início: 19/07/93

Término: 27/08/93

A inscrição será feita por correspondência ou pessoalmente na Secretaria Acadêmica da Ensp, mediante o preenchimento da ficha de inscrição anexa, acompanhada da documentação requerida.

SELEÇÃO

Será feita com base na avaliação do *curriculum vitae*, da carta de intenção e da adequação e importância do curso para as atividades profissionais do candidato.

Resultado da seleção: 20/09/93

MATRÍCULA

Início: 27/09/93

Término: 30/09/93

Os candidatos selecionados deverão:

1. Preencher o formulário fornecido pela Secretaria Acadêmica.
2. Apresentar duas fotografias 3 x 4.
3. Apresentar fotocópia da certidão de casamento (caso haja mudança de nome).

BOLSAS DE ESTUDO

O curso não oferece bolsas.

CERTIFICADO

A Ensp outorgará certificado aos alunos que cumpram os requisitos do seu Regulamento de Ensino.

INFORMAÇÕES

Na Secretaria Acadêmica da Ensp (endereço na ficha) ou com os Coordenadores do Curso.
Tel: (021)280-9441.

Código CCSAp83

FICHA DE INSCRIÇÃO

CURSO DE APERFEIÇOAMENTO EM COMUNICAÇÃO E SAÚDE

NOME: _____

DATA NASC.: _____ SEXO: _____ EST. CIVIL: _____

ENDEREÇO: Rua: _____ CEP: _____ Estado: _____

TEL.: _____ FAX: _____ Cidade: _____

TÍT.GRADUAÇÃO: _____ ANO: _____

INSTRUMENTO DE TRABALHO: _____

ANEXO 5

Documento de Cessão de Direitos

Fonte: Política de Acesso Aberto ao Conhecimento da Fiocruz



CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS

Eu, infra-assinado e qualificado, autor e/ou legítimo titular dos direitos autorais sobre a obra autoral descrita abaixo, cujo título é _____

denominada aqui e adiante simplesmente de OBRA, em consonância com a "Política de Acesso Aberto ao Conhecimento da Fiocruz", **CEDO** e **TRANSFIRO**, total e gratuitamente, à **FIOCRUZ - FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ**, em caráter permanente, irrevogável e **NÃO EXCLUSIVO**, todos os direitos patrimoniais **NÃO COMERCIAIS** de utilização da obra artística e/ou científica indicada acima, inclusive os direitos de voz, imagem e conexos vinculados à OBRA, durante todo o prazo de duração dos direitos autorais e conexos, em qualquer idioma e em todos os países, de acordo com os Termos e Condições desta Cessão, restando claro que são devidos os respectivos créditos autorais em todas as utilizações da OBRA e que o exercício pela **FIOCRUZ - FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ** dos direitos aqui cedidos se iniciará:

(marque somente uma das opções abaixo)

imediatamente, a partir desta data

a partir de _____ meses a contar desta data.

a partir de data futura a ser posteriormente informada, uma vez que a OBRA está em estudo de patenteamento ou sob sigilo, entretanto, **CEDO** e **TRANSFIRO**, a partir desta data, os direitos sobre os dados descritivos - autor, orientador, programa, título, ano, resumo - da obra, de acordo com os Termos e Condições desta Cessão.

Rio de Janeiro, ___ de _____ de 20___

NOME e ASSINATURA DO(A) AUTOR(A)

DADOS DO AUTOR	DESCRIÇÃO DA OBRA
Nome: CPF ou CNPJ: Endereço completo: Telefone: E-mail:	A OBRA, objeto desta Cessão de Direitos é (marque somente uma das opções abaixo) <input type="checkbox"/> artigo científico <input type="checkbox"/> livro <input type="checkbox"/> trabalho, apresentação, palestra em congresso, simpósio, seminário, encontro, mesa, etc. <input type="checkbox"/> Audiovisual <input type="checkbox"/> Recurso Educacional <input type="checkbox"/> Tese, Dissertação ou Monografia <input type="checkbox"/> outros _____

ANEXO 6

Template do BRAVS

ICICT Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde		VideoSaúde - Distribuidora da Fiocruz	
BRAVS	Categoria Títulos	Título	Busca
 <p>Av. Brasil 4335 casa 5120-05 - CEP: 21040-361 - Mangueiras - Rio de Janeiro - Brasil Telefone: (21) 2200-1743 / Telefax: (21) 2062-9100/1249118147 E-Mail: videosaude@icict.fiocruz.br</p>			
<p>Sua sessão expira em: 09:00:2021 13:27:41</p> <p>Rio de Janeiro, Terça 09 de março de 2021</p>		<p>Usuário: ROSEMARY SANTOS</p> <p>Editar Títulos</p>	
<p>Código da fila: <input type="text" value="313301"/></p>			
<p>Dados do título</p>			
<p>Tipo título: <input type="text" value="ORIGINAL"/></p>			
<p>Título: <input type="text" value="CHAGAS EM LASSANCE"/></p>			
<p>Local de Produção</p>			
<p>País: <input type="text" value="SELECIONE"/></p>			
<p>UF: <input type="text"/></p>			
<p>Cidade: <input type="text"/> Inserir Cidade</p>			
<p>Dados de produção</p>			
<p>Ano de Produção: <input type="text" value="1910"/></p>			
<p>Produção:</p> <p>CASA DE OSWALDO CRUZ (CDC) / FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ) ✕</p> <p><input type="text" value="REDCRE - Nome (Dr. MARTINS, João) para impressão Titulo"/></p>			
<p>Realização:</p> <p>CASA DE OSWALDO CRUZ (CDC) / FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ) ✕</p> <p><input type="text" value="REDCRE - Nome (Dr. MARTINS, João) para impressão Titulo"/></p>			
<p>Direção:</p> <p><input type="text" value="REDCRE - Nome (Dr. MARTINS, João) para impressão Titulo"/></p>			
<p>Equipe Realizadora</p> <p>Função: <input type="text" value="SELECIONE"/> Professor: <input type="text" value="REDCRE - Nome (Dr. MARTINS, João)"/></p>			
<p>Descrição Física</p>			
<p>Matriz Original</p> <p>Material: <input type="text" value="SELECIONE"/> Formato: <input type="text" value="SELECIONE"/></p>			
<p>Matriz Acesso</p> <p>Material: <input type="text" value="VÍDEO E DISCO MAGNÉTICO"/> Formato: <input type="text" value="VHS"/></p>			
<p>Quantidade: <input type="text" value="1"/></p>			
<p>Sistema de Cor: <input type="text" value="PALM-G"/> Incluir Sistema de Cor</p>			
<p>Característica de Cor: <input type="text" value="PRETO & BRANCO"/></p>			

ANEXO 7

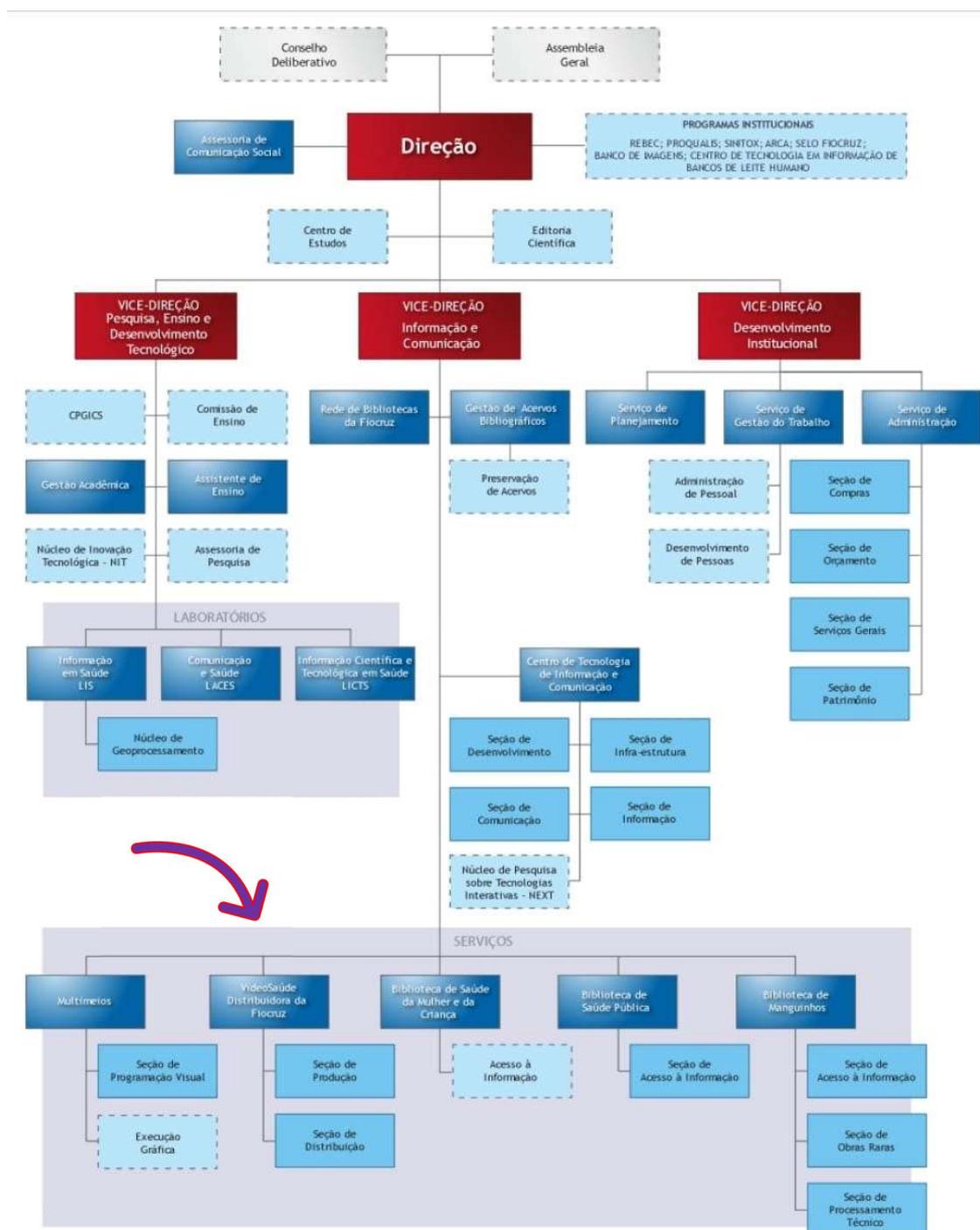
Organograma da Fiocruz (destaque para a posição do ICICT) – maio 2021:



Fonte: <https://portal.fiocruz.br/organograma>

ANEXO 8

Organograma do ICICT (maio 2021):

Fonte: <https://www.icict.fiocruz.br/organograma>

APÊNDICE

VIDEO: **VIDEOSAÚDE 21 ANOS** - – tempo 23:14

<https://www.youtube.com/watch?v=JkW23eGq2lc&t=269s>

[Apresentadora – Neide Diniz]: Este é mais um programa da VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz. Hoje vamos contar a nossa história. VideoSaúde Distribuidora 21 anos promovendo informação audiovisual em saúde.

[Apresentadora – Neide Diniz]: O Núcleo de Vídeo da Fiocruz, onde nasceu a VideoSaúde Distribuidora, surgiu a partir do movimento pela reconquista da democracia nos anos 80 do século XX.

[Ilma Noronha – coordenadora da Rede de Bibliotecas Fiocruz]: O núcleo de vídeo, ele surge de um grande movimento nacional que foi o fim da ditadura militar no país; criação de um processo democrático na Fiocruz que tem como resultado a indicação de Sérgio Arouca para presidência. E com o Arouca vem, então, todo esse aparato democrático institucional com a criação dos conselhos, da participação da sociedade e conseqüentemente de um vigoroso projeto de informação e comunicação

[Umberto Trigueiros - diretor do ICICT]: Aquele foi um momento de resgate de um papel que a Fiocruz tinha tido no passado de documentar visualmente as ações de saúde e os problemas de saúde dos brasileiros.

[Áurea Maria da Rocha Pitta -- sanitarista]: A VideoSaúde, ela foi um projeto provocador. Ela, em si, ela foi concebida para ser uma proposta de trabalho com comunicação pública, diferente do que a instituição Fundação Oswaldo Cruz estava acostumada a desenvolver.

[Tania Santos – chefe da VideoSaúde]: O Núcleo de Vídeo na verdade ele foi criado em 88. Imagina, era completamente escasso, faltava muita coisa, faltava eletricidade, fiação, faltava refrigeração para o acervo, porque já tinha acumulado um grande número de material, inclusive dentre eles está todo o material da Oitava Conferência, que surge, que já vem pra cá com esse material. Então o acervo vai se constituindo desse acervo que já tinha na comunicação e saúde.

[Janine Cardoso – pesquisadora do Laces/Icict/Fiocruz]: A VideoSaúde e acho que esse foi um outro diferencial muito importante, quando começou a produzir, começou também a mapear o que já havia na Fiocruz produzido, à princípio para que isso desse um parâmetro da sua própria produção, que racionalizasse a produção. Então, se tem alguma coisa já produzida, não vamos produzir dessa mesma forma privilegiando os mesmos aspectos. Então, a partir daí a VideoSaúde, a partir de uma videoteca despretensiosa, ela começou a se constituir o campo da circulação, da distribuição de materiais. Começou a aparecer como um campo estratégico e fundamental, eu diria não só para a comunicação e saúde, mas pra comunicação de uma maneira geral. Se a gente produz, mas não se dá a ver, isso tem a ver com a questão da Conferência Nacional de Comunicação, é como se não existisse. Então, a democracia, ela não se realiza porque tem mais gente produzindo. Se essa produção não circula em igualdade de condições é como se as pessoas não estivessem produzindo. Então, acho que é absolutamente estratégico e fundamental o trabalho de mapeamento e circulação que a VideoSaúde proporciona.

[Tania Santos – chefe da VideoSaúde]: Então aí eles instituem a VideoSaúde Distribuidora, com marca registrada no INPI, no Ministério da Cultura, que dá mesmo assim o formato à Distribuidora como uma distribuidora oficializada que poderia estar fazendo aquelas atividades, entendeu? Na verdade, eles vêm marcar o espaço da VideoSaúde. A VideoSaúde, enquanto registro, enquanto criação, ela é criada em 92.

[Áurea Maria da Rocha Pitta - sanitarista]: A grande *sacação* da equipe que criou a Distribuidora foi fazer com que a Distribuidora, ao invés de dar voz à Fundação Oswaldo Cruz, aos seus pesquisadores e aos projetos de pesquisas desenvolvidos na instituição, ao saber institucional, ela, a grande *sacação* foi que a Distribuidora começou a trazer a voz da sociedade pra dentro desse acervo a ser distribuído.

[Sergio Brito – coordenação de produção]: Era pensar construir a distribuidora que pudesse ser, não um centro, mas um polo que pudesse ser, um polo que negociasse esse intercâmbio, que possibilitasse o incentivo à circulação de materiais para o Sistema Único de Saúde, especialmente. Mas, principalmente, que falasse com a sociedade e que a gente pudesse, com esse trabalho estimular, não só a circulação para ocupar as telas disponíveis e tal, os espaços e as janelas todas, mas, fundamentalmente que a gente pudesse negociar futuras produções.

[Apresentadora Neide Diniz]: No próximo bloco, mais histórias da VideoSaúde.

[Vinheta: Estamos apresentando VideoSaúde] / [Vinheta: Voltamos a apresentar VideoSaúde]

[Apresentadora – Neide Diniz]: VideoSaúde 21 anos, a história continua.

[Sergio Arouca - trecho do discurso durante a VIII Conferência Nacional de Saúde (*in memoriam*)]: Eu acho que nós temos que aprender a viver com a diversidade, nós temos que aprender a viver com o coletivo e vai ser na diversidade, vai ser no coletivo é que nós vamos construir nosso projeto. Imaginando que na construção disso, muitas vezes nós vamos errar, mas nunca vamos errar o caminho que aponta para a construção de uma sociedade brasileira mais justa.

[Apresentadora Neide Diniz]: A oitava conferência nacional de saúde foi a expressão máxima do engajamento de lideranças comunitárias, sindicais, religiosas e acadêmicas das questões relativas a saúde pública.

[Janine Cardoso – pesquisadora do Laces/ICICT/Fiocruz]: A oitava conferência nacional de saúde, ela forneceu régua e compasso, não só pra área da comunicação e saúde, mas eu acho que pra todo processo de repensar a saúde no país, como direito, enfim, integral, com participação popular, isso os princípios do SUS, ou de uma maneira mais ampla, o projeto da Reforma Sanitária implicou uma revisão de todas as práticas até então em curso na saúde e até mesmo na forma de se pensar saúde.

[Áurea Maria da Rocha Pitta - sanitarista]: O quê que no campo da saúde pública acontecia, nesse momento da constituinte que foi em 88 e desde a VIII Conferência Nacional de Saúde que foi uma conferência pré-constituinte – o conceito de saúde, da visão biomédica estrita, saúde como ausência de doença no corpo transitava para um conceito ampliado de saúde, saúde como resultado e como expressão de condições de vida, de acesso à renda, trabalho e condições e qualidade de vida pra população. Então esse conceito ampliado de saúde começou a ser vocalizado a partir da oitava conferência nacional de saúde. Foi um momento de expressão do que vivia represado na sociedade há muitos anos, as suas necessidades básicas que eram necessidades sociais.

[Ilma Noronha – coordenadora da Rede de Bibliotecas Fiocruz]: E avalio que houve de lá pra cá uma grande revolução institucional, não só na Fiocruz, mas na saúde com a entrada dos processos de comunicação com entendimento da necessidade de dar voz à população. Enfim, eu acho que foi um processo não tão longo pelo tamanho, pela dimensão que ele tem, enquanto um processo democrático instaurado na saúde brasileira, exatamente junto com a criação do Sistema Único de Saúde. Eles caminharam lado a lado e amadurecem lado a lado.

[Áurea Maria da Rocha Pitta - sanitarista]: A transformação da própria unidade ICICT em uma unidade finalística, em unidade de ensino e pesquisa, como é hoje, eu acho que ela foi muito ajudada por esse movimento da problematização do campo da comunicação. Ao mesmo tempo, o perfil dessa unidade ICICT, com o crescimento da produção audiovisual do acervo e do papel da VideoSaúde distribuidora dentro da unidade, com toda problematização acadêmica, teórica e política que ia se constituindo junto do produto, foi fazendo com que a unidade começasse a ir se redesenhando em termos das mídias que ela comportava. Com esse movimento, então, se fortalece a área audiovisual do ICICT, que agora se associa a uma produção tradicional do ICICT, que são as bibliotecas, e ao mesmo tempo a área de informática, que é uma área estratégica hoje em qualquer instituição. E essas três áreas passam a conversar entre si e a potencializar o que hoje é uma unidade de informação e comunicação, mas de um perfil técnico-científico.

[Paulo Gadelha – presidente da Fiocruz]: Eu diria que junto ao que representou, por exemplo o rádio, e continua ainda tendo um papel muito importante, esse trabalho de acessibilidade da questão visual hoje e do vídeo, passa a ser central num dos esforços de consolidação do SUS. Então, o pessoal está de parabéns. Parte da história são constitutivas dessa história de uma maneira muito significativa. A evolução, do ponto de vista, não só de concepção, de profissionalização, mas de institucionalização dessa área na Fiocruz, e também no seu papel como protagonista em outros fóruns, inclusive na Conferência Nacional de Saúde, a gente via claramente durante os trabalhos, durante a preparação e durante todo o desenrolar das conferências, a presença do pessoal lá, interagindo, produzindo. Então é muito interessante e realmente a relação entre produção e distribuição se constituiu de uma maneira muito exemplar nessa experiência.

[Apresentadora – Neide Diniz]: O funcionamento do Núcleo de Vídeo dependia, em primeiro lugar, da formação e um acervo de vídeos para distribuição à sociedade.

[Homero Teixeira de Carvalho – Coordenador executivo do Selo Fiocruz Vídeo]: A VideoSaúde constituiu de um acervo que é o centro de todas as suas atividades. Esse acervo que é, desde a criação da distribuidora, disseminado no país todo através de cópias pedidas pelos usuários. Ele também, há 10 anos, é usado como material de base para criação de programas de televisão, que são gravados para o Canal Universitário do Rio de Janeiro e disseminado por outras televisões públicas. Mais recentemente a criação do Selo Fiocruz Vídeo, que procura disseminar, tornar esse acervo mais próximo dos usuários, à preços módicos, em cópias em DVD, e estimula a produção independente de vídeos sobre saúde.

[Pauliran Araújo de Freitas – coordenação técnica]: E a gente viu que tinha essa necessidade de a gente criar uma coisa nossa, para apresentar aqueles vídeos e ajudar na disseminação desse acervo, que a VideoSaúde foi crescendo, foi crescendo.

[Apresentadora – Neide Diniz]: Podemos dar um salto no tempo, desde o modesto início do Núcleo de Vídeo para a área atual do acervo que abriga mais de 4 mil títulos.

[Neide Mascarenhas- atendimento ao usuário]: A VideoSaúde tem cerca de 4.500 usuários cadastrados, entre eles instituições de saúde como universidades, secretarias de saúde, prefeituras, associações e ongs. Até hoje já fizemos mais de 75 mil cópias, isso dá uma média de mais de 3.500 cópias por ano.

[Apresentadora – Neide Diniz]: O principal instrumento para ampliação do acervo da VideoSaúde são as mostras nacionais de vídeo criadas a partir de 1992 e abertas à participação de produtores independentes de todas as regiões do país.

[Sergio Brito – coordenação de produção]: O ineditismo de uma instituição da área de saúde, ter essa, o que eu chamaria assim, incorpora o diálogo de práticas de cultura. Aí você organiza a 1ª Mostra, inscrevem-se quase 80 títulos, e nós ficamos iguais uns loucos de felicidade. Aí faz um circuito que percorre o país inteiro. Isso demonstra, há espaço. Não só há espaço, como há necessidade. E eu acho que isso, essa necessidade permanece.

[Tania Santos – chefe da VideoSaúde]: A cada mostra a gente via que surgia uma característica diferenciada. A 1ª Mostra, quem produz mais são as instituições públicas, vídeos muito longos, que abordavam muito mais as doenças; na 2ª, com relação à essa coisa da entrada de muitas instituições financiadoras de produções, a gente percebe que entram as ongs. As ongs entram e então o perfil de produção é outro. São mais produções curtas que vem acompanhando a questão de televisão, novas produções. Começa a aparecer outros segmentos sociais que na verdade implica em uma série de coisas, de formalização, questões de direito autoral. A gente faz a mostra itinerante, a gente monta as videotecas, tem outras atividades que vão sendo incorporadas. Que a gente vai fazendo cessão de imagens para outros produtos. Então assim outras instituições e até TVs nos procuram para poder estar utilizando imagens. Então isso vai se constituindo num mercado e na verdade vai ampliando muito esse acervo. Hoje na verdade a gente assim tem um público completamente diferenciado. Nós temos alunos de ensino fundamental, de ensino médio, de graduandos, de pesquisador, de associação de moradores, sindicatos.

[Nilson Moraes – professor da UniRio]: Uma das experiências mais marcantes da minha vida foi um Congresso da Abrasco em Brasília. Eu vi pessoas que se inscreveram no congresso e participaram do primeiro dia ao último dia do congresso sem ter entrado no congresso. Eles foram direto para a sala onde existia a mostra de vídeo de saúde. E eles acompanharam isso, quer dizer, a saúde e o trabalho daqui, não se prendeu única e exclusivamente ao debate fechado do tema da saúde. Ao falar da saúde, exatamente pelo conceito que se tem de saúde, você está falando da vida das relações sociais, das relações culturais, políticas. Ora, então você está produzindo, por exemplo, até unidade onde só existe fragmentos.

[Apresentadora – Neide Diniz]: Daqui a pouco, mais sobre a trajetória da VideoSaúde.

[Vinheta: Estamos apresentando VideoSaúde] / [Vinheta: Voltamos a apresentar VideoSaúde]

[Apresentadora – Neide Diniz]: Veja agora o último bloco da história da VideoSaúde.

[Neide Mascarenhas- atendimento ao usuário]: Tem muitas pessoas que nos procuram para que possamos ajudá-los a levar informações a instituições carentes, a associações

de moradores, comunidades, assim também como em outras regiões brasileiras. A nossa finalidade é justamente essa, poder ajudar e levar informação até onde pudermos.

[Sergio Brito – coordenação de produção]: Porque a gente carrega o sonho, não só do Oswaldo Cruz, mas do sujeito que lavava as coisas no laboratório, do barqueiro que remava com o Chagas andando pela Amazônia, da equipe que andava com Carlos Chagas no interior de Minas. Nós herdamos isso. E nós temos que preparar essas heranças para as próximas gerações que vêm aí. E eu acho que tem que ser, a palavra que diz isso é dignidade. Isso é fundamental.

[Áurea Maria da Rocha Pitta - sanitarista]: É um projeto que foi pensado por uma equipe que só conseguiu formulá-lo do jeito como ele foi formulado porque são pessoas que pensam a sociedade brasileira também de uma forma diferenciada. O projeto começou pequenininho, cresceu, teve dificuldades de se erguer institucionalmente, fincou suas bandeiras. Hoje em dia é um projeto que já faz 21 anos, ele tem uma estabilidade institucional, ele tem uma utilidade pública e isso tudo se deve ao fato de que a informação contida nesse acervo é uma informação que tem um uso social bem definido.

[Sergio Brito – coordenação de produção]: VideoSaúde, vem aquela coisa da memória toda. Assim, de quanto é que custou? Custou muito. Mas não é aquele sofrimento. Custou, mas não é aquele custar sofrido. Custou acontecer muita gente. Custou a gente esperar 10 anos para fazer um estúdio, cinco anos para comprar uma câmera profissional, mais não sei quantos anos para poder contratar pessoas que pudessem contribuir com o projeto. Mas ao mesmo tempo você olha para o castelinho brilhando nas vinhetas e fala: ainda temos muito o que fazer porque a população lá fora, mais do que precisa, ela quer.

[Umberto Trigueiros - diretor do ICICT]: A VideoSaúde está num momento de dar um salto, de dar uma virada, de colocar o audiovisual no cotidiano das atividades de informação e comunicação dessa unidade e da Fiocruz. Porque não é possível mais hoje, com as tecnologias disponíveis e com o fluxo que existe da comunicação e da informação, você tratar essas diferentes mídias separadamente. Existe uma convergência de mídias, uma interação de atividades de comunicação e informação que cria uma plataforma, uma possibilidade de você ter o audiovisual, a informática, a internet, o banco de imagens, o ensino, a pesquisa se comunicando e se falando o tempo inteiro.

[Paulo Gadelha – presidente da Fiocruz]: Quando dissemos que a informação e a comunicação é uma das áreas centrais e área finalística da instituição significa que nós estamos cumprindo com o nosso compromisso. E que passa a ser uma coisa muito gratificante de ver, 21 anos depois é maturidade, e maturidade não significa paralisar, construir novos desafios. E isso só se faz mesmo pela dedicação das pessoas, pelos espaços institucionais que são permitidos, induzidos e estimulados. E pela forma, vamos dizer assim, quase *exibicionária*. Eu lembro muitas etapas da construção, onde as condições de trabalho eram muito precárias, e isso vem melhorando, vem sendo construído. Então é uma trajetória exemplar e a Fiocruz tem muito orgulho de ter o VideoSaúde como um dos seus elementos centrais no campo da informação e da comunicação.

[Apresentadora – Neide Diniz]: A VideoSaúde distribui os produtos em seu acervo para todo o país. Veja como fazer os seus pedidos. [Cartela de informação] Até o próximo programa. Tchau. [Créditos finais].